

# João Medina

PENSAR E SENTIR  
A HISTÓRIA



*João Medina*

João Medina, professor catedrático jubilado de História na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, João Medina nasceu em Moçambique (1939), licenciou-se em Filosofia na Universidade de Lisboa (1966) e doutorou-se em Sociologia na Universidade de Estrasburgo (1970), tendo ensinado, de 1970 a 1974, na Universidade de Aix-en-Provence (França). Após a revolução portuguesa de 1974, regressou ao seu país, foi Director-Geral no Ministério da Comunicação Social (1975-1977), regressando depois ao ensino universitário. Jubilado em 2008. Ensinou ainda nas Universidades de Colónia (Alemanha), Pisa (Itália), USP (São Paulo, Brasil), Johns Hopkins University e Brown University (Estados Unidos) e fez conferências nos Estados Unidos da América do Norte, Espanha, Brasil (Universidades de Brasília, USP, Unicamp, Araraquara, Assis, etc.), Alemanha (Bona, Rostock, Francoforte e Colónia), Itália, França, Moçambique (Universidade Eduardo Mondlane), Israel, etc. Foi director da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* (1993-1997), dirigindo desde 2002 a revista *Clio*. Dirigiu, de 2002 a 2005, o Centro de História da Universidade de Lisboa.



# João Medina

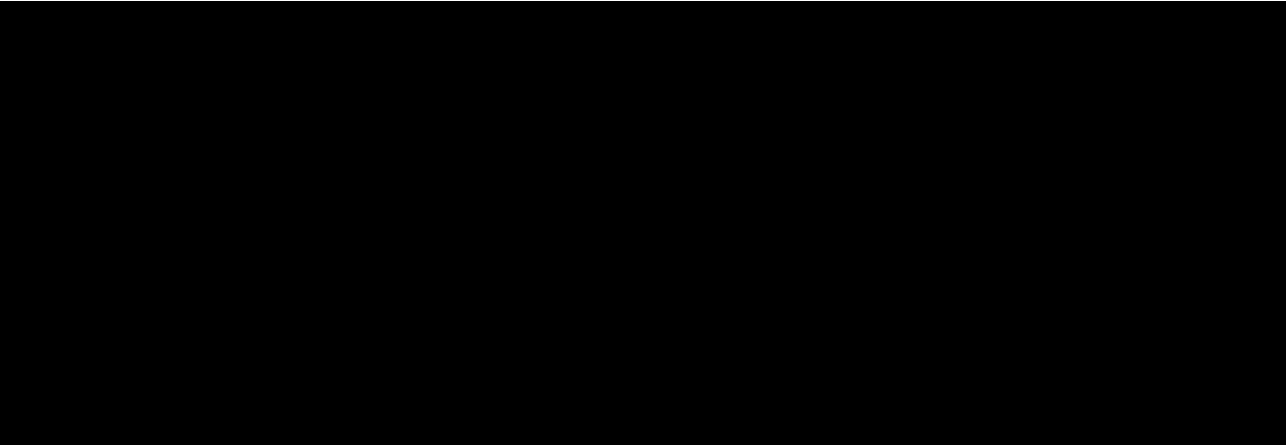
PENSAR E SENTIR A HISTÓRIA



Centro de História da Universidade de Lisboa

Lisboa

2009



# João Medina

PENSAR E SENTIR A HISTÓRIA



*João Medina*



CENTRO DE  
HISTÓRIA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

#### Ficha técnica

##### TÍTULO

JOÃO MEDINA

Pensar e Sentir a História

##### CAPA

Composição da capa feita por Clássica - Artes Gráficas a partir da gravura *Place des Quatre Dauphins, Aix-en-Provence*, ilustração de Christine Le Boeuf (1981). Foi nesta cidade, na Faculdade de Letras (Universidade da Provença) que João Medina iniciou a sua carreira de Professor Universitário (1970-1974).

##### COMISSÃO ORGANIZADORA

António Ventura; Sérgio Campos Matos;  
Ernesto Castro Leal; José Brissos

##### COORDENAÇÃO EDITORIAL

José Varandas

##### FOTOGRAFIA

Victor S. Gonçalves (João Medina - Estoril, 2007)

##### EDITOR

Centro de História da Universidade de Lisboa  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
Alameda da Universidade

1600-214 LISBOA

PORTUGAL

e-mail: [centro.historia@fl.ul.pt](mailto:centro.historia@fl.ul.pt)

[http://www.fl.ul.pt/unidades/centros/c\\_historia/](http://www.fl.ul.pt/unidades/centros/c_historia/)

##### COPYRIGHT

Centro de História da Universidade de Lisboa

##### DATA

Junho de 2009

##### EXECUÇÃO GRÁFICA/IMPRESSÃO

Clássica - Artes Gráficas · Porto

##### DEPÓSITO LEGAL

000 000/09

##### ISBN

978-989-8068-04-0

##### FINANCIAMENTO

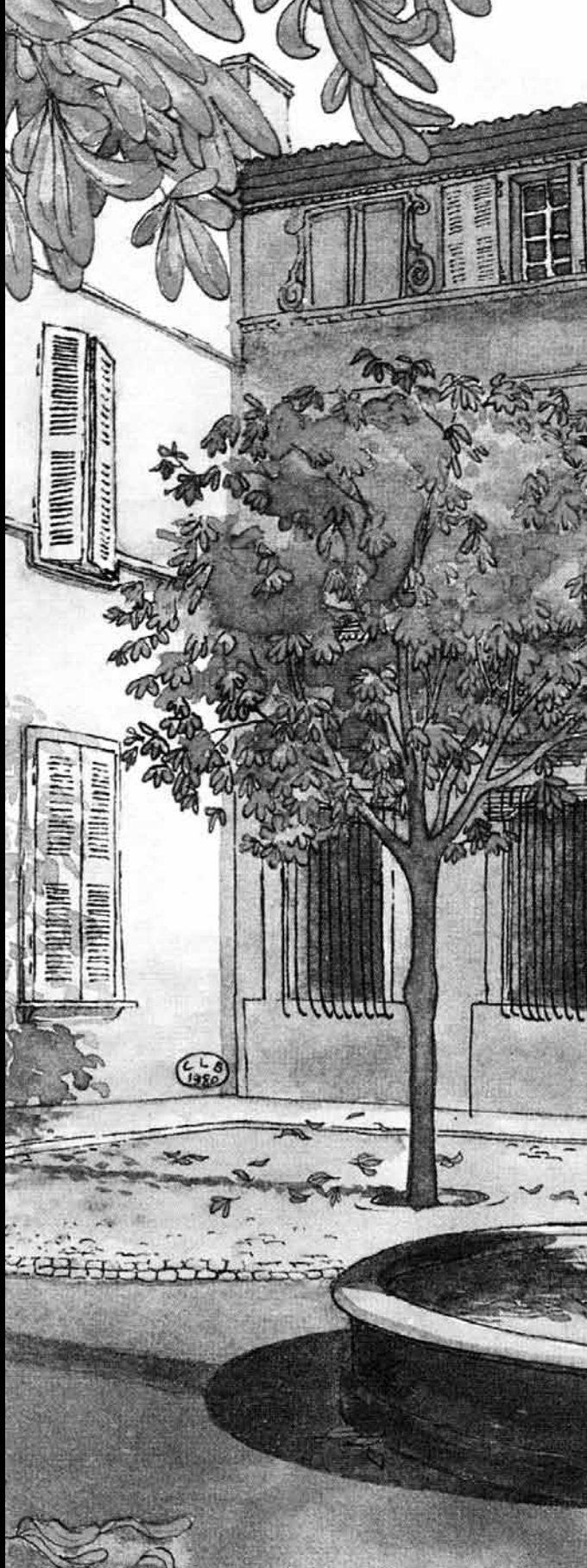
Programa Operacional Ciência e Inovação do Quadro  
Comunitário de Apoio III  
Câmara Municipal de Cascais

ciência Inovação  
2010

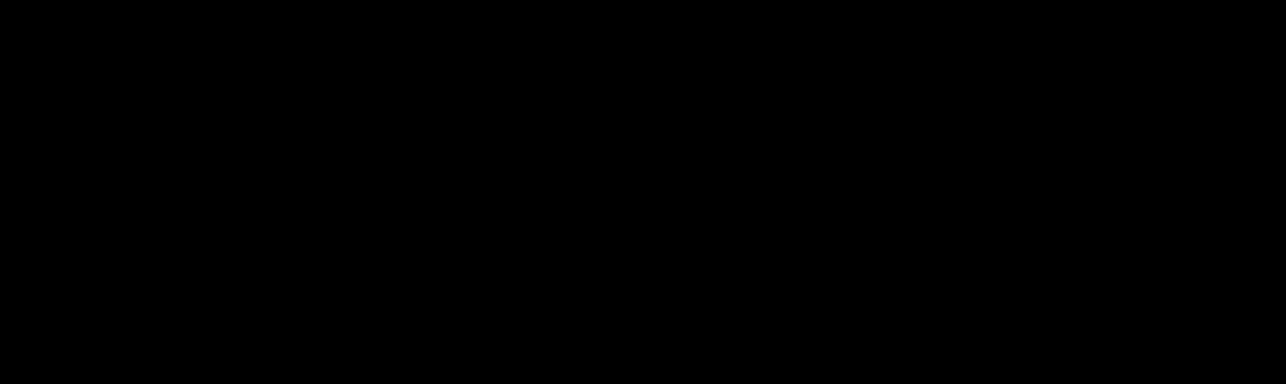
**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

**Cascais**  
Câmara Municipal









## **I - APRESENTAÇÃO**

- 11** Cinquenta Anos depois...  
**António Ventura**

## **II - PERCURSOS**

- 17** Marcas de uma biografia académica e intelectual  
**Sérgio Campos Matos**  
**Ernesto Castro Leal**

## **III - TESTEMUNHOS**

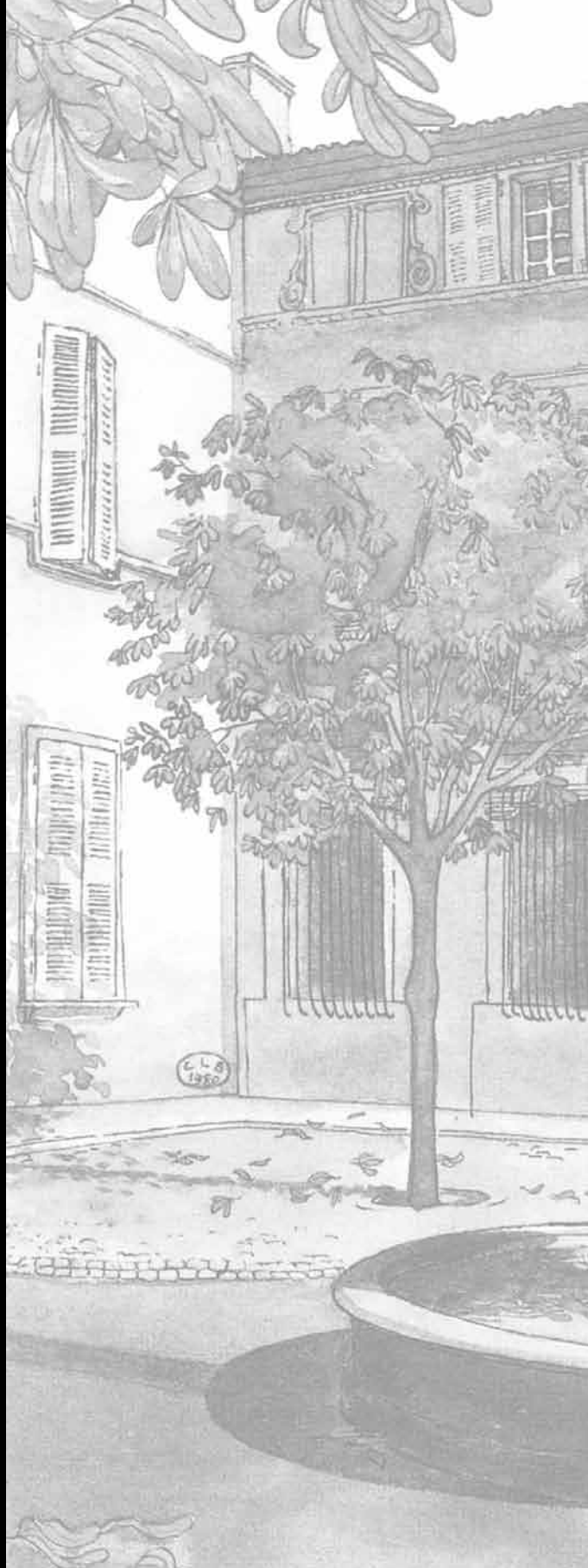
- 27** João Medina. Discurso na praia dos naufragos  
**Joaquim Cerqueira Gonçalves**
- 37** João Medina - entre um braço gravado e o mar aberto  
**Manuel Clemente**
- 41** Na peugada de Teseu  
**Norberto Ferreira da Cunha**
- 41** João Medina e os *Náufragos do Mar da Palha*  
**Onésimo Teotónio de Almeida**

## **IV - AUTOBIOGRAFIA**

- 51** O Labirinto do Exílio  
**João Medina**

## **V - BIBLIOGRAFIA DO PROFESSOR JOÃO MEDINA**

- 63** Nota prévia  
**José Brissos**





## I - APRESENTAÇÃO





## CINQUENTA ANOS DEPOIS...

«O agradecimento é a memória do coração»

Lao-Tsé

Há 28 anos decidi concretizar um velho sonho que as vicissitudes da vida – o serviço militar e a mudança de regime ocorrida em 1974 – determinaram que fosse sucessivamente adiado: regressar à Faculdade de Letras de Lisboa e concluir a licenciatura em História. O meu interesse pela História vinha dos bancos da escola primária – agora já não se usa este termo por politicamente incorrecto... – e já tinha publicado três livros, com alguma colaboração na *Seara Nova*. Não foi fácil iniciar essa nova fase da minha vida uma vez que estava a leccionar em Arronches e só me podia deslocar a Lisboa uma vez por semana. Tempos agrestes, em que os quase 500 quilómetros que devia percorrer por dia eram feitos por caminhos muito diferentes da rede viária de hoje. Por isso, havia que conciliar o que dificilmente podia ser conjugado: um horário em que coincidissem no mesmo dia as cadeiras necessárias, permissão dos respectivos professores para que eu frequentasse apenas metade das aulas previstas e, finalmente, a ténue hipótese de poder escolher algum professor que já conhecesse, ainda que indirectamente, através de trabalhos publicados. Afinal, o que parecia complicado não o foi em demasia, chegou o quarto ano do curso e com ele a época que mais me interessava, a Contemporânea. Do elenco de professores oferecido havia um que já conhecia pela obra publicada tanto em revistas como em livro e que apreciava particularmente pela forma veemente como escrevia, contrastando com a generalidade dos textos historiográficos então produzidos, normalmente secos e previsíveis. O que

permitia ler com gosto e não por obrigação ou penitência. Lera diversos artigos seus publicados tanto na *Seara Nova* como na revista *Vértice* e o *Eça Político*. Tinha que conhecer pessoalmente esse professor e, mais do que isso, ser seu aluno. Decidi ir falar com ele no início do ano lectivo e expor-lhe a minha situação, isto é, manifestar o interesse de frequentar as suas aulas, mas com as reservas do tempo e da distância que só me permitiriam comparecer uma vez por semana. Recebeu-me cordialmente – até referiu um livrinho que eu tinha publicado há anos – e consentiu que frequentasse a turma com as limitações anunciadas.

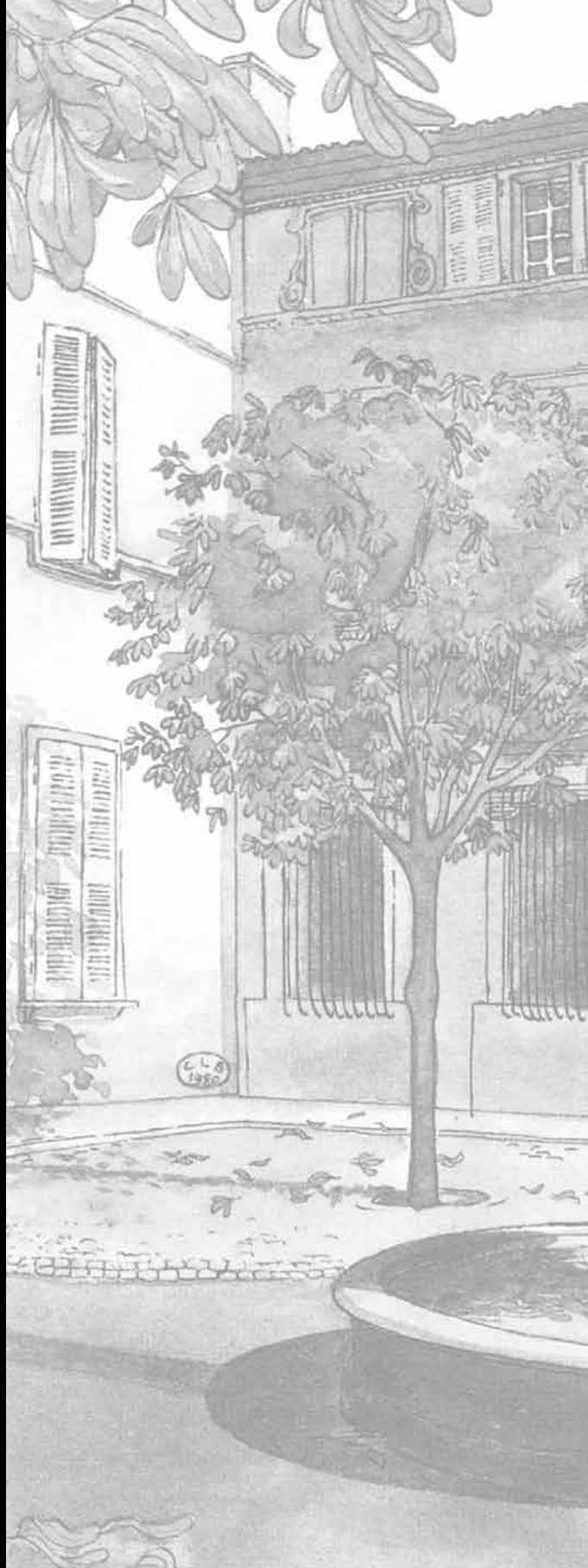
Foi assim que conheci João Medina. Essas aulas despertaram a minha atenção para novos campos que nunca me tinham interessado, em especial o da História da Cultura e das Mentalidades, e para a necessidade de olhar para a História, não como uma espécie de território ilhado, mas na sua relação com outros campos do saber – Literatura, Filosofia, Arte... – numa incessante dialéctica que derruba fronteiras e enriquece, pela integração e pela contaminação positiva. Depois da licenciatura fui seu aluno de mestrado – o primeiro mestrado em História Contemporânea da Faculdade de Letras –, que concluí quando já tinha entrado para o Departamento de História da Faculdade, seguindo-se o doutoramento, sempre com orientação sua. E naquele Departamento fiz toda a carreira, desde assistente estagiário até professor catedrático, num convívio de muitos anos, com numerosos projectos comuns dentro e fora da Universidade. Segui, por isso, toda a produção de João Medina, fundamental, na renovação da historiografia portuguesa contemporânea, com tudo o que trouxe de inovador e de polémico. De entre as várias qualidades que a sua obra apresenta destaca uma que é rara entre os nossos historiadores: não deixa ninguém indiferente, suscita polémica, agita. Dessa actividade falam, neste volume, outros colegas, com maior propriedade.

Mas o tempo corre inexoravelmente. A aposentação de João Medina serve de pretexto para a edição deste volume que não é uma homenagem no sentido habitual. As homenagens são frequentemente feitas por obrigação ou por reparação, tantas vezes demasiado tarde. Neste caso, o melhor tributo que o Centro de História da Universidade de Lisboa podia testemunhar a João Medina, seu antigo Director, foi este livro, onde a par dos depoimentos

de colegas e amigos se arquiva a sua vasta obra historiográfica e não só, com uma dimensão invulgar que dá sentido à célebre frase de Confúcio: «Transportai um punhado de terra todos os dias e fareis uma montanha». É também uma prova de estima, de admiração e de amizade que aqui deixamos, englobando neste plural todos os que contribuíram para a sua elaboração, nomeadamente a Câmara Municipal de Cascais, na pessoa do seu Presidente, Dr. António d'Orey Capucho.

*António Ventura*

(Director do Centro de História da Universidade de Lisboa)





## II - PERCURSOS





## MARCAS DE UMA BIOGRAFIA ACADÉMICA E INTELLECTUAL

João Medina nasceu em 1939 em Lourenço Marques, hoje Maputo, decorria já a II Guerra Mundial. Aí e em Joanesburgo (África do Sul) fez os seus primeiros estudos. Em Lisboa frequentou o Colégio Militar, concluindo depois o ensino secundário liceal na sua cidade natal. Regressado a Lisboa, licenciou-se em Filosofia na Faculdade de Letras (1966), defendendo uma tese de licenciatura sobre o pensamento de Hegel – *Dialéctica da totalidade na «Fenomenologia do Espírito» de Hegel* (1966). Por essa época, na Faculdade de Letras, vivia-se um ambiente intelectual marcado pelas culturas de protesto contra o Estado Novo e, noutra plano, por professores como Manuel Antunes, Jorge Dias, Orlando Ribeiro, Vitorino Nemésio, Lindley Cintra, Jorge Borges de Macedo, Joaquim Veríssimo Serrão e Delfim Santos. Convidado por Delfim Santos para ser assistente da cadeira de História da Cultura Moderna, não chegaria a desempenhar essas funções devido à morte deste professor. De 1967 a 1970, com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, preparou o seu doutoramento em Sociologia na Universidade de Estrasburgo (*Lumières et Société – essai sur la sociologie des Lumières en France*, 1970) sob a orientação do Professor Julien Freund. Neste último ano foi nomeado professor de Cultura Portuguesa na Universidade da Provença (Aix-Marselha, Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Aix-en-Provence), cargo que manteve até 1974. Datam de então os seus primeiros estudos dedicados a Eça de Queiroz e ao olhar crítico do romancista sobre a sociedade portuguesa e a sua história, o sentimento de decadência, a persistente interrogação sobre a viabilidade de Portugal e a atitude pessimista do autor d' *Os Maias* que tanto o marcou (*Eça de Queiroz e o seu tempo*, Lisboa, Livros Horizonte, 1972, e *Eça Político*, Lisboa, Seara Nova, 1974).

Em colaboração assídua em periódicos como *Seara Nova*, *Vértice*, *Colóquio Letras* e o *Diário de Lisboa*, foi dando a conhecer os seus trabalhos não apenas no campo das ciências humanas mas da crónica, ensaio e ficção (*A ilha está cheia de vozes*, Lisboa, 1.<sup>a</sup> ed., 1971, 2.<sup>a</sup> ed., 1978 e *Novas aventuras de Gulliver*, Lisboa, 1974). Situando-se no campo da oposição ao Estado Novo, manteve, por essa época, debates públicos com Mário Sacramento (sobre Eça de Queiroz), Fausto Lopo de Carvalho (sobre Ramalho Ortigão) e, posteriormente, com António Quadros (sobre a ideia de Portugal, 1976).

Logo após o 25 de Abril, João Medina regressou a Portugal, tendo exercido as funções de Director-Geral da Divulgação no Ministério da Comunicação Social (1975-77). Criou então as Edições Terra Livre (em que publicou, por exemplo, *Portugal Reencontrado*, as *Memórias Políticas* de José Relvas e *Imagens do Portugal Queiroziano*, de A. Campos Matos) e renovou a revista *Portugal Informação* (II Série). Nessas funções organizou duas exposições: uma sobre o 5 de Outubro de 1910 e outra sobre a Resistência ao Estado Novo e o 25 de Abril. Na sequência de uma curta passagem pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em Março de 1979 foi admitido em concurso na Faculdade de Letras de Lisboa, onde começou a leccionar a cadeira de História Contemporânea de Portugal. Além daquela cadeira, regeu também na licenciatura de História, História Cultural e das Mentalidades (séculos XVIII a XX) e Teoria da História, bem como os seminários de «Sidonismo» (1979-80 a 1983-84) e «Republicanismo» (1983/84). Em 1984 abriu por sua iniciativa o I Curso de Mestrado em História Contemporânea na FLUL (que coordenou até 2008).

Já tinha então dado a lume estudos sobre a relação entre a Geração de 70 e Alexandre Herculano (*Herculano e a Geração de 70*, Lisboa, 1977), Salazar e a sua relação com os fascistas (*Salazar em França*, Lisboa, 1977, *Os primeiros fascistas portugueses*, Coimbra, 1978 e *Salazar e os fascistas*, Lisboa, 1979). Relevante para o reconhecimento da recepção de Salazar e do Salazarismo no exterior, foi a divulgação crítica que fez de alguns panegiristas do ditador em Espanha e principalmente em França, não esquecendo os seus críticos como por exemplo Miguel de Unamuno ou Simone de Beauvoir. Deve-se-lhe também a precisão das diferenças entre o conservadorismo católico formalista de Salazar e o revolucionarismo de inspiração mussolinesca de Rolão Preto

(desde 1922), com tentações e ilusões hitlerianas em 1933-34. A entrevista que fez a Rolão Preto e publicou no livro de 1979 é um documento imprescindível para a história das direitas antiliberais portuguesas.

Esta última temática seria frequentemente revisitada e daria origem a vários outros livros, com destaque para *Salazar, Hitler e Franco*, Lisboa, 2000 (veja-se a este respeito, Manuel de Lucena, «Entre lucidez e paixão», *Análise Social*, n.º 160, Lisboa, 2001), e também a vários outros ensaios, por exemplo a propósito das imagens de Salazar na caricatura, na escultura e na pintura. Em *European Fascism: a conceptual synthesis*, conferência proferida em Março de 1994 no Watson Institute da Brown University, publicada na revista *Clio* (Lisboa, 1996), apresentou de forma detalhada as características comuns e divergentes dos autoritarismos e totalitarismos europeus ocidentais de 1919 a 1945, passando a constituir um relevante inventário comparativo.

Desde 1980 fez parte da Comissão Directiva do Centro de História da Universidade de Lisboa, onde viria a desenvolver continuada actividade como director da linha de investigação em História Contemporânea e co-dirigindo a revista *Clio* (I série). Entre as temáticas que então privilegiou encontravam-se já a simbologia, iconologia e mitologia do republicanismo português, domínios em que desenvolveu estudos dedicados à bandeira nacional, ao hino, ao estereótipo nacional Zé Povinho, à simbólica feminina da República e ao messianismo nas suas múltiplas variantes. Neles explorou as continuidades e permanências, sob novas formas, de cores, símbolos, formas e comportamentos que persistiram para além das mudanças políticas formais: antes e depois da implantação da I República (1910). Nos temas políticos republicanos, salientam-se estudos sobre a Carbonária Portuguesa, a revolução republicana e a «adesivagem» às novas instituições, dando relevo, neste último caso, ao confronto político entre o republicanismo radical de Machado Santos, defensor de uma postura intransigente face à elite política monárquica, e o republicanismo demoliberal institucional de Afonso Costa ou de António José de Almeida, abertos à colaboração ao mais alto nível do Estado por parte de conversos ao republicanismo após a revolução. Como já tinha explicado nos seus estudos sobre o 5 de Outubro ou sobre o «herói da Rotunda», o problema começara com a constituição do Governo Provisório, ao arrepio da lista governamental defendida por Machado Santos. Os resul-

tados desses trabalhos encontram-se publicados na *História Contemporânea de Portugal* que dirigiu (Lisboa, 1985-90) e no volume «*Oh! a República!...*» (Lisboa, 1990). Entretanto coordenou a coleção *Cadernos Clio* em que se publicaram os volumes *Guerristas e anti-guerristas* (Lisboa, 1986) e *Estudos sobre António Sérgio* (Lisboa, 1988).

Poucos anos depois, João Medina viria a dirigir a *História de Portugal desde os tempos pré-históricos aos nossos dias* (15 vols., Lisboa, 1993; reeditada em 1998 e em 2004), com colaboradores de diversas universidades, portuguesas e estrangeiras. Para além das temáticas já referidas, aí deu atenção a outros temas que há muito despertavam o seu interesse como o sebastianismo, Voltaire e Portugal, o III Império português, o Panteão, a crise colonial do final de Oitocentos em Portugal e Espanha e as campanhas militares em África nessa mesma época. Ou a figuras de políticos, intelectuais e artistas que, de um modo ou doutro, divergiram das situações políticas em que viveram, em atitudes diversas de vanguardismo crítico: Alexandre Herculano, Antero de Quental, Eça de Queiroz e outros intelectuais da Geração de 70, Machado Santos, João Chagas, Fernando Pessoa, António Sérgio, Humberto Delgado, Jorge Botelho Moniz, José Rodrigues Miguéis ou João Abel Manta. Por outro lado, regressava de um modo recorrente a temas da sua predilecção, alargando e desenvolvendo interpretações anteriores: Eça de Queiroz e a Geração de 70 (*As Conferências do Casino e o socialismo em Portugal*, Lisboa, 1984; *A Geração de 70, geração europeísta e revolucionária*, Cascais, 1999; *Reler Eça de Queiroz*, Lisboa, 2002), Sidónio Pais e o sidonismo (*Morte e transfiguração de Sidónio Pais*, Lisboa, 1994; *O «Presidente-Rei» Sidónio Pais*, Lisboa, 2007). E, sempre, Salazar e o fascismo, indagando a especificidade da ideologia e mentalidade salazaristas, a propósito da trilogia «Deus, Pátria, Família», que funcionou como divisa política e educativa do regime autoritário, inscrita no programa do catolicismo conservador neotomista, antiliberal e anti-socialista, muito devedor das encíclicas papais, a partir do Papa Leão XIII. O ideal rústico, a sociedade orgânica, a família nuclear, o Estado forte, uma contida modernização e um império a conservar eram tópicos dessa especificidade, vertida no «viver habitualmente», que afastava nalguns aspectos essenciais o salazarismo do fascismo italiano, aproximando-os noutras dimensões. João Medina deu contributos relevantes para esse debate, que ainda hoje continua.

Noutros domínios, investigou a recepção na cultura e na política portuguesa de Victor Hugo e da questão Dreyfus, reflectiu sobre a América e as representações do Novo Mundo no imaginário europeu, analisou a transição democrática em Portugal e Espanha, as relações Portugal-Espanha, agora na óptica dos intelectuais espanhóis – de Larra a Ortega, passando por Perez Galdós e Miguel de Unamuno (*Ortega y Gasset no exílio português*, Lisboa, 2004) e explorou dois casos de vivências em exílio: os escritores alemães Klaus Mann e Thomas Mann (*Dois exilados alemães. Klaus Mann e Thomas Mann*, Lisboa, 2003). O cinema, outra das suas paixões, na relação com a história, foi, por exemplo, objecto de análise a propósito de *O Grande Ditador* (1940) de Charles Chaplin (Lisboa, 2004).

A compreensão da figura do Zé Povinho enquanto estereótipo nacional ou representante de um certo modo de ser português – sucessivamente retratado e reinventado por artistas portugueses, de Rafael Bordalo Pinheiro, seu criador, a João Abel Manta –, que constituíra tema da agregação defendida em 1987 na Universidade de Lisboa – voltaria a ser alargada em *Zé Povinho sem Utopia* (Cascais, 2004) e *Caricatura em Portugal. Rafael Bordalo Pinheiro, pai do Zé Povinho* (Lisboa, 2008). Neste mais recente volume, profusamente ilustrado e legendado (como aliás sucede noutros livros do autor), o artista Rafael Bordalo é situado num panorama da caricatura política em Portugal, indagando-se os sentidos do seu olhar sobre o Portugal da Monarquia Constitucional.

A colaboração em diversos meios de comunicação social – na imprensa periódica (destaque para colunista no *JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias*), em programas radiofónicos (designadamente na Antena 2) e na televisão – alargou-se entretanto no âmbito da Universidade Aberta, nomeadamente na realização de diversos programas televisivos e depois na publicação de um manual (*História de Portugal Contemporâneo político e institucional*, Lisboa, 1994). Experiências de ensino em universidades estrangeiras permitiram-lhe dar a conhecer os seus estudos: Colónia (Alemanha), Pisa (Itália), Universidade de São Paulo (Brasil), Johns Hopkins University e Brown University (Estados Unidos), nestas últimas como *Visiting Professor*. Nestas e noutras universidades – e também na Biblioteca do Congresso em Washington – pronunciou conferências: no Brasil (Brasília, Unicamp, Araracuara, Assis), Alemanha, Itália, França, Israel (Haifa), Moçambique e Angola. Em Lisboa, na Faculdade

de Letras, coordenava os cursos de Mestrado em História e Cultura Europeia Contemporâneas (2003-2005) e Cultura e Formação Autárquica (2002-2006).

Professor Catedrático desde 1988, foi ainda director da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* (1993-1997) e, desde 2002, de *Clio*, II Série. No Centro de História, de que foi director (2002-2007), dinamizou entretanto um projecto de investigação sobre identidade nacional que daria lugar à realização do colóquio internacional *Nação e Identidades. Portugal, os Portugueses e os Outros*, FLUL, 2005. Largamente desenvolvida, a conferência que aí apresentou viria a dar origem ao livro *Portuguesismo(s) – acerca da Identidade Nacional* (Lisboa, 2006), em que sistematiza um inventário crítico das «imagens de marca» identitárias, mitos culturais e emblemas portugueses, processo que tivera no ensaio *Não há Utopias Portuguesas* (1979) um momento de problematização. Num outro registo, o da ficção, dava a lume, nesse mesmo ano, o romance *Náufragos do Mar da Palha* (Lisboa, 2006), em que para além de uma reflexão sobre o percurso histórico nacional, se encontra uma indagação existencial e metafísica sobre a vida e a morte, a crença e o nada. Quatro anos antes tinha publicado as recordações ficcionadas *Memórias do Gato que Ri* (Lisboa, 2002) que, além de um percurso de vida, retratam as atribulações de uma geração que viveu intensamente os tempos finais do Estado Novo e a Revolução de 1974. Retomava ainda uma interrogação radical sobre a figura de Deus desenvolvida no ensaio *O Silêncio de Deus em Auschwitz* (Cascais, 2001), sendo de aí notar a presença da Teologia Negativa (Pseudo-Dionísio Areopagita) e do pensamento cristão, da Bíblia a Eckhart e Pascal (apesar de ser não-cristão e assumidamente marrano), não esquecendo autores como Hannah Arendt e Rosenzweig.

No campo da história, três pólos principais de interesse mobilizaram João Medina ao longo de quatro décadas: o pensamento e acção de críticos sistemáticos dos sistemas (a partir de dentro ou de fora), dissidentes e heterodoxos; por outro lado, a caracterização política, institucional e cultural desses mesmos sistemas doutrinários, daqueles que detiveram o poder político e os modos como o exerceram, com atenção mais detida nos casos de Sidónio Pais e de Salazar – daí o recurso ao conceito weberiano de carisma. Noutra óptica, a problemática das identidades nacionais – sobretudo a portuguesa

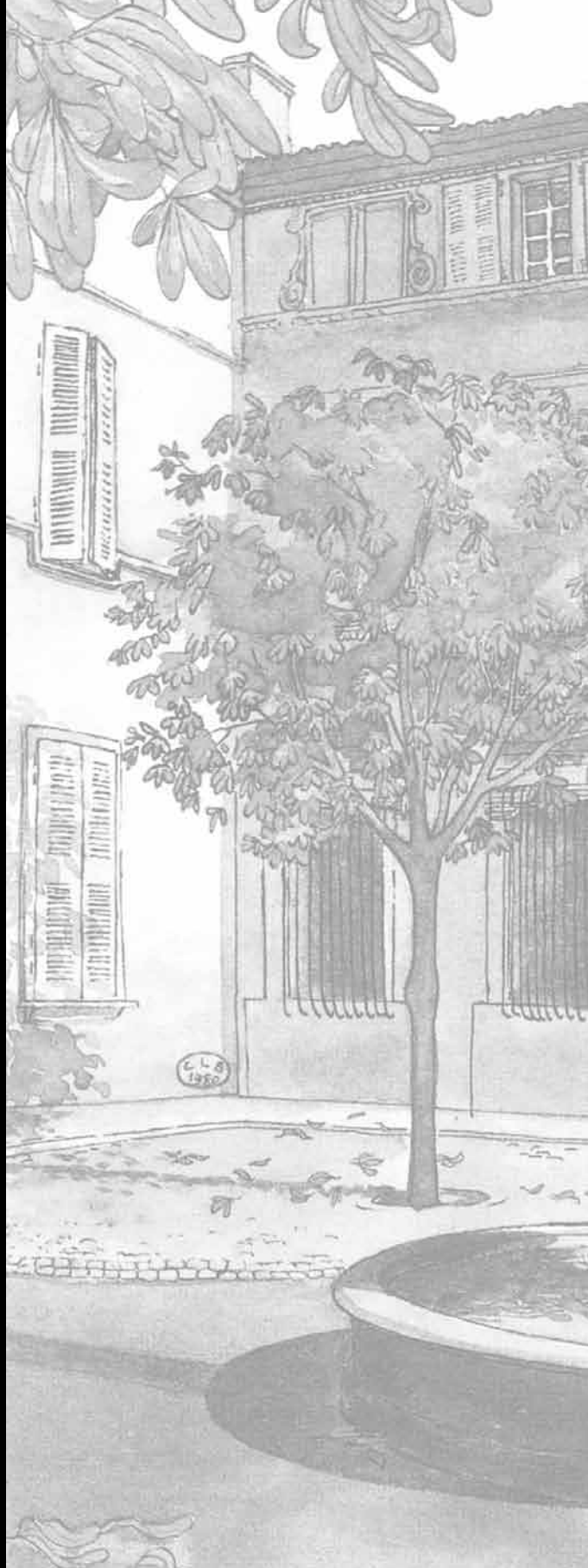
e a judaica – e os múltiplos modos como cristalizaram em símbolos, mitos, monumentos públicos e objectos artísticos.

Alheia a sistemas teóricos que tanto marcaram a historiografia portuguesa nos anos 60 e 70 – marxismo e estruturalismo – a sua obra apresenta uma configuração, não isenta de tensões, entre um cepticismo crítico com evidentes raízes em Nietzsche e uma posição histórico-sociológica marcada pela leitura de Max Weber. Por outro lado, é nela evidente a marca da historiografia francesa (Paul Veyne, P. Nora, François Furet e Michel Vovelle).

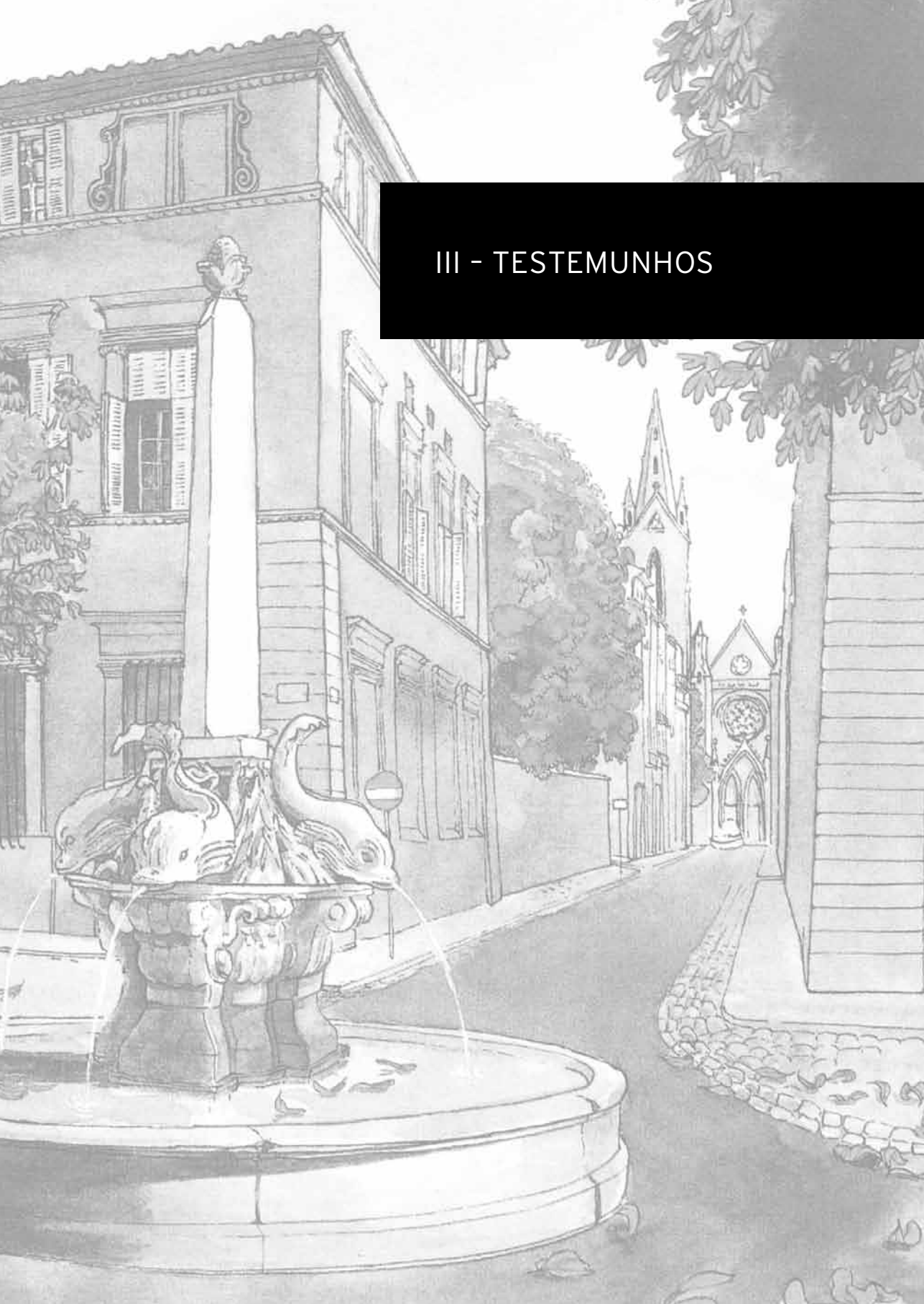
A visão da cultura portuguesa como um todo, em sentido diacrónico, convive com a concentração no detalhe significativo, com frequente recurso à nota erudita, informativa e explicativa. A persistente atenção aos clássicos – com destaque para Homero (*Ulisses, o Europeu*, Lisboa, 2000), Shakespeare, Cervantes ou Camões, sem esquecer grandes ficcionistas contemporâneos – deixou recorrentes sinais nos seus estudos e levou-o a problematizar a relação entre história e ficção como «mentiras verdadeiras», a propósito da obra *«Vida e Destino»* de Vassili Grossman (*Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, 1985, estudo retomado em *Auschwitz e Moscovo*, Lisboa, 2006). Refira-se, por último, a par de um olhar desencantado sobre o presente e o passado próximo, a sua adesão crítica a um Europeísmo renovado bem patente no interesse pela discutida temática do espírito europeu – figuras, emblemas e mitos – e da unidade europeia – ideia de Estados Unidos da Europa e símbolos da União Europeia. O que também se coaduna afinal com a diversidade de interesses e a sede de absoluto que sempre o motivou.

*Sérgio Campos Matos*

*Ernesto Castro Leal*



### III - TESTEMUNHOS







JOÃO MEDINA.  
DISCURSO NA PRAIA DOS NÁUFRAGOS

Os textos de homenagem tendem, geralmente, na área académica de Humanidades, para uma tríplice direcção laudatória: valor profissional – docência –, obra escrita, perfil da personalidade. Verdadeiramente, o que se celebra, no caso presente, é tudo isso, mas a produção literária acima de tudo, sem no entanto dissociar do seu autor, embora, nas instituições escolares, a actividade profissional costume sobrepor-se a todos os outros títulos. Na escola de Humanidades, porém, como a Faculdade de Letras, os traços profissionais, ao contrário do que aconteceria na área de Técnicas, ficam, de per si, muito esbatidos, já que aí o horizonte fundamental é a linguagem natural que, pela sua abrangência, dificulta afunilamentos de especializações, sem no entanto diluir o estilo e os territórios pessoais. Se, no espaço das Humanidades, em que João Medina se movimenta, realçar a acção deste, como professor, redundaria numa empobrecedora simplificação, a perspectiva adequada e justa, para não perder o seu veio mais significativo, não se nos oferece, todavia, espontânea e imediatamente. João Medina é, por um lado, um escritor, cuja complexidade a obra não esgota, mas, por um outro, ele é o autor-escritor produzido pela própria obra, sendo este, o autor que a obra plasmou, o que menos nos pode trair, na tentativa de desenhar o perfil do autor dessa mesma obra, cuja acção não fica restrita a esta. Estamos perante uma complexidade que não pode ser orientada apenas pelo consabido trocadilho *o autor é a obra* ou *a obra é o autor*.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Conheci João Medina, ainda aluno da Faculdade de Letras de Lisboa, sendo eu já docente, nessa mesma Escola. A sua presença não podia ficar despercebida, porque, já nessa fase do seu percurso académico, era notada a sua activa e inconfundível participação nas aulas, um modo de ser e de actuar que o futuro confirmaria e desenvolveria, tendo nas esparsas leituras autobiográficas de Medina uma referência significativa. Acompanhei, mais tarde, a sua acção,

Falar do escritor, todavia, seja ele qual for, não é tarefa fácil, menos ainda na leitura da obra escrita de João Medina que, *in actu exercito* e em asserções explicitamente assumidas, nos conduz ao estrato profundo da linguagem, do qual esta é expressão – a cultura. É desta que as Humanidades se alimentam, devendo a estatura do escritor ser aferida pela sua cultura, que não se cifra na riqueza da erudição, embora se possa pacificamente adiantar que, no caso de João Medina, deparamos com um fenómeno ímpar de cultura e de erudição. Retomando a articulação escritor/professor, acrescente-se que ela, em João Medina, reveste uma específica configuração: nem é um puro escritor, se apreciarmos este apenas por critérios estéticos, nem é o professor típico, se bem se reconheça, desde já, a sua fundamental contribuição, sempre à margem do programa, diga-se, à escola, mais concretamente à área da história – ele que não se considera historiador, não obstante ter dirigido uma enorme edição de *História de Portugal* –, precisamente porque levou à história académica o que ela não costuma desenvolver, o raizame cultural e, neste, o reino da complexidade, onde o próprio drama humano, não apenas o registo dos extermínios bélicos, tem lugar. Pouco moldável à instituição escolar e ousado contestador dela, o que João Medina recusa é o papel de docente repetidor ou de mero transmissor de conhecimentos, função que, paradoxalmente, a escola-ciência do Ocidente continua, hoje, a alimentar.

O subtítulo do presente texto – *Discurso na praia dos naufragos* –, com o qual se pretende cunhar, de algum modo, a figura de João Medina, merece um

---

agora como docente da mesma Faculdade, em tarefas comuns, designadamente na direcção da Revista da Faculdade de Letras, e também em causas comuns, com destaque para o conturbado período que se iniciou em Abril de 1974 e se prolongou, em formas muito diversificadas, por alguns anos. Por amizade e apreço, tive o privilégio de ser dos primeiros leitores de alguns dos seus escritos, passando, a partir daí, a ver, prioritariamente, João Medina como escritor. Mas se a obra representa, dialecticamente, o autor que o autor permitiu que víssemos, a de João Medina vedou sempre uma outra dialéctica que não será contemplada no corpo do presente texto: a dialéctica entre o João Medina público e o João Medina familiar. Quase todos os rótulos, com que o escritor João Medina masoquisticamente se estigmatiza, não atingem a sua condição de Marido, de Pai e de Avô. Afinal, a Pátria literária, que este exilado não encontrou, nunca tolheu a sua acção, porque foi sempre bem acalentada pela Pátria familiar. Se a palavra é sempre, mesmo que a contragosto, um gesto de esperança, a que João Medina procurou e difundiu está recompensadamente plasmada na grande presença das suas pequenas Netas: MARTA e MATILDE.

breve esclarecimento. *Náufrago* é um tópico-chave da obra de João Medina, que, aliás também consubstancia os termos do título dum romance seu, *Os Náufragos do Mar da Palha* (2006). Não obstante os naufragos aí retratados terem, preferencialmente, rostos portugueses, o quadro destes não deixa de representar a radical e universal condição humana, que os lusitanos, confundidos com suas desventuras, inclusivamente actuais, por antonomásia, encarnam.

O sentido de naufrago remete para uma situação de insucesso, de desastre, de possível caminho para a morte, mas não ainda de fase terminal e última, que será inevitável, a prazo, mas podendo desfrutar ainda de um suplemento de vida – o adiamento da morte –, que representa, afinal, o único momento da existência que nos é dado cuidar, uma vez que o naufrágio ontológico, a aparição da vida, esse está fora do nosso alcance – o verdadeiro pecado foi ter nascido, sentenciará Medina, na sua frequente linguagem gnóstica. Mais do que assumir essa incontornável situação de naufrago da vida humana, pretende João Medina aguentá-la por mais um tempo, mediante a palavra – a casa onde habita alguma eficácia e perenidade –, para, assim, desconstruindo a situação, ora denunciar as ilusões da existência, ora lançar, à mistura, algumas sementes, senão de esperança, pelo menos de entretenimento e acalmia. Esta sina de naufrago é universalizável, reconhecível tanto na jangada lusa que, no decurso da sua história, tantas vezes naufragou – todavia com a hipótese de abalar da praia e se dirigir para o campo aberto da Comunidade Europeia –, como também na existência de todo o humano, aguardando, em qualquer lado, mais um icto de respiração.

**1. Homem da cultura** – João Medina é homem *da* cultura: é na cultura que a humanidade se plasma, sendo ainda nela que se desenvolvem os traços fundamentais dos indivíduos e dos povos. Medina apresenta-se, entretanto, neste ponto, altamente ambíguo, talvez porque é complexo o seu ADN cultural: sempre muito situado na sua imediatez cultural e geográfica, nascido em Moçambique, filho de um judeu cabo-verdiano, ele, meio-judeu, assume tanto a sua condição de português, como sente as tribulações do povo judeu, gente de nação, povo da Aliança, lamentando sobretudo as que resultaram da perseguição que os portugueses, russos e franceses, entre outros, lhe moveram. Muito concretamente, fazendo do filósofo Espinosa um caso exemplar, João

Medina integra-o na dialéctica perseguidor, Portugal, e perseguido, o judeu que teve de emigrar para a Holanda.

**2. Cultura e dialéctica** – Vendo na causa da depressão lusa – esta miséria portuguesa – a falta de movimento dialéctico entre contrários, aponta, como contraste, o itinerário errante do povo judeu. A vida assim concebida, como dialéctica da cultura, explica que não tem sentido desenhar perfis biográficos de João Medina, mesmo que ele nos forneça, explicitamente, abundantes elementos autobiográficos, aliás de recortes psicológicos e psicanalíticos significativos, mas que acabam por constituir picos dialécticos, na procura de uma síntese, nunca encontrada, entre portuguesismo e judaísmo, tentando, mais do que a vitória de um deles, o resgate dos dois.

A dialéctica da cultura, melhor dito, das culturas, na qual Medina se vê estruturalmente envolvido e que precede todos os saberes, se esclarece, como já foi referido, a sua intencional recusa de ser contado entre os historiadores, não obstante o seu compromisso institucional com os quadros da história, indicia também, ao mesmo tempo, a sua proximidade da filosofia – a presença de Hegel e Nietzsche é indisfarçável –, cujo ensino, aliás, inclui enfaticamente no seu currículo, que é de teor mais cultural e literário do que profissional.

A cultura supõe movimento orgânico de alteração, sendo este regido por tensões entre contrários. Não há sínteses verdadeiras – boas –, sem passar pelo encontro contrastante e conflituoso de contrários. Mas, pergunta-se, para onde se dirige a predilecção de Medina: para a exacerbação mediadora da luta ou para a síntese pacificadora? Sendo os dois momentos constitutivos da dialéctica, a obra de Medina é um sinal dirigido aos náufragos, acantonados na praia, mas desejosos de saltar para terreno firme e tranquilo, representando o discurso vulcânico e a contundência dos termos uma exortação à não conformação com a fatalidade e à não cedência à fadiga, uma mensagem redigida, particularmente, para acordar a sonolência lusa.

Sendo o modelo da cultura a artefactação, que não é condicionada por hipotéticos argumentos fatalistas, arrancados às leis da natureza, é na arte que João Medina inscreve o sentido, o progresso, o iluminismo, o inconformismo. A arte não é a descrição da realidade, mas a sua construção, muito especialmente pela poética da palavra. É neste contexto que se devem ponderar as desfigu-

rações hiperbólicas, em registo negativo ou positivo, a que Medina sujeita as acções, os seus actores e autores, bem como os acontecimentos, imprimindo em tudo uma tal violência verbal que somente a ironia da caricatura, com grande acolhimento nas suas análises, alivia a constrição provocada. Sem estas desproporções dos elementos da dialéctica, dificilmente se compreenderia a *ubris* humana, as imprudências que conduziram ao naufrágio, mas também o remanescente de capacidade humana para sobreviver, sobretudo o desejo de melhor viver – a síntese.

**3. A compulsão da palavra** – O discurso da linguagem natural é não só a privilegiada manifestação da cultura, mas também o fascínio da palavra para Medina, a que ele cede compulsivamente, por necessidade e por gosto, quase erótico, também por alguma impotência e desespero. É no artefacto do discurso sobretudo que ele constrói, transforma e aperfeiçoa a realidade. A paisagem não é dom da natureza, mas produção do talento do artista, seja ele o poeta, o pintor ou o escultor. Mas a palavra não é tudo, já que o húmus dela é a cultura. Medina sabe-o bem, ao não esquecer que a mesa do português não alimenta sem o bacalhau, tal como a piedade religiosa dos devotos lusos nada são sem Fátima ou Santo António. A história não se ocupa destas minudências culturais, sendo elas, no entanto, que timbram a psique dos povos, revelando-nos mais sobre o drama deles do que as tragédias bélicas, que ritmam o faseamento histórico, mas não a temporalidade da vida. Simétrico, todavia, da importância da palavra é o silêncio, o misterioso silêncio dos místicos, o dramático silêncio, pior ainda, o mutismo, de Deus – do Deus da Bíblia, que criou, nomeando –, perante os horrores do *Holocausto*, termo que Medina considera desagradável, sem que, na verdade, haja algum adequado para verbalizar essa indizível monstruosidade do século XX. Em João Medina, cujo ser é o dizer, há um projecto, constantemente reiterado, o do encontro com as incontornáveis figuras da tematização do silêncio – o Pseudo-Dionísio e o Mestre Eckhart.

Seja, ou não, o homem a obra – literária – e esta o homem, é pela palavra que a vida humana e o mundo se manifestam. É também a palavra que pode arrancar os desalentados naufragos à praia, para onde o infortúnio os despachou. Tudo acabando em pó, as palavras escritas, todavia, têm a possibilidade de serem hermeneuticamente resgatadas do seio dele. Embora

João Medina considere, em jeito existencial, que tem de ser o oleiro de si mesmo, porque de nada foi herdeiro, menos ainda da religião do Pai – judaica, a tê-la – e da Mãe – católica –, ninguém como ele sente a atracção do mistério das palavras, dos outros ou de ninguém, que se refugiam entre as cinzas dos tempos. Compulsivamente jogado pela atracção das palavras, Medina sente, todavia, a decepcionante impressão de que a sua obra não é lida, sem que isso, no entanto, o leve à desistência da escrita, que o não deixa, mesmo que ele pretendesse abandoná-la, porque desistir da escrita equivaleria a abdicar da vida. O eterno retorno nietzscheano, que molda decisivamente a construção da mundividência de João Medina, tem na aparição, desaparecimento e retorno da palavra uma confirmação privilegiada. Se, a curto prazo, o discurso não for acolhido, a eternidade abriga-o, para lhe dar uma nova oportunidade de, regressado ao tempo, marcar o destino dos humanos. Faz parte da intencionalidade do discurso afirmar-se, perseverar, hibernar e ressurgir. Não há redenção possível fora do mistério da palavra. Recordando sentença célebre de Fernando Pessoa, uma frequente referência em Medina, na palavra reside o mundo, a pátria, tal como na palavra, que excede o escritor, se esconde a vida. Nem podia ser de outro modo, já que o mundo só tem sentido se se desenvolver, ficando as suas dimensões dependentes da força da palavra. É na palavra que a energia da dialéctica da cultura desenha o mito, as disformidades, os monstros e as armas da violência. É, de facto, na irresistível compulsão da palavra, que João Medina encontra impulsiva fuga para a violência, que vai da blasfémia ao achincalhamento. Aí, sobretudo, se sente como a palavra comanda os movimentos – fisiológicos e anímicos – de Medina, marcando todas as manifestações, antes de um arranjo da consciência ou de qualquer conformismo jurídico, social e político. Na sua nudez, os humanos são animais que falam – escrevem. Num mundo, em que a heroicidade e a santidade não são valores frequentes, resta a dialéctica do discurso para retesar as possibilidades do real. Portugal – os seus senhores, o seu povo – e o cristianismo sofrem, em doses de autoflagelação, esse vendaval da palavra. Se há razão para discutir o papel do autor na composição do discurso e se o de Medina, como o de todos os escritores, não brota de uma fonte translúcida, é, no entanto, de flagrante verificação que o autor João Medina perde o controlo do que vai dizendo, à semelhança do alastramento de lava vulcânica. Mas o discurso tanto protesta

contra os/o que conduziram/conduziu ao naufrágio, como abre às suas vítimas um resto – pouco longo, certamente – de esperança.

**4. Dialéctica e Transcendência** – O movimento dialéctico no qual João Medina expande o seu mundo é também um processo de transcendência, ao deslocar-se constantemente para patamares superiores de manifestação. Até a religião é interpretada desse ângulo, sendo a religião cristã praticada pelos portugueses censurada por falta de dialéctica, diríamos, de transcendência: os cristãos lusos não acreditam nem em deus nem no diabo – lamenta, em expressão idiomática, Medina –, menos ainda na tensão entre os dois, como exigiria o dualismo ontológico gnóstico.

João Medina receia parar em alguma das estações percurso, particularmente à sombra do manto de alguma divindade, o que, em termos bíblicos, constituiria pecado de idolatria e renúncia à condição de viandante. Medina é, neste âmbito, verbalmente, muito agressivo – blasfemo –, quer nas alusões ao Transcendente, que será sempre um ídolo, quer na crítica às manifestações religiosas exteriores, alvo de fúria iconoclasta. Há nesta hostilidade várias ordens de motivação, algumas de ordem psicológica, senão mesmo de índole preconceituosa, mas existe uma razão de fundo, que inverte a atitude desdenhosa para com o transcendência e a religião, sendo essa razão transversal em todos os textos de João Medina: a teologia negativa, que zela e milita pela impossibilidade do conhecimento de Deus, muito embora reconhecendo que este paradoxal conhecimento negativo possa representar uma perigosa armadilha para enfatizar a existência do que se pretende negar. Medina redigiu textos que poderiam figurar num compêndio de teologia, inclusivamente no capítulo sobre os atributos e nomes divinos – *Nótulas sobre a impensabilidade de Deus*. A referência, por assim dizer, negativa à transcendência é de tal forma omnipresente na obra de Medina que, a ser elidida, a estrutura fundamental da sua dialéctica fica irremediavelmente coxa. Aparentemente situados em terreno de pura especulação, quase académica, todos estes tópicos são, porém, muito concretamente inventariados na cultura, específica e contrastadamente no judaísmo e nas formas de ser dos portugueses, mas sempre a desfavor destes, sobre os quais desabam as pragas e os impropérios. O horizonte da transcendência redundante, frequentemente em hostil obsessão, perdendo, na desproporção teratológica das palavras, em que se afirma, o suporte racional

que aí desempenha. Mas, tal como sucede na teologia negativa, tem de se passar pelas palavras – quanto mais monstruosas tanto melhor –, para se poder aplicar, ou negar, no Transcendente, o que da língua dimana. Além disso, a questão da transcendência na obra de João Medina não pode dissociar-se do problema da salvação, interpretada em atmosfera gnóstica, para a qual o princípio criador é ontologicamente mau, a merecer as mais impiedosas indignações e blasfémias, por haver produzido o mundo. Mas, não obstante esse arrasador niilismo – um *purum nihil* –, que convém lembrar constantemente aos naufragos, sobra sempre o verbo dos humanos, que nenhuma divindade pode destruir e que acaba por ser a estrela de orientação e de esperança, mesmo quando ilusória, para os fracassados que no mar viram próxima a morte e da praia não vislumbram terra firme. João Medina-escritor cumpriu o seu dever de homem, não se eximindo à lógica soteriológica das palavras que, ainda quando não tendo uma legião de leitores imediatos, acabarão por chegar, como mensagem que alguém engarrafou e lançou ao mar, para, no perpétuo vaivém das ondas, chegar a algum destinatário, pois todos os humanos são candidatos a ela.

**5. Portugal** – Quando a questão da transcendência, ademais orientada para a teologia negativa, parecia – e deveria – encerrar, logicamente, todo o percurso de entendimento da mundividência de Medina, dá para se pensar que a referência, em último subtítulo, a Portugal representa uma nota de aditamento, senão mesmo uma excrescência, exterior ao encadeamento racional do processo. Mas o caso-português pode simbolizar, por uma outra saída e no lado oposto ao da transcendência, o radical niilismo, para onde João Medina conduz o movimento da realidade, que regressaria, assim, ao seu ponto de partida. Quem, recorrentemente, flagela a ideia, a cultura e a história de Portugal só por ironia poderá estar condenado a não poder desligar-se desse vínculo. Por outro lado, uma leitura, ainda que superficial, da obra de Medina tem de se vergar à obsessão, com sinal negativo embora, que Portugal – *Portugalito, pobrete e nada alegrete* – aí representa, se bem a intensidade dessa obsessão se atenua pela sua diluição plural – *Portuguesismo(s)*. Portugal, todavia, continua, de facto, a ser, directa ou indirectamente, uma referência ímpar, em toda a obra de Medina, constituindo até um factor estruturante e insubstituível na sua dialéctica, mesmo que esta seja tomada em sentidos díspares.

Não obstante João Medina se considerar, uma ou outra vez, um *desnacionalizado*, um *anti-português*, e de ser um *meio-judeu* nascido em Moçambique, o que indicia uma identidade cultural muito complexa, e a despeito da atenção privilegiada que dois países lhe merecem, França e Estados Unidos da América, mais precisamente Provença e Nova Inglaterra – em termos culturais, também a Rússia –, o ar e a língua em que João Medina respira são portugueses, facto que é indiscutivelmente determinante. A cultura, no seu sentido mais lato, portuguesa está de tal modo infiltrada no organismo de Medina que somente lhe resta, a não poder, vivencialmente, descartá-la, lamentar as lacunas, a mediocridade, e melhorá-la. Recorde-se, uma vez mais, que se o discurso de náufragos para náufragos tem um alcance universal, o referente concreto desse discurso são os portugueses, tal como português é o mar que banha a praia onde arribam.

Se a dialéctica da transcendência é infindável e exige um hercúleo esforço para perseverar no seu intrínseco movimento – é muito difícil ser-se herói da lógica –, as limitadas energias disponíveis, a fadiga e a tentação de «*repouso de guerreiro*» infiltram-se, inevitavelmente, na alma do escritor e nas entrelinhas da obra. Medina não precisa de sair de Portugal para encontrar afagos, consolações e compensações. O nosso País é mesmo lugar de preferência para essa distensão, aproximando-o dos temperados ares mediterrânicos, à benignidade dos quais alguns teóricos do desespero, cansados de desfiar argumentos, acabam por entregar-se.

As dramáticas discussões – os monólogos, como Medina reconhece –, que introduzem a pressentida tragédia, evaporam-se, se seguidas de um bom petisco, numa tasca portuguesa, com o fado a substituir os incomparáveis clássicos, ao som dos quais costuma irromper a verbe de Medina. Mas, se Portugal, país destas pequenas e humildes distrações, se converte, contra todas as expectativas, em espaço de eleição, até apreciado por endinheirados turistas, movidos pela nostalgia do bom selvagem, é porque esses 90000 *quilómetros quadrados* – apenas uma areia da praia do mundo – acabam por alicerçar, geograficamente, uma outra configuração, sem dúvida nietzscheana, em que o *deus absconditus* é eterno retorno.

João Medina, também patriota excessivo, que felicita Portugal por haver voltado à Europa, depois dos repetidos naufrágios, através dos mares da sua história, não consegue ver Portugal, que tanto europeizou, a europeizar-se minimamente. Esta incapacidade lusa, porém, dá ensejo ao escritor para construir um quadro paradigmático, substituindo o mapa agreste e violento da existência por um conforto ameno e tranquilo, senão mesmo de recortes epicuristas. João Medina, ao contrário do que exigiu aos portugueses, não se volta para a terra firme e rica da Europa, mas para o mar, que contempla, desde um lugar estratégico, situado no 9.º andar de um prédio do Monte Estoril. É significativo que se quede – cansado? – na costa marítima portuguesa, numa estância agradável e famosa, e que esse mar seja o horizonte, talvez derradeiro, do seu olhar, do olhar humano. Nada é maior do que o mar; nada é mais antigo do que o mar; nada é mais enigmático do que o mar; nada mais, além do mar, merece ser contemplado.

Depois de tanta luta, o que haverá de mais apropriado para contemplar do que este *Oceano*, mole disforme de infinitas formas, que esconde/mostra o eterno retorno das *forças incoercíveis*?

Antes, porém, e depois, é a palavra – «Nenhuma palavra cai no vazio» (*Zohar*).

*Joaquim Cerqueira Gonçalves*

(Professor Catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)



## JOÃO MEDINA - ENTRE UM BRAÇO GRAVADO E O MAR ABERTO

Da abundante escrita do Professor João Medina ressalto duas notas: a essencialidade do objecto e a sinceridade da abordagem. Pela primeira entendo a incidência humana, sempre perseguida. Pela segunda, a auto-exposição do autor no que pensa e escreve, nunca iludida nem restringida.

Tempos houve em que a História já se sabia antes de averiguada e escrita. Nem o tempo tinha diacronia, pois era apenas o do presente, como sempre fora e havia de ser. Veio depois a maior precipitação das coisas e a simultaneidade diversa de cenários e geografias, induzindo outra consciência do tempo e seu progresso. O passado pôde surgir então, propriamente dito, investigado e descrito com mais detença. Nisto andamos há cerca de meio milénio e só a pouco e pouco.

De modo menos ingénuo do que o precedente, a modernidade alimentou-se duma História ainda projectada e justificativa, da frente para trás. Os estadistas fizeram a História dos príncipes; os iluministas a da «razão», em que passaram a crer; os românticos, a dos «povos» que constituíram; os positivistas e sociologistas a das construções colectivas que propunham ou divisavam... Dum modo ou de outro, a historiografia seguiu o método de cada escola, com espistemologias próprias, mais ou menos capazes de abarcar a humanidade passada na sua surpreendente complexidade, mais ou menos isentas de preconceito, interesse e anacronismo. Metodologia que significava também selecção de temáticas, objectos e indícios.

O último quartel do século passado trouxe-nos – sobretudo a nós, «ocidentais» – menos convicção e auto-comprazimento. Se alguma coisa significa

a pós-modernidade, é exactamente a desconfiança prévia e persistente em relação aos objectivismos anteriores, quer por via da maior consideração da subjectividade, quer por desconfiança de qualquer apriorismo ou destino.

Com razões para isso, adiante-se, tão grande foi a manipulação ideológica e histórica que acompanhou os grandes e pequenos conflitos. Mas com perigos evidentes para a manutenção da História como «ciência» possível, sobretudo quando ultrapasse a mera seriação quantitativa e, sem a descuidar, pretenda ser «humana».

Historiador que assim se quisesse, nem deveria aventurar-se por sendas de alma, nem expor-se no que descrevia. Nos últimos tempos, porém, mais fácil será desistir de grandes temáticas e visões alargadas, remetendo-se ao pormenor ou à biografia, como é fácil apurar nos escaparates das edições correntes. Haverá nisto o ganho das temáticas novas, como haverá o risco da redução da realidade toda.

João Medina manifesta, por obra escrita e ânimo evidente, uma sensibilidade essencialista, na (des)medida do que pretende. Nada menos do que a humanidade realmente vivida e geralmente sofrida de pessoas ou povos inteiros. Nada menos do que a dimensão trágica – ou dramática e por vezes «melodramática» – da humanidade que compartilhamos em devir.

Porque sincero, não ilude os grandes questionamentos, que percebemos serem também e intensamente seus. É historiador enquanto os verifica – sem meramente os ilustrar – nos factos e testemunhos que abundantemente traz. Podemos dizer que nisto se torna herdeiro da tradição científica e da sensibilidade mais recente: não larga a humanidade como objecto, mas verifica-a na trama complexa dos sujeitos (des)encontrados. Isto mesmo dá à sua escrita um colorido forte, onde a gramática se adensa, para não esquecer nenhum som nem esvaecer nenhum tom da realidade exterior e interior sobre que se debruça e o debruça a ele mesmo.

Indo a um tema descomunal, como o Holocausto. Dedicar-lhe uma atenção reiterada, longe do mutismo de uns e da grandiloquência de outros. Os questionamentos podem rondar a própria teologia negativa. Mas a essencialidade que o objecto necessariamente transporta prefere verificá-la no sujeito concreto, na

humanidade com nome e figura. Como em Haim, ex-prisioneiro de Auschwitz: «O sobrevivente de Auschwitz, que está sentado ao meu lado, sobreviveu, pode contar ao mundo, com um sinal indelével gravado no braço, o que é que o homem pode ter feito como absoluta malignidade aos seus semelhantes...» (*Auschwitz e Moscovo. O silêncio de Deus em Auschwitz*, 2006, p. 68).

Uma tragédia imensa transportada num braço gravado, como memória e aviso, será isso a História possível e ainda o sentido desta, como demanda e ofício. Tão essenciais um como outro, o sinal e o aviso; tão verificável e por isso «científico» o primeiro, como imenso e por isso humano o segundo. Porque os sinais são-no numa realidade maior, essa mesma que a humanidade transporta, onde o historiador só humanamente pode chegar também.

É um caminho melindroso, entre o certo e o pressentido, mas inevitável, di-lo João Medina, distinguindo e complementando História e romance: «Por outras palavras, em que medida é que pode ser efectivamente *histórica* uma obra de ficção, de imaginação, um romance? [...] Cremos que um romance não é ‘histórico’ (leia-se: fecundo ou interessante ao olhar do cultor profissional da História) por pôr em acção personagens tiradas à História real, figuras históricas reais, personagens ‘plausíveis’ [...], mas porque consegue evocar, com autenticidade, justeza e efectiva compreensão do passado, o que foi vida colectivamente vivida num dado tempo, porque logra reconstituir, como cenário, espírito, atmosfera, mentalidade ou mera vivência epocal, o que foi realidade, enfim porque nele perpassa, ainda que sob uma aparência secundária de simples enquadramento ou ‘pano de fundo’, uma das múltiplas dimensões em que o devir histórico ou o afã dos homens em grupo podem ser vividos, percebidos, contados e explicados: como relações sociais efectivas, como eventos que de facto se deram, como retratos de meios humanos, de figuras, cenas, ambientes, ideologias e mentalidades, comportamentos, atitudes e estratos diferenciados, etc» (*Auschwitz*, p. 85).

Acontece porém – e ainda bem que acontece! – que a História assim retomada abre o seu cultor além dela. Por isso reencontraremos João Medina onde uma das suas personagens o conduziu: «Tito sonhava há anos com uma casa donde visse o mar, de modo que a aquisição de um andar bem alto, o último de um prédio a meio de uma colina, virado para o Atlântico e possibilitando ainda a

vista da serra de Sintra, o deliciara como uma recompensa finalmente obtida. O mar, o tal 'mar sempre recomeçado' do admirável poema metafísico de Válerý, que ele tanto amava recitar de olhos semicerrados [...], estaria doravante ao seu alcance diário, esse mar incessante, mar infinito, persistência do ser em si mesmo...» (*Os Náufragos do Mar da Palha*, 2006, p. 305-306).

Aliás, como em antigas navegações, haverá surpresa.

Agosto de 2008

*Manuel Clemente*

(Bispo do Porto. Professor da Universidade Católica Portuguesa)



## NA PEUGADA DE TESEU

Impetuoso? Sem dúvida. Combativo? Também. Cáustico? Por vezes. Mas quem não se deixa fascinar pelo seu verbo, que ora crepita, como o murmúrio de um regato, ora se incendeia, como a girândola de um vulcão? O João sempre me pareceu uma admirável força da natureza, diante da qual nada receia, devido à sua indómita vontade e talento. A sua vontade de «mudar o mundo» é, simultaneamente, acompanhada por um cepticismo devastador, que ora se refugia, magoadamente, numa escatologia laica ora numa escatologia religiosa. Surpreende-me – e sempre me surpreendeu – as suas convicções. Não por ser estas ou aquelas, mas simplesmente por as ter e defender com um entusiasmo de adolescente. Lá no fundo, acredita mesmo que a humanidade não é tão má como a pintam, que a vontade remove mesmo «Himalaias», que não há adamastor que assuste um homem com fé. Mas como todo o homem de fé, quer que a palavra se transforme em pão, que o verbo se concretize, que o real se conforme ao ideal, o ser ao dever-ser. É uma exigência do homem quando é «demasiado humano», quando toma consciência da sua singularidade e indeterminação, num mundo cada vez mais determinado, maquinal e feito de rotinas. Daí a sua impaciência. A impaciência de quem vive na pele de Prometeu. A liberdade tem um preço demasiado elevado e quem a quer viver a tempo inteiro, arrisca-se a fazer da sua vida uma *via dolorosa*. Assim é, creio, a vida íntima, solitária, de João Medina. Uma via dolorosa. E sacra. Nele, o sagrado e o profano colidem, contínua e inextrincavelmente. Um sagrado, permanentemente, interpelado, indizível e enigmático na sua mudez e imobilidade, e um profano, que permanentemente e em vão, procura sacudir e, com ele, o não-ser e a finitude que o inquinam. Pássaro de asas cortadas, a sua vida – quando, por vezes, tenho o privilégio de a partilhar com ele – é uma tensão fulgurante, simultaneamente, emotiva e racional, onde o trivial nunca se trivializa e o transcendente não se enreda

(e perde) em lucubrações metafísicas. Há nele uma tensão vital que prende sempre a atenção de quem o ouve ou lê. Não é indiferente a ninguém. Privilégio de poucos, num mundo onde cada vez mais os outros – pese embora *pareça* o contrário – são cada vez mais o mesmo que cada um de nós. Como num jogo de espelhos. Quando o ouvimos, achamos sempre que se excede. Ou para menos ou para mais. Pela simples razão de que é imprevisível, de que não está formatado, de que não encaixa em ideias pré-concebidas. Porque quando fala *vive* as suas palavras. Nele, a palavra e a vida são, quase sempre, uma e a mesma coisa. Mas a vida que vive por meio das palavras é, nele, um contínuo exercício de ascese, de aperfeiçoamento, e, enquanto tal, muitas vezes um monólogo penoso e sofrido. Só um *Greco*, melhor do que ninguém, o poderia exprimir. Por isso quando o ouvimos falar, a primeira reacção que temos é de perplexidade, de interrogação. Quem fala? É uma vida que, mediunicamente, se expõe pela palavra, um excerto biográfico, ou a exposição de uma tese iconoclasta de um membro da comunidade historiográfica? Para mim, a resposta é da ordem dos indiscerníveis, porque a sua palavra é sempre comprometida. Assumida e corajosamente comprometida. Não deixa que as «coisas» de que fala, falem *por si*. Não. Ele sabe – como todos sabemos – que os acontecimentos não têm voz própria, não são intrinsecamente inteligíveis. Ele sabe que a sua inteligibilidade está em nós, que somos nós que lhes damos sentido. E que esse sentido não tem a coerência racional que Hegel lhes pretendeu atribuir. Os acontecimentos pecam por excesso (ou seja, há neles muita coisa que fica aquém e além da sua inteligibilidade racional). E João Medina sabe-o, como poucos. Por isso a sua historiografia é uma historiografia apaixonada e crítica, de dissensos mais do que de consensos, controversa e não unanimista. Ao lê-lo, inevitavelmente, tomamos partido, ou seja, tomamos consciência de que somos *parte* do seu discurso, que não nos podemos alhear do que diz, que não nos podemos distanciar, objectivamente, da sua escrita (como se esta fosse apenas coisa ou ponto de vista do historiador). A sua historiografia é *viva*, interpela e desafia o leitor que não resiste a participar dos acontecimentos que narra. Como mais uma personagem. Deste modo faz dos seus livros não um sótão de espectros mas uma calçada de «pedras vivas», aberta a todo aquele leitor peregrino que, mais do que um fim, procura nesse caminho, em cada passo que avança, um reencontro *sentido* e radical consigo mesmo.

Norberto Ferreira da Cunha

(Professor Catedrático jubilado da Universidade do Minho)



JOÃO MEDINA E  
OS NÁUFRAGOS DO MAR DA PALHA

Foi nas capas dos livros que primeiro encontrei João Medina. Depois li-o e prolonguei o conhecimento seguindo-lhe as polémicas, como uma famosa sobre Portugal, Portugalinho, que na altura deu brado. Mas essa colou-lhe o labéu de «difícil», agressivo no verbo, no mais virulento jeito da escaramuça verbal portuguesa. Um dia, porém, a FLAD entregou-mo de bandeja. O próprio. Tratava-se de o trazer por um ano para a Brown como Professor Visitante num programa de cooperação, entre aquela Fundação e a universidade onde lecciono, destinado a alargar a oferta de cursos sobre Portugal Contemporâneo. Tinha eu tido já uma dúzia de anos antes a experiência de receber em Providence um outro polemista igualmente com fama de duro e difícil, o meu patrício açoriano José Martins Garcia, até então também meu conhecido apenas de obra. Dessa vez fora a Gulbenkian – ou melhor, José Blanco – a fazer-me a oferta. Afinal, Martins Garcia acabou por ganhar aqui entre as secretárias do então Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros o cognome de – imagine-se! – S. Tomás de Aquino, tal era para elas a postura de ser humano colada a uma imagem física não muito distante da do medieval filósofo. O ambiente sereno do campus da Brown revelara uma personalidade desconhecida pelos colegas em Portugal. Com base nessa experiência, apostei de olhos fechados na vinda de João Medina e o feito repetiu-se. Dias calmos em Rhode Island, uma estupenda peça literária relatando os seus dias de Providence, confirmou que mais um espírito polémico e temperamental apenas invectivava no ambiente intenso e provocador da pátria, particularmente na sua vertente lisboeta. Fora de muros, João Medina era afinal um bem-humorado conversador, cordato e imparável, capaz até de ares de bonomia, e os serões em minha

casa prolongaram-se numa espécie de aulas ao domicílio de aluno único que me fiz ser. As propinas eram baratas porque o João Medina nem consumia muito. Absorvia-se no discurso interminável em que as referências cultas e eruditas se encadeavam numa torrente onde o verbo não emperra nunca e a verve solta ajuda o deslizar da língua.

Esse João Medina voltou a ressurgiu-me anos mais tarde, quando aqui regressou para mais uma temporada, dessa vez mais curta, de apenas um semestre. O buraco negro de Lisboa atraía-o e não o deixava longe por muito mais tempo. Acabou mesmo por sorvê-lo até à aposentação, altura em que todos esperamos que o Estoril consiga replicar à sua volta os dias calmos que gozou em Rhode Island.

O João Medina vulcânico continuo eu a recebê-lo agora nos livros que me chegam a Providence mais depressa do que consigo lê-los. Aproveitarei esta oportunidade em que me pedem que sobre ele escreva para partilhar as minhas notas de leitura do historiador politizado, empenhadamente obcecado com a pátria que ele diz não ter, mas a que vive mentalmente agarrado como as lapas nas rochas dos meus Açores.

João Medina publicou, quase em simultâneo, dois livros sobre Portugal. Um, *Portuguesismo(s)* (Centro de História da Universidade de Lisboa, 2006), é como o subtítulo indica um ensaio sobre as nossas imagens identitárias de marca, os emblemas, os mitos e outros símbolos nacionais, com atenção adicional à figura do Zé Povinho, estereótipo nacional e auto-caricatura portuguesa de quase um século e meio. Uma riquíssima profusão de dados, de informações, onde a «alma nacional» é radiografada de inúmeros ângulos e dissecada quase à exaustão.

Entretanto, o historiador analítico e minucioso vestiu-se também de romancista para extravasar a sua visão do país e da cultura portuguesa pela voz de um alter-ego, o Professor Tito Weiss, que se reúne com um grupo de discípulos no café «Mar da Palha» onde vai desopilar, em sermões extraídos dos fundilhos do seu sentir e constante soul searching, o que pensa sobre o que foi a tormentosa viagem portuguesa de oitocentos anos pelo mundo. O título *Os Náufragos do Mar da Palha* (Livros Horizonte, 2006) oferece eximamente a chave da sua versão da história lusa. Estamos na verdade em presença de

um tour de force, uma reflexão patética (no sentido original de pathos) de um natural de Moçambique, com uma costela judia por parte do pai, que depois de deambulações diversas pelo mundo (África do Sul, Moçambique, ex-União Soviética, Espanha, Israel, França, Estados Unidos) enriqueceu (e toldou?) a sua paleta cultural e estilística com catadupas de vivências e leituras.

Portugal, a sua história e os seus mitos são a obsessão recorrente desta incursão pelos labirintos da alma e história nacionais, com o Dr. Botas feito bête-noir por excelência. Mas não só. O professor Tito vai bastante mais além disparando sucessiva e quase ininterruptamente em reflexões, inflexões, diatribes, deambulações e tergiversões, àpartes e invectivas, mergulhos pungentes e de busca insana sobre uma miríade de temas. Há intensos golpes de prosa dedicados a figuras nacionais e estrangeiras (o Marquês de Pombal, Herzl, César, Dostoiévski, Hölderlin, etc.), a filmes (Vacances de Monsieur Hulot) e obras musicais (Charpentier, Stravinski, Schubert, Requiems diversos, o jazz, Bach, os Beatles), aos judeus (particularmente os fanáticos que não dão um passo sem citar o Talmude), à América cultural, literária e política, a vários místicos e filósofos como Espinosa, Eckhart, Nietzsche, a lugares literários clássicos desde o «Alef» de Borges, ao Cântico dos Cânticos, o Antigo Testamento, Fernando Pessoa. Há compulsivas referências a Deus (particularmente agudas as páginas sobre o silêncio de Deus), ao Tempo, ao Nada, à Morte, à Finitude, aos Evangelhos cristãos, aos textos talmúdicos e a pensadores religiosos como Rosenzweig, Pascal, Nicolau de Cusa, o Pseudo-Dionísio, e há reflexões contundentes sobre figuras do pensamento ou da política (Lenine, Estaline, os capitães de Abril, Hamlet, Moisés). Uma angústia constante perpassa o volume que tanto se embrenha em meditações intensas sobre a mortalidade da carne e o vazio da eternidade, como nelas imbrica outras sobre o Rectângulo Lusitano do Galo de Barcelos e de Salazar (o inefável Dr. Botas), da Inquisição, da Padeira de Aljubarrota, da espada de Mouzinho e dos Pides.

Este é um mero apontamento impressionista cerzido de respigos quase ao acaso, de um leitor sobrevivente dessas trezentas páginas densas de mancha. Um leitor que, apesar dos violentos safanões, não naufragou. Fez sempre muito boa viagem livro fora e chegou a bom porto são e salvo. Afinal de contas, chega-se por força a bom porto, porque a prosa de João Medina está

nos antípodas da monotonia graças à sua torrencialidade, riqueza lexical e abundância de informações, permitindo ao autor e seus leitores o repetido retorno às mesmas pessoas e acontecimentos históricos com outra roupagem, outros insultos, renovada ironia e renovado sarcasmo. De notar, por exemplo, a variedade dos epítetos aplicados ao dr. Salazar, pois de cada vez que o Professor Tito a ele regressa dá novas pinceladas na caricatura. Os recursos histórico-linguísticos deste autor parecem ilimitados.

Estamos perante um livro-síntese de tudo o que escreveu o historiador e ensaísta, de quanto pensou e disse por aqui e por ali (nas aulas, em colóquios, nos convívios de amigos) mas nunca antes condensara numa só obra, sobre a história de Portugal e sobre a sua visão do mundo na idade madura que atingiu. O autor virou-se do avesso na personagem de Tito Weiss, deixando assim uma espécie de testamento intelectual e também espiritual. Talvez não possa, todavia, esperar muitos aplausos, visto a maioria das pessoas não conseguir suportar o sentir-se incessantemente flagelada num livro a que António Nobre cederia de bom grado o subtítulo de «o mais triste que há em Portugal» ou, pelo menos, do que mais faz de Portugal um triste.

Digamos que João Medina nos ofereceu uma hiperbólica viagem ao fundo do país, mas também do mundo contemporâneo e de nós mesmos. Ou que exhibe para nós um terramoto de 1755 alargado à pátria inteira e quase ao mundo todo, em livro que se pode ler com o gozo de uma experiência virtual porque ao fim e ao cabo não mata a sério, embora de modo algum nos deixe incólumes.

Esperemos que nos dias calmos do Estoril os naufragos possam dar à praia e João Medina volte a falar-lhes, de modo a podermos nós, leitores dessa voz, ouvir-lhe o eco.

*Onésimo Teotónio de Almeida*

(Professor Catedrático da Brown University, Providence, EUA)



IV - AUTOBIOGRAFIA



João Medina com a farda do Marist Brothers College, em Joanesburgo (c.1944), ao lado da mãe e da irmã.



João Medina com a mulher Guida Miriam  
e a filha Gisela, em Estrasburgo (1968).





## O LABIRINTO DO EXÍLIO

«Heureux qui, comme Ulysse, a fait un beau voyage...»

Joachim du Bellay, *Les Regrets*.

Do alto do meu 9.º andar do prédio onde habito no Monte Estoril, olho o mar diante de mim e, ligeiramente à direita, a serra de Sintra, e tento resumir numa fórmula estes mais de 60 anos de errâncias pelo mundo, de Lourenço Marques à Nova Inglaterra, de Joanesburgo da minha meninice à Provença, onde dei aulas, pela primeira vez, numa universidade, passando por tantos outros lugares, ora mágicos, ora dolorosos e cheios de amargura do «pobre lusíada coitado» que sou, círculos dum labirinto sem fim onde ando perdido desde que a minha mãe Elisa me deitou ao mundo, terras como a Estrasburgo onde penei três anos, debaixo da neve, do gelo e da atmosfera glacial da própria Alsácia, para, graças a uma providencial bolsa gulbenkiana, me doutorar em Sociologia, ou a Lisboa onde, em 1949, os meus pais vieram deixar-me enclausurado por cinco anos no cativo dum colégio em Carnide, e acabo por hesitar entre escolher *labirinto do exílio*, ou *passadas de erradio* em busca duma Pasárgada que, às vezes, aqui e ali, julguei habitar, como quando, acabado o tormento do internato militar, regressei à cidade das acácias e dos jacarandás onde nascera, e ali gozei dum biénio maravilhoso para terminar o liceu, dispondo, na Pensão Martins, dum quarto cheio de livros, duma motoreta alemã, duma mesada confortável, e ainda aquela inebriante sensação de que fora libertado duma Sibéria lisboeta... Mas não deveria eu começar com os quatro anos de expatriação inicial em Joanesburgo, onde frequentei um colégio inglês, na Koch Street, e, sem o saber, fui contaminado por um estrangeirismo que acabaria por se tornar numa segunda natureza íntima e indelével, numa característica cultural e genética (social) essencial?

## DOUTORAMENTO DE JOÃO MEDINA PELA UNIVERSIDADE DE ESTRASBURGO

Acaba de se doutorar, com elevada classificação, na Faculdade de Letras e de Ciências Sociais da Universidade de Estrasburgo, o nosso prezado colaborador dr. João Medina, que ali defendeu uma tese inti-

tulada «Luzes e Sociedade: ensaio de Sociologia do Iluminismo francês, 1750-1771».

O júri, de que faziam parte os professores catedráticos Julien Freund, R. Bauer (da Universidade de Munique) e Goumier (da Sorbonne), no final das provas felicitou vivamente o novo doutor em Sociologia por aquela Universidade alsaciana.

O dr. João Medina, que nasceu em Lourenço Marques em 1939, licenciou-se em Filosofia, pela Faculdade de Letras de Lisboa, em 1965, tendo apresentado a dissertação de licenciatura sobre Hegel. Começou ainda a trabalhar com o prof. Delfim Santos — e, depois da morte deste, em 1967, foi para Estrasburgo como bolseiro, para preparar a tese que agora defendeu.

Tendo começado a colaborar no nosso jornal em 1958, João Medina revela, nomeadamente, a partir de 1965, nas páginas da «Seara Nova» e da «Vértice», como um dos mais preparados juízes e



DR. JOÃO MEDINA

argutos dos nossos ensaístas e críticos — aliás com um poder criador e uma imaginação (aliados a um nítido pendor polémico), que lhe marcam já um lugar único dentro da sua geração.

Escritor também de ficção (que num dos últimos números da «Vértice» publicou parte de uma das suas novelas), João Medina criou já um estilo muito seu em que a sua formação filosófica, sociológica e humanística encontram uma expressão (e uma intervenção) ao nível das crónicas saborosas e inconfundíveis que os nossos leitores se habituaram a ler semanalmente nestas colunas e com as designações genéricas de «Torre de Babel», primeiro, e «Jardim das Delícias», agora.



João Medina, Guida Miriam e os filhos, Gisela, Sibila e Daniel, em Aix-en-Provence (1971).

Em alguns livros tentei resumir estas peregrinações e aventuras, dando-lhes um sentido e uma lógica, como naquele que se editou em fins de 2006 (*Náufragos do Mar da Palha*), mas receio que o género autobiográfico não passe duma ficção na primeira pessoa, embora também o possamos encarar como a forma mais subtilmente astuciosa de dizer a *verdade toda*, o modo mais habilidoso de escapar ao pudor da confissão nua e crua... Seja como for, este resumo ou CV teria de incluir também os lugares amenos das férias grandes passadas, por exemplo, em São Martinho do Porto ou na mágica Nacala-a-Velha, na costa norte de Moçambique, onde meus pais viviam, sendo meu pai o administrador daquela terreola mágica, ou ainda, desde há alguns anos a esta parte, as férias de Natal e de Páscoa na helénica Alvor, sem esquecer os verões durante os quais ritualmente visitamos, a Guida Miriam e eu, a França do nosso septenato de Expatriação – ali passado à espera que D. Sebastião voltasse à pátria onde se eternizava um frio Minotauro labrego, esse misantropo que detestava o seu país e a liberdade dos seus compatriotas, quase tanto como o faria o seu timorato delfim, dois Hamlets labregos apesar de todos os seus códigos –, a incomparável Aix, nessa Provença de todas as delícias terrestres, lugar de exílio realmente doirado, amor para toda uma vida, e agora, para sempre revisitada sem ter de esperar uma democracia que, na época, nos parecia adiada para o dia do regresso do Messias...

Do alto do meu 9.º andar revejo o tropel emaranhado de tantos anos de andanças pelo mundo, voluntárias por desamor à Tirania salazarista ou mero produto da profissão, com as muitas idas para dar aulas, à Alemanha (Colónia), à Itália (Pisa), ao Brasil (na USP, São Paulo) e aos Estados Unidos (onde, por três vezes, fui professor visitante, primeiro na Johns Hopkins, na apática Baltimore, aquela terra que tinha impressionado António Nobre, tuberculoso errante que por ali passou uma vez, a pensar no *Corvo* deste, dedicando-lhe estes versos:

«Cidade triste entre as tristes  
 Oh Baltimore!  
 Mal eu diria que na terra existes  
 Cidade dos Poetas e dos Tristes,  
 Com teus sinos clamando *Never-more!*»

Depois, por outras duas vezes (1993-4 e 1998) tive a ventura de conhecer, leccionando nela, uma das mais atraentes universidades dessa grande América que eu sempre imaginara, desde Moçambique, como a alma impetuosa, dinâmica, e esperançada e generosa dos poemas de Whitman, a Brown University, na providencial Providence, no «Ocean-State» que é a Ilha de Rodes, o mais pequeno estado de todos os Estados Unidos, uma espécie de Aix re-inventada do lado de lá do mar oceano, nessa Nova Inglaterra à qual dediquei tantas crónicas entusiásticas no *JL* (e que ando agora a reunir para um livro de amor fiel que se há-de chamar *A minha América*). Aqui, sim, talvez pela primeira vez da minha vida de *scholar* andarilho, me senti plenamente feliz com os alunos, os colegas e o meio ambiente, numa cidadezinha-jardim que unia a distante Grécia dos filósofos aos intelectuais europeus que, desde a Idade Média, iam erguendo o sonho duma comunidade de saber em diálogo. A Brown, com os seus relvados verdes e os seus departamentos distribuídos por pequenas vivendas espalhadas pelo *campus* – agora, sim, eu entendia onde iam as universidades americanas buscar esse termo idílico ao latim, para exprimirem esse ideal de como deve viver e convive a comunidade urbana do meio académico –, fazia-me sentir como um verdadeiro profissional da cultura, rodeado de opulentas bibliotecas abertas até altas horas da noite, numa escola que promovia encontros e debates e colóquios a todo o momento e sob todos os pretextos, e tratando *de omni re scibili*, mesmo que fosse difícil esquecer que tal prodígio académico da *ivy league* tivesse nascido, no séc. XVIII e antes mesmo da Independência americana, graças a um mecenas enriquecido em sórdidos negócios do escravagismo.

Ali, sim, em 1993 e cinco anos mais tarde, pisei o macio e acolhedor *yellow brick road* que todo o humanista europeu, de Erasmo a Max Weber, sonharia ter podido conhecer... A consabida expressão «Novo Mundo» ganhava, neste âmbito universitário, todo o sentido de uma descoberta paradisíaca, que agradava ao mais íntimo da minha alma de professor errante, em demanda da sua Pasárgada onde reinasse, além da hospitalidade dos anfitriões da terra, a camaradagem simpática de alunos interessados e de colegas amáveis, e, por fim, o apoio de bibliotecas que eram verdadeiras cavernas de Ali Bábá, abertas noite e dia, com o Saber Universal disposto em labirintos de estantes sem fim, à disposição do visitante mais pantagruélico ou bulímico de festins livrescos.

Que sentido dar a todas estas viagens e expatriações forçadas ou voluntárias, de barco e de comboio, de avião e de carro, pela Europa, pela Áfricas e Américas – onde uma certa família de marranos madeirenses, oriunda de Espanha no tempo da ocupação filipina, deportada durante o oitocentismo para Cabo Verde pela contra-revolução antiliberal, ali se radicaria e se multiplicaria desde o séc. XIX, uma vez que os meus bisavós, avós e meu pai nasceram nas ilhas africanas, assim como dois dos meus filhos nasceriam, no exílio, em terras de França, em Estrasburgo e Aix. Como explicar este gene da errância e da viagem compulsiva – recordo o rifão sionista: «Pode tirar-se o judeu do exílio, mas não o exílio do judeu» –, de perder algumas terras e ganhar outras, de ter duas ou mesmo mais pátrias, uma maior, a propriamente nacional, e uma mais pequena e mais íntima, a tal *patria chica* de que falam os espanhóis, que não é aquela onde viemos ao mundo a mando do cego Acaso, mas o dilecto rincão onde optámos, por fim, voltar a criar raízes, que tornamos realmente nossa por nela residirmos e nos sentirmos bem, como terra escolhida – terra prometida finalmente dada? –, de acolhimento e de preferência, como este meu Monte Estoril onde vivo, há quase duas décadas, e onde, cada vez mais, sinto como o meu húmus verdadeiro e final, não a mera Ítaca a que mecânica e ritualmente se volta depois dum ciclo de longas peregrinações (que vem de *per agros*, «pelos campos») feitas de tantos caminhos, descaminhos e desvios, de alpondras arduamente atravessadas no meio de temporais desfeitos, mas a Ítaca utópica que fundamos ao declará-la como tal, o lugar mítico mas real onde voltamos a ter aquelas raízes perdidas, aquelas onde nos plantaram sem nos consultarem? Sim, as pátrias também se escolhem – ou são elas que finalmente nos escolhem –, na lotaria da geografia e dos labirintos confusos em que somos arrastados pelos sobressaltos e trancos e barrancos da vida, ou ainda no âmbito mais estreito de uma terra que não nos viu nascer mas nos acolheu, magnificamente, um dia, como pátria verdadeira, aquela que tornámos nossa, que nos tornou seus. Todo o cosmopolita sonha, no fundo, ter o seu porto de abrigo, sobretudo, aquele onde a sua nau por fim aportou e não o outro donde um dia zarpou para uma fuga sem fim.

Uma última questão gostaria de resolver, eu que venero o herói chamado Ulisses – o helénico, de Homero, e o judaizado por James Joyce, o de toda a cultura ocidental: se o varão fértil em recursos porfiou, sempre perseguido

pela cólera de Poseidon, deus das ondas e dos terremotos, se Ulisses o cretense, pai de Telémaco, viajou sozinho, deixando em casa, dez anos à sua espera, a paciente Penélope, não será possível conceber que, em certos casos mais felizes, o prófugo errabundo calcorreia a terra à procura duma Ítaca que nunca lhe permitiram que fosse sua, mas, desta feita, acompanhado pela mesma Penélope? Foi o que me sucedeu, uma vez que, no final do meu curso de Letras e antes de tomar a decisão radical de me expatriar para poder doutorar-me na França, graças ao generoso tio Calouste Gulbenkian, e fazer uma carreira universitária que me era vedada no Portugal da Ditadura, como participante da greve estudantil de 62 (que exprimia, sobretudo, a nossa feroz recusa dum regime que começava a mandar-nos guerrear e morrer em África) e colaborador da herética *Seara Nova* desde esse mesmo ano crucial, me casei, no último ano do curso, com a Guida Miriam, uma colega de Faculdade, e partimos juntos para a nossa aventura do exílio, para a nossa particular versão duma odisséia feita a dois, decididos a só voltarmos à pátria quando houvesse eleições livres na nossa terra, o que fez de nós uma família com três filhos a vaguear pela França, primeiro na glacial Alsácia, depois na tão amena Provença, esperando que D. Sebastião despertasse do seu sono de quase meio século e, empolgado pelo mote de Zeca Afonso – «Grândola, vila morena, terra da fraternidade.../ Dentro de ti, ó cidade /O povo é quem mais ordena /Terra da fraternidade...» –, derrubasse a Ditadura, o que aconteceu. Nesta *anabasis* em demanda do porto inicial, ou definitivo, a saída de Aix e o regresso ao Portugal democratizado depois da revolução de Abril de 1974, foi um momento crucial, semelhante ao clímax da retirada dos Dez Mil, quando os homens de Xenofonte viram esse mar pelo qual tanto ansiavam, bradando o jubiloso «Talassa! Talassa!».

O nosso regresso de Aix à pátria teve, então, para a Guida Miriam e para mim, algo de heróico. Metemos os muitos livros da nossa biblioteca e alguns escassos haveres numa camioneta alugada, mandámos antecipadamente os filhos para Portugal, em companhia dos avós, e lá regressámos, os corações a tumultuarem de esperança e angústia, à Pátria Perdida, agora Achada graças ao 25 de Abril. Entrámos noite tardia, pela deserta fronteira alentejana, avançámos para a nossa casa em Galamares, através dum país adormecido e sem gente nem sinais muito visíveis de ali ter havido uma revolução recentíssima, a não ser nos programas radiofónicos e num noutro *graffitti* nas paredes brancas dos

muros, chegámos à estrada de Sintra pelas tantas da madrugada e, por fim, deparámo-nos com um espectáculo que jamais esqueceremos: numa vivenda dum notório fascista, antes de Mem-Martins, mesmo na curva da estrada, um pintor melancolicamente cobria de cal branca as velhas e bolorentas frases salazaristas, gravadas em letras verdes no muro, e que garantiam a perenidade do Império africano, como se, sabendo da nossa chegada, nos quisesse brindar com aquele gesto simbólico, dando-nos uma prova provada de que algo mudara mesmo na nossa Ítaca recomeçada<sup>1</sup>.

Tínhamos regressado a Ítaca, e eu, por meu lado, ia ingressar pela primeira vez na docência da universidade portuguesa, onde depressa perceberia quanto é áspero o caminho dos espíritos independentes como eu, assim como são angustiadas, objecto de desconfianças e antipatias todas as almas que não se filiam em conventículos políticos ou religiosos, dando-se antes ao luxo de dispensarem as boleias comprometedoras das carripanas dessas associações de interesses e fins exteriores ao saber e à sua missão essencial. Pagaria bem caro andar pelo meu pé e dispensar as ajudas desses *lobbies*, sobretudo num país tão maniqueu e culturalmente pobre como o nosso, tão propenso a acatar catecismos intolerantes e a seguir sátrapas de gabarito mesquinho. Na Faculdade de Letras de Lisboa, para a qual transitaria, por concurso, em 1979 – depois de dois anos a aprender como funcionava a máquina do Estado no palácio Foz (o Ministério da Comunicação Social) como Director-Geral das edições oficiais, às quais agreguei a colecção Terra Livre, designação de descarada inspiração anarquista –, depressa me vi hostilizado por Montéquios do antigamente e por Capuletos de Abril. Sobrevivi a esta Cilae e a esta Caríbdis, seguindo o meu caminho, de acordo com os versos de Paul Anka na famosa canção de Frank Sinatra:

«My friend, I'll say it clear  
I'll state my case, of which I'm certain  
I've lived a life that's full  
I traveled each and ev'ry highway

---

<sup>1</sup> Uma versão detalhada deste meu regresso nocturno ao Portugal pós-Abril 1974 vem no volume no vol. XIV da nossa *História de Portugal desde os Tempos pré-históricos aos nossos Dias*, Amadora, Ediclube, s.d. (1993, reed. 1998), pp. 164-174 (“O meu 25 de Abril”).

And more, much more than this,

I did it my way.

(...)

I did what I had to do and saw it through without exemption

I planned each chartered course, each careful stop along the byway

And more, much more than this, I did it my way.

(...)

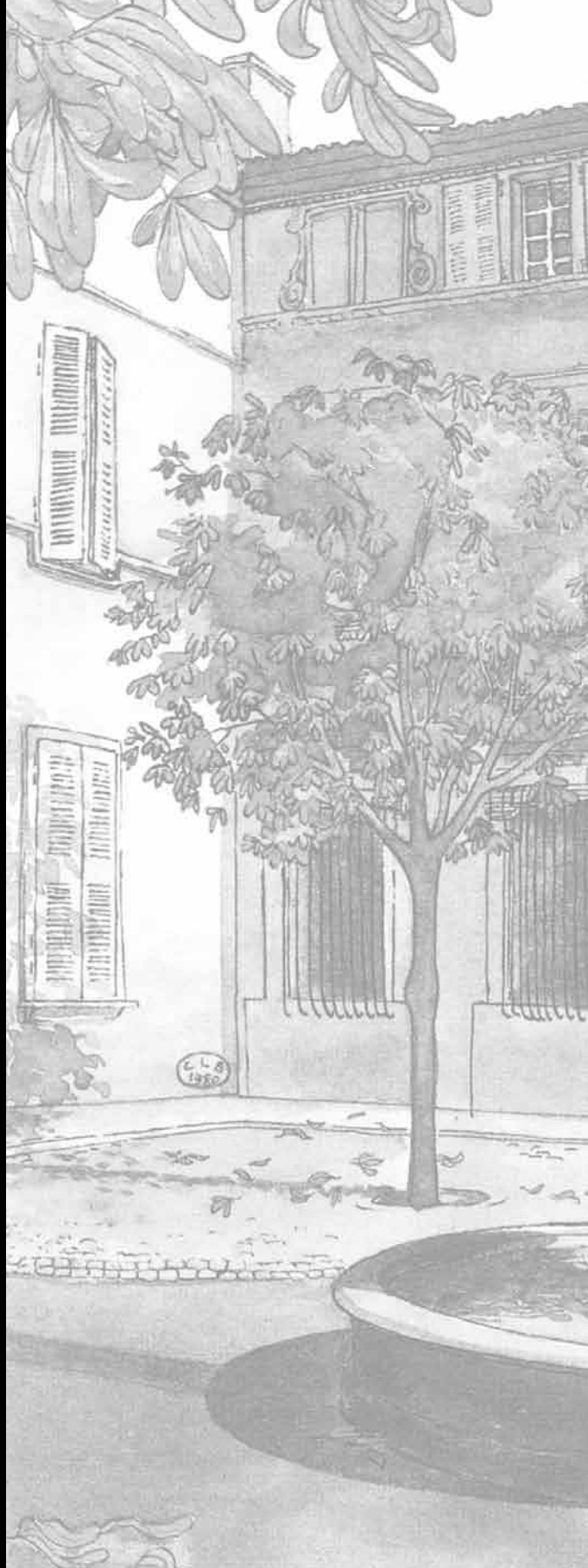
Yes, it was my way.»

Não me amesendei a facções, antes segui o meu próprio caminho e apenas este, não me socorri de alianças ou compromissos com pessoas ou grupos que desdenhava. Dei as minhas aulas, escrevi os meus livros e falei sempre por mim mesmo, com a minha voz pessoal, fiel à alcunha que fora minha no Colégio Militar: *o Refractário*, aquele que diverge, não adere, não se dobra nem assimila, não pactua nem condescende. Foi sempre minha a escolha duma *ética da não-adesão* (para usar uma expressão de Michel Serres): antes errar sozinho do que acertar com o rebanho. *Misereor super turbam*, esta fórmula de Nietzsche inspirou-me desde a adolescência. E agora, chegado ao fim do caminho, terminada a carreira académica num momento de abaixamento geral do nível da Universidade, sobretudo a partir do acatamento do modelo empobrecedor de Bolonha, que produz bonsais do *fast food* em vez de cadeiras nas quais se aprenderiam saberes múltiplos e complexos. Antecipando de dois anos a data da minha saída da Escola, resta-me, na hora da partida, a consolação de ter sido quem projectei ser, por teimosa fidelidade ou intransigência moral, sestro que talvez mergulhe as suas raízes invisíveis em gerações de dissidentes que me precederam e que preferiram a árdua solidão às moscas da praça pública, a difícil e amarga glória do ermo às falsas gloriolas dos bandos onde se multiplicam os ídolos e os seus idólatras.

*Monte Estoril, Páscoa de 2008*

*João Medina*

N.B.: Este texto saiu, de forma condensada, com o título de «O labirinto do exílio», no *Jornal de Letras – JL*, de 25-XI-2006, p.44, ilustr., com fotos.





V - BIBLIOGRAFIA  
DO PROFESSOR JOÃO MEDINA  
(RECOLHA E ORGANIZAÇÃO DE JOSÉ BRISSOS)





## NOTA PRÉVIA

O elenco bibliográfico que se segue não constitui uma listagem completa dos textos publicados pelo Professor João Medina. Nos múltiplos géneros em que se tem manifestado a sua obra, desde a ficção até às monografias académicas de especialidade, não foi possível efectuar o inventário sistemático da colaboração dispersa em publicações periódicas, nomeadamente a imprensa. Esta limitação deve ser ponderada, uma vez que se trata de um historiador e homem de cultura sempre envolvido nos debates do seu tempo. De qualquer modo, mau grado as suas limitações, este repositório apresenta o essencial da bibliografia do autor.

Na organização da presente bibliografia optou-se por um critério cronológico, seguindo apenas três divisões meramente formais (*Monografias e publicações periódicas; Entrevistas e depoimentos; Traduções*). No caso dos textos integrados em séries temáticas, foi mantido o agrupamento sequencial da respectiva publicação.

Deve ficar aqui registado um expressivo agradecimento a várias pessoas que concorreram, de modo especial, com a sua ajuda: Carlos Vences e Zélia Castro (Biblioteca Nacional de Portugal); Dr.<sup>a</sup> Maria Leal (Serviços de Documentação da Reitoria da Universidade de Lisboa); Dr. Pedro Estácio, Dr.<sup>a</sup> Isabel Rebolho e D. Maria do Amparo Honorato (Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa); Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Leonor García da Cruz, Dr.<sup>a</sup> Teresa Nunes, Dr. Luís Lima, Dr. André Oliveira Leitão e Dr. Jorge Revez (Centro de História da Universidade de Lisboa).

*José Brissos*





## A) MONOGRAFIAS E PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

### 1958

Colaboração no *Diário de Lisboa*

- 1 – “As moscas venenosas”, *Diário de Lisboa*, Ano 38.º, n.º 12756, Lisboa, 13/6/1958, pp. 13 [colns. 3-4] e 17 [colns. 4-5].
- 2 – “Roubaram Quentin Metsys”, *ibidem*, Ano 38.º, n.º 12811, Lisboa, 7/8/1958, pp. 14 [colns. 1-2] e 19 [colns. 1-2].
- 3 – “Truman Capote, o Radiguet Americano”, *ibidem*, Ano 38.º, n.º 12853, Lisboa, 18/9/1958, pp. 13 [coln. 5] e 15 [colns. 1-2]

### 1962

- 4 – “morte e transfiguração [composição poética]”, *Grafia. Revista não periódica dos Estudantes da Faculdade de Letras*, n.º 2, Lisboa, Maio 1962, p. 24. Trata-se de uma publicação dirigida por Mário Sottomayor Cardia, editada pela “Comissão Pró-Associação da Faculdade de Letras de Lisboa”. O presente número saiu policopiado.

**1963**

Colaboração em *O Tempo e o Modo*

- 5 – “Dino Buzzati e a «aposta» de Pascal [Recensão crítica ao romance de Dino Buzzati, *O deserto dos tártaros*, Publicações Europa-América. Col. «Os Livros das Três Abelhas, n.º 58/59]”, *O Tempo e o Modo. Revista de pensamento e acção*, n.º 9, Lisboa, Outubro 1963, pp. 53-55.
- 6 – “O daltonismo alemão [Recensão crítica ao romance de Uwe Johnson, *Conjecturas sobre Jacob*, publicado pela Arcádia]”, *ibidem*, n.º 11, Lisboa, Dezembro 1963, pp. 85-87.

**1964**

- 7 – “Fragmento dum poema” e “Outro Fragmento”, *Antologia de Poesia Universitária*. Organizada por Alfredo Barroso, Fiamma Hasse Pais Brandão, Gastão Cruz, J.M. Vieira da Luz e Rui Namorado, Lisboa, Portugália Editora, imp. 1964, pp. 102-103 e 103-104.

Colaboração em *O Tempo e o Modo*

- 8 – “Aquilino em Lilliput. A propósito de *Casa do Escorpião* de Aquilino Ribeiro”, *O Tempo e o Modo. Revista de pensamento e acção*, n.º 18, Lisboa, Julho/Agosto 1964, pp. 117-119.
- 9 – “Xerazade e os sonâmbulos. A propósito do livro *Xerazade e os Outros* de Fernanda Botelho; Livraria Bertrand, 1964”, *ibidem*, n.º 22, Lisboa, Dezembro 1964, pp. 118-121.

## 1965

- 10 – *Dialéctica da totalidade na “Fenomenologia do Espírito” de Hegel*. Dissertação para licenciatura em Filosofia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1965, 286 pp. Exemplar policopiado.

Colaboração na *Vértice. Revista de cultura e arte*

- 11 – “*Hegel*, de Kostas Papaioannou, Editorial Presença, Lisboa, 1964 [Recensão crítica]”, *Vértice. Revista de cultura e arte*, vol. XXV, n.º 260, Coimbra, Maio 1965, pp. 411-415.

- 12 – “Não há deserto – A propósito do *Diário de Édipo* de Alberto Ferreira. Edição do Autor, Lisboa, 1965, 265 pp. [Recensão crítica]”, *ibidem*, vol. XXV, n.º 263, Coimbra, Agosto 1965, pp. 661-668.

Colaboração na *Seara Nova*

- 13 – Agostina Bessa Luís, *Os Quatro Rios*, Guimarães Editora, Lisboa, 1964, 280 págs. [Recensão crítica]”, *Seara Nova*, Ano XLIV, n.º 1436, Lisboa, Junho de 1965, pp. 182-184.

Colaboração em *O Tempo e o Modo*

- 14 – “Nietzsche e a Filosofia como Criação”, *O Tempo e o Modo. Revista de pensamento e acção*, n.º 23, Lisboa, Janeiro 1965, pp. 63-71.

## 1966

Colaboração na *Vértice. Revista de cultura e arte*

- 15 – “*A evolução humana* de Romeu de Melo, Editorial Presença, Coleção «Divulgação e Ensaio», Lisboa, sem data, 266 pp. [Recensão crítica]”, *Vértice. Revista de cultura e arte*, vol. XXVI, n.º 268, Coimbra, Janeiro 1966, pp. 64-68.

- 16 – “Um profeta desarmado: Bertrand Russell [A propósito da obra *Realidade e Ficção*, Lisboa Publicações Europa-América, colecção Estudos e Documentos, 1965, 338 pp.]”, *ibidem*, vol. XXVI, n.º 270, Coimbra, Março 1966, pp. 183-188.
- 17 – “«O escândalo da separação». Acerca de «Morte Serena» de Simone Beauvoir, Editorial Minotauro, tradução de Luísa Dacosta, Porto, 1966”, *ibidem*, vol. XXVI, n.º 273, Coimbra, Junho 1966, pp. 429-433.
- 18 – “Onde, pela segunda e última vez, se responde a Romeu de Melo e se explica porque não existe nenhuma obra de Nietzsche intitulada «Vontade de Domínio»”, *ibidem*, vol. XXVI, n.º 273, Coimbra, Junho 1966, pp. 433-442.
- 19 – “Ensaio sobre o Iluminismo. Voltaire – I”, *ibidem*, vol. XXVI, n.º 274-275, Coimbra, Julho-Agosto 1966, pp. 457-472.
- 20 – “Uma biografia de Maquiavel [A propósito da obra de Giuseppe Prezzolini, *Vida de Machiavelli*. Tradução de Inácia Dias Fiorillo, Lisboa, Arcádia, 1965, 201 pp.]”, *ibidem*, vol. XXVI, n.º 277-278, Coimbra, Outubro-Novembro 1966, pp. 674-679.

Colaboração na *Seara Nova*

- 21 – “Tonterias filosóficas”, *Seara Nova*, Ano XLV, n.º 1444, Lisboa, Fevereiro de 1966, pp. 52-53 e 55.

Sobre Álvaro Ribeiro.

- 22 – “Diálogo sobre Paço d’Arcos”, *ibidem*, Ano XLV, n.º 1446, Lisboa, Abril 1966, p. 116.

1967

Colaboração na *Vértice. Revista de cultura e arte*

- 23 – “Ensaio sobre o Iluminismo [II]”, *Vértice. Revista de cultura e arte*, vol. XXVII, n.º 282-283, Coimbra, Março-Abril 1967, pp. 133-160.
- 24 – “Filosofia, literatura e vice-versa”, *ibidem*, vol. XXVII, n.º 282-283, Coimbra, Março-Abril 1967, pp. 240-244.
- 25 – “«Eça de Queirós – A sua vida e a sua obra» [de Lopes d’Oliveira. Recensão crítica]”, *ibidem*, vol. XXVII, n.º 284, Coimbra, Maio 1967, pp. 314-321.
- Polémica: Mário de Sacramento, “Sobre a ironia Queirosiana”, *Vértice. Revista de cultura e arte*, vol. XXVII, n.º 285, Coimbra, Junho 1967, pp. 388-390; *idem*, “Diálogo antipolémico com João Medina”, *ibidem*, vol. XXVII, n.º 288, Coimbra, Setembro 1967, pp. 629-633; *idem*, “Um abraço e algumas deixas para João Medina”, *ibidem*, vol. XXVIII, n.º 292, Coimbra, Janeiro 1968, pp. 63-70.
- 26 – “Cartas Alsacianas: 1) O eterno retorno a Nietzsche; 2) Robert Sabatier em Strasbourg”, *ibidem*, vol. XXVII, n.º 286, Coimbra, Julho 1967, pp. 477-481.
- 27 – “Para uma definição da ironia (ainda a propósito da «Santa Ironia» de Eça)”, *ibidem*, vol. XXVII, n.º 287, Coimbra, Agosto 1967, pp. 556-562.
- 28 – “Cartas Alsacianas: 1) Escritores Degaulistas; 2) Nomes, números e letras da casa Gallimard; 3) Max Aub”, *ibidem*, vol. XXVII, n.º 287, Coimbra, Agosto 1967, pp. 563-567.
- 29 – “Cartas Alsacianas: 1) Escritores Degaulistas (2.ª parte)”, *ibidem*, vol. XXVII, n.º 288, Coimbra, Setembro 1967, pp. 634-641.

- 30 – “Cartas Alsacianas: Strasbourg e a Estrela de David”, *ibidem*, vol. XXVII, n.º 289, Coimbra, Outubro 1967, pp. 713-720, ilustr.
- 31 – “Diálogo sobre o diálogo (continuação dum debate com Mário de Sacramento)”, *ibidem*, vol. XXVII, n.º 290, Coimbra, Novembro 1967, pp. 798-808.
- 32 – “Cartas Alsacianas: A Europa das férias pagas”, *ibidem*, vol. XXVII, n.º 291, Coimbra, Dezembro 1967, pp. 877-883.

Colaboração na *Seara Nova*

- 33 – “Elogio de Alípio Severo de Noronha (1826-1878). Estadista, orador, filósofo e homem de letras”, *Seara Nova*, Ano XLV, n.º 1462, Lisboa, Agosto 1967, pp. 250-253, ilustr.

## 1968

Colaboração no *Diário de Lisboa*. Série de crónicas intitulada *Torre de Babel*

- 34 – “As palavras e as coisas”, *Diário de Lisboa*, Ano 48.º, n.º 16296, Lisboa, 2/5/1968, p. 17 [colns. 3-4].
- 35 – “A decadência do maravilhoso”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16304, Lisboa, 10/5/1968, p. 17 [colns. 3-4].
- 36 – “Bons tempos”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16310, Lisboa, 16/5/1968, p. 14 [colns. 1-2].
- 37 – “Novas Aventuras de Gulliver”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16324, Lisboa, 30/5/1968, p. 17 [colns. 3-4].
- 38 – “Goethe filisteu”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16331, Lisboa, 6/6/1968, p. 15 [colns. 3-4].

- 39 – “Profecia & Política”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16351, Lisboa, 27/6/1968, p. 15 [colns. 3-4].
- 40 – “Vem aí o monstro”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16358, Lisboa, 4/7/1968, p. 13 [colns. 3-4].
- 41 – “Uma história alsaciana: O presente envenenado”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16376, Lisboa, 22/7/1968, p. 13 [colns. 3-4].
- 42 – “ A origem dos discos voadores”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16380, Lisboa, 26/7/1968, p. 15 [colns. 3-4].
- 43 – “Uma história persa: O jardineiro e a morte”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16386, Lisboa, 1/8/1968, p. 13 [colns. 3-4].
- 44 – “O regresso de Ulisses”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16393, Lisboa, 8/8/1968, p. 11 [colns. 3-4].
- 45 – “Confissão dum poeta”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16400, Lisboa, 15/8/1968, p. 11 [colns. 3-4].
- 46 – “Requiem por um espia-Mata-Hari”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16407, Lisboa, 22/8/1968, p. 11 [colns. 3-4].
- 47 – “Bizarrias de um guarda-livros”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16414, Lisboa, 29/8/1968, p. 11 [colns. 3-4].
- 48 – “O congresso dos Magos”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16421, Lisboa, 5/9/1968, p. 13 [colns. 3-4].
- 49 – “Uma história europeia: Garrafas no Reno”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16428, Lisboa, 12/9/1968, p. 11 [colns. 3-4].
- 50 – “Novas aventuras de Gulliver: «Frenéticos» e «amarfanhados»”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16435, Lisboa, 19/9/1968, p. 13 [colns. 3-4].

- 51 – “Variações sobre um tema de Schiller: A partilha da terra”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16442, Lisboa, 26/9/1968, p. 15 [colns. 3-4].
- 52 – “Grandezas e misérias da Europa: «Décloisonnez-vous!»”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16449, Lisboa, 3/10/1968, p. 13 [colns. 3-4].
- 53 – “«Paradise now!»”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16455, Lisboa, 10/10/1968, p. 13 [colns. 3-4].
- 54 – “Uma história quase policial: O vermelho e o branco”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16462, Lisboa, 17/10/1968, p. 13 [colns. 2-4].
- 55 – “E se o anjo chegar atrasado?””, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16471, Lisboa, 26/10/1968, p. 11 [colns. 3-5].
- 56 – “A rotina e o êxtase: Orfeu e os caminhos-de-ferro”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16476, Lisboa, 31/10/1968, p. 13 [colns. 3-5].
- 57 – “Carta aberta aos primeiros homens na lua”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16483, Lisboa, 7/11/1968, p. 13 [colns. 3-5].
- 58 – “O turismo é uma mercadoria?””, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16490, Lisboa, 14/11/1968, p. 15 [colns. 3-5].
- 59 – “Da arte de viajar”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16497, Lisboa, 21/11/1968, p. 15 [colns. 3-5].
- 60 – “«Sinon, boum!»”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16503, Lisboa, 28/11/1968, p. 15 [colns. 3-5].
- 61 – “Novas aventuras de Gulliver: No país dos Welches”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16510, Lisboa, 5/12/1968, p. 15 [colns. 3-5].
- 62 – “Novas aventuras de Gulliver: No país dos Welches (2.ª parte)”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16517, Lisboa, 12/12/1968, p. 15 [colns. 3-5].

63 – “O lamento dum negro”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16524, Lisboa, 19/12/1968, p. 17 [colns. 3-5].

64 – “Mudar de gravata”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16530, Lisboa, 26/12/1968, p. 13 [colns. 3-5].

Colaboração na *Vértice. Revista de cultura e arte*

65 – “Cartas Alsacianas: O Rabino e o Vagabundo”, *Vértice. Revista de cultura e arte*, vol. XXVIII, n.º 293, Coimbra, Fevereiro 1968, pp. 132-138.

66 – “Ensaio sobre o Iluminismo – III. Tábua cronológica do Iluminismo francês (1704-1795)”, *ibidem*, vol. XXVIII, n.º 294, Coimbra, Março 1968, pp. 161-173, ilustr.

67 – “Ideologia e estética (reflexões cordialmente endereçadas a Mário de Sacramento)”, *ibidem*, vol. XXVIII, n.º 294, Coimbra, Março 1968, pp. 220-235.

68 – “Ensaio sobre o Iluminismo – III. Tábua cronológica do Iluminismo francês (1704-1795)”, *ibidem*, vol. XXVIII, n.º 295, Coimbra, Abril 1968, pp. 241-252, ilustr.

69 – “Ensaio sobre o Iluminismo – III. Tábua cronológica do Iluminismo francês (1704-1795)”, *ibidem*, vol. XXVIII, n.º 296, Coimbra, Maio 1968, pp. 363-370, ilustr.

70 – “Cartas Alsacianas: Jean Waldteufel desce aos Infernos”, *ibidem*, vol. XXVIII, n.º 296, Coimbra, Maio 1968, pp. 383-389.

71 – “Ensaio sobre o Iluminismo – III. Tábua cronológica do Iluminismo francês (1704-1795) (continuação)”, *ibidem*, vol. XXVIII, n.º 297, Coimbra, Junho 1968, pp. 433-442.

- 72 – “Eça de Queiroz, «Adaptador Genial» [Recensão crítica de dois estudos de António Coimbra Martins, *Ensaaios Queirosianos*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1967 e «Eva e Eça», *Bulletin des Études Portugaises*, tomo XXVIII/XXIX, 1967/1968, pp. 287-325]”, *ibidem*, vol. XXVIII, n.º 299, Coimbra, Agosto 1968, pp. 629-639.

## 1969

Colaboração no *Diário de Lisboa*. Série de crónicas intitulada *Torre de Babel*

- 73 – “Uma doença salutar”, *Diário de Lisboa*, Ano 48.º, n.º 16536, Lisboa, 2/1/1969, p. 15 [colns. 3-5].
- 74 – “Novas aventuras de Gulliver: A escalada”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16543, Lisboa, 9/1/1969, p. 13 [colns. 3-5].
- 75 – “A nova guerra civil ou os shadoks”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16571, Lisboa, 6/2/1969, p. 15 [colns. 3-5].
- 76 – “Humoristas gráficos”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16578, Lisboa, 13/2/1969, p. 17 [colns. 3-5], ilustr.
- 77 – “Uma história alsaciana: O purgatório bilingue”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16584, Lisboa, 20/2/1969, p. 15 [colns. 3-5].
- 78 – “À maneira de Polanski: O gordo e o magro”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16591, Lisboa, 27/2/1969, p. 13 [colns. 3-5].
- 79 – “Uma história suíça: O paradoxo”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16598, Lisboa, 6/3/1969, p. 13 [colns. 3-5].
- 80 – “O «Western-spaghetti»”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16605, Lisboa, 13/3/1969, p. 13 [colns. 3-5].

- 81 – “A lebre e a tartaruga”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16612, Lisboa, 20/3/1969, p. 13 [colns. 3-5].
- 82 – “Portas abertas”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16619, Lisboa, 27/3/1969, p. 13 [colns. 3-5].
- 83 – “Os bons sentimentos”, *ibidem*, Ano 48.º, n.º 16626, Lisboa, 3/4/1969, p. 13 [colns. 3-5].
- 84 – “Novas aventuras de Gulliver”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16633, Lisboa, 10/4/1969, p. 13 [colns. 3-5].
- 85 – “As ilhas encantadas”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16640, Lisboa, 17/4/1969, p. 15 [colns. 3-5].
- 86 – “Quem era afinal D. Quixote?”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16647, Lisboa, 24/4/1969, p. 15 [colns. 3-5].
- 87 – “«Never grow old»”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16660, Lisboa, 8/5/1969, p. 15 [colns. 3-5].
- 88 – “Um enigma policíaco”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16674, Lisboa, 22/5/1969, p. 13 [colns. 3-5].
- 89 – “Decadência da epístola”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16681, Lisboa, 29/5/1969, p. 15 [colns. 3-5].
- 90 – “Variações sobre uma fábula conhecida: A força dos preconceitos”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16688, Lisboa, 5/6/1969, p. 3 [colns. 3-5].
- 91 – “Jornais gratuitos?”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16694, Lisboa, 12/6/1969, p. 15 [colns. 3-5].
- 92 – “Reflexões (apolíticas) sobre uma Primavera defunta: A festa ou a sesta?”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16701, Lisboa, 19/6/1969, p. 15 [colns. 3-5].

93 – “L’Apocalypse est pour demain”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16708, Lisboa, 26/6/1969, p. 15 [colns. 3-5].

94 – “O jornal e o pássaro de Minerva”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16715, Lisboa, 3/7/1969, p. 15 [colns. 3-5].

95 – “Guilherme Tell, soldado”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16722, Lisboa, 10/7/1969, p. 15 [colns. 3-5].

Colaboração no *Diário de Lisboa*. Série de crónicas intitulada *Jardim das Delícias*

96 – “Xenofobia”, *Diário de Lisboa.*, Ano 49.º, n.º 16844, Lisboa, 10/11/1969, p. 11 [colns. 3-5].

97 – “Grandezas e misérias dos prémios literários”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16874, Lisboa, 11/12/1969, p. 15 [colns. 3-5].

Colaboração no *Diário de Lisboa* sem indicação de série

98 – “Reabilitações”, *Diário de Lisboa*, Ano 49.º, n.º 16630, Lisboa, 7/4/1969, Supl. 48.º Aniversário, p. 14 [colns. 1-3].

99 – “Todos os homens são das direitas”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16779, Lisboa, 5/9/1969, supl. *Mesa Redonda*, pp. 1 [colns. 2-4] e 9 [colns. 1-2].

100 – “A política dos apolíticos”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16882, Lisboa, 19/12/1969, supl. *Mesa Redonda*, pp. 1 [colns. 3-5] e 4 [colns. 1-3].

Colaboração na *Vértice*. *Revista de cultura e arte*

101 – “A Revolução de Maio perante a opinião pública francesa”, *Vértice. Revista de cultura e arte*, vol. XXIX, n.º 307, Coimbra, Abril 1969, pp. 319-323.

102 – “Alfred Weber, sociólogo da cultura”, *ibidem*, vol. XXIX, n.º 310, Coimbra, Julho 1969, pp. 553-560.

**1970**

103 – *Lumières et Société. Essai sur la Sociologie des Lumières en France, 1750-1771*, Strasbourg, 1970, 353 pp. Exemplar dactilografado. Dissertação de Doutoramento em Sociologia apresentada à Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade de Estrasburgo.

Colaboração no *Diário de Lisboa*. Série de crónicas intitulada *Jardim das Delícias*

104 – “A França será francesa?”, *Diário de Lisboa*, Ano 49.º, n.º 16895, Lisboa, 3/1/1970, p. 11 [colns. 3-5].

105 – “A invasão erótica”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16909, Lisboa, 17/1/1970, p. 13 [colns. 3-5].

106 – “As diabruras de um sábio atómico”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16926, Lisboa, 3/2/1970, p. 13 [colns. 3-5].

107 – “Um francês confessa-se: «Porque não gosto dos estrangeiros»”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16933, Lisboa, 11/2/1970, p. 13 [colns. 3-5].

108 – “Um gato é um gato (conto oriental)”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16959, Lisboa, 9/3/1970, p. 9 [colns. 3-5].

109 – “Uma vez por ano”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16978, Lisboa, 28/3/1970, p. 9 [colns. 3-5].

110 – “Um putsch falhado (História Verídica)”, *ibidem*, Ano 49.º, n.º 16987, Lisboa, 6/4/1970, p. 9 [colns. 3-5].

111 – “Louvor e simplificação dos Peanuts”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17014, Lisboa, 4/5/1970, p. 9 [colns. 3-5].

- 112 – “L’ Angleterre toute nue”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17062, Lisboa, 22/6/1970, p. 9 [colns. 3-5].
- 113 – “Porque não quero a lua”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17076, Lisboa, 6/7/1970, p. 9 [colns. 3-5].
- 114 – “Guerras há muitas (pequeno ensaio de polemologia caseira)”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17099, Lisboa, 29/7/1970, p. 9 [colns. 3-5].
- 115 – “O «Sud-Express», esse desconhecido”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17111, Lisboa, 10/8/1970, p. 9 [colns. 3-5].
- 116 – “O «Sud-Express», esse desconhecido [2.ª parte]”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17119, Lisboa, 18/8/1970, p. 9 [colns. 3-5].
- 117 – “As serpentes marinhas”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17125, Lisboa, 24/8/1970, p. 8 [colns. 1-3].
- 118 – “As serpentes marinhas-2”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17132, Lisboa, 31/8/1970, pp. 10 [coln. 5]-11 [colns. 1-3].
- 119 – “As serpentes marinhas-3. Nessie morreu”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17141, Lisboa, 9/9/1970, p. 10 [colns. 1-3].
- 120 – “As naturezas perversas (Fábula de Orson Welles)”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17149, Lisboa, 17/9/1970, p. 12 [colns. 1-3].
- 121 – “As origens ocultas da Torre Eiffel”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17154, Lisboa, 22/9/1970, p. 10 [colns. 1-3].
- 122 – “O Inferno é necessário?”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17162, Lisboa, 30/9/1970, p. 14 [colns. 1-2].
- 123 – “O Inferno é necessário?-2”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17168, Lisboa, 7/10/1970, p. 10 [colns. 1-2].

- 124– “O inferno é necessário?-3”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17176, Lisboa, 15/10/1970, pp. 12 [colns. 4-5]-13 [coln. 1].
- 125– “Um francês em Lisboa”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17181, Lisboa, 20/10/1970, pp. 13 [colns. 2-3]-14 [colns. 4-5].
- 126– “Entrevista com Dante Alighieri”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17187, Lisboa, 26/10/1970, p. 10 [colns. 1-2].
- 127– “Entrevistas imaginárias-3 [i.e. 2]. O Marquês de Pombal”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17202, Lisboa, 10/11/1970, pp. 10 [colns. 1-2] e 13 [colns. 3-4].
- 128– “Entrevistas imaginárias-2 [i.e. 3]. O conselheiro Goethe”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17216, Lisboa, 24/11/1970, pp. 12 [colns. 1-4] e 22 [colns. 1-2].
- 129– “Entrevistas imaginárias-3 [i.e. 4]. Ulisses ou o herói reformado”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17223, Lisboa, 2/12/1970, p. 17 [colns. 1-3].
- 130– “Entrevistas imaginárias-4 [i.e. 5]. Ulisses ou o herói reformado (2.<sup>a</sup> parte)”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17228, Lisboa, 7/12/1970, pp. 10 [colns. 4-5] e 12 [colns. 3-4].
- 131– “Poluição Humana”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17235, Lisboa, 14/12/1970, pp. 12 [colns. 4-5]-13 [colns. 1-2].
- 132– “Entrevistas imaginárias-5 [i.e. 6]. O duque de Otranto, um homem para todos os regimes”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17248, Lisboa, 28/12/1970, pp. 10 [colns. 5-6]-11 [colns. 1-2].

Colaboração no *Diário de Lisboa* sem indicação de série

- 133– “Kafka, o Sequestrado”, *Diário de Lisboa*, Ano 50.º, n.º 17004, Lisboa, 23/4/1970, *Suplemento Literário*, pp. 1 [colns. 1-6] e 6 [colns. 1-6], ilustr.

- 134– “Gazeta Provençal ou a França vista de Aix-en-Provence. Folha não periódica”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17249, Lisboa, 29/12/1970, supl. *Exclusivo*, pp. 1 [colns. 1-4] e 9 [colns. 1-2].

Colaboração na *Vértice. Revista de cultura e arte*

- 135– “A ilha está cheia de vozes (Fragmento de uma novela)”, *Vértice. Revista de cultura e arte*, vol. XXX, n.º 315-6, Coimbra, Abril-Maio 1970, pp. 284-307.

- 136– “O século XVIII, nosso contemporâneo”, *ibidem*, vol. XXX, n.º 321, Coimbra, Outubro 1970, pp. 706-726, ilustr.

Colaboração na *Seara Nova*

- 137– “A irresistível ascensão de Alípio Severo (estudo sobre o *Conde de Abranhos* de Eça de Queirós)”, *Seara Nova*, Ano XLVIII, n.º 1500, Lisboa, Outubro 1970, pp. 326-332, ilustr.

## 1971

- 138– *A ilha está cheia de vozes. Novela. Três histórias plausíveis. Contos*, Coimbra, Atlântida, 1971, 108 pp.

Colaboração no *Diário de Lisboa*. Série de crónicas intitulada *Jardim das Delícias*

- 139– “O duque de Otranto, um homem para todos os regimes (2.ª parte)”, *Diário de Lisboa*, Ano 50.º, n.º 17283, Lisboa, 2/2/1971, pp. 10 [colns. 2-5]-11 [coln. 1].

- 140– “Entrevistas imaginárias-6 [i.e. 7]. Diógenes, o «Hippy»”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17296, Lisboa, 15/2/1971, pp. 12 [colns. 4-5], 13 [coln. 1] e 14 [colns. 1-2].

- 141 – “Entrevistas imaginárias-7 [i.e. 8]. Salvador Dali”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17298, Lisboa, 17/2/1971, p. 11 [colns. 2-5].
- 142 – “O duque de Otranto, um homem para todos os regimes (3.ª parte)”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17309, Lisboa, 1/3/1971, pp. 10 [colns. 5-6]-11 [colns. 1-2].

Colaboração no *Diário de Lisboa* sem indicação de série

- 143 – “Gazeta Provençal. Folha não periódica. Entrevista com M.me Réjane”, *Diário de Lisboa*, Ano 50.º, n.º 17262, Lisboa, 12/1/1971, supl. *Exclusivo*, p. 12 [colns. 1-4], ilustr.
- 144 – “Gazeta Provençal. Folha não periódica. A França vista de Aix-en-Provence. O «Environnement» neologismo político”, *ibidem*, Ano 50.º, n.º 17290, Lisboa, 9/2/1971, supl. *Exclusivo*, p. 12 [colns. 1-4], ilustr.

Colaboração na *Vértice. Revista de cultura e arte*

- 145 – “Breve resenha cronológica da vida e da obra de Eça de Queiroz. Primeira parte: Os anos de aprendizagem”, *Vértice. Revista de cultura e arte*, vol. XXXI, n.º 324, Coimbra, Janeiro 1971, pp. 2-15, ilustr.
- 146 – “Breve resenha cronológica da vida e obra de Eça de Queiroz. Primeira parte: Os anos de aprendizagem (continuação)”, *ibidem*, vol. XXXI, n.º 325, Coimbra, Fevereiro 1971, pp. 103-124, ilustr.
- 147 – “Breve resenha cronológica da vida e obra de Eça de Queiroz. 2.ª parte: Os anos de viagem (1872-1888)”, *ibidem*, vol. XXXI, n.º 326, Coimbra, Março 1971, pp. 195-213, ilustr.
- 148 – “Breve resenha cronológica da vida e obra de Eça de Queiroz. 2.ª parte: Os anos de viagem (1872-1888) [conclusão]”, *ibidem*, vol. XXXI, n.º 327-28, Coimbra, Abril-Maio 1971, pp. 334-357, ilustr.

- 149 – “Breve resenha cronológica da vida e obra de Eça de Queiroz. 3.<sup>a</sup> parte: Os anos de glória (1889-1900 e os anos póstumos 1901-...)”, *ibidem*, vol. XXXI, n.º 329, Coimbra, Junho 1971, pp. 422-437.
- 150 – “Breve resenha cronológica da vida e obra de Eça de Queiroz. 3.<sup>a</sup> parte: Os anos de glória (1889-1900 e os anos póstumos 1901-...) [continuação]”, *ibidem*, vol. XXXI, n.º 330, Coimbra, Julho 1971, pp. 534-548, ilustr.
- 151 – “Breve resenha cronológica da vida e obra de Eça de Queiroz. 3.<sup>a</sup> parte: Os anos de glória (1889-1900 e os anos póstumos 1901-...) [continuação]”, *ibidem*, vol. XXXI, n.º 331-32, Coimbra, Agosto-Setembro 1971, pp. 614-633.
- 152 – “Breve resenha cronológica da vida e obra de Eça de Queiroz. 3.<sup>a</sup> parte: Os anos de glória (1889-1900 e os anos póstumos 1901-...) [conclusão]”, *ibidem*, vol. XXXI, n.º 333, Coimbra, Outubro 1971, pp. 755-773, ilustr.

Colaboração na *Seara Nova*

- 153 – “Eça e Eça. Duas atitudes perante a «choldra»”, *Seara Nova*, Ano L, n.º 1506, Lisboa, Abril 1971, pp. 27-30, ilustr.
- 154 – “O pessimismo nacional de Eça de Queirós (Estudo sobre «Os Maias»”, *ibidem*, n.º 1514, Lisboa, Dezembro 1971, pp. 21-30, ilustr.

**1972**

- 155 – *Eça de Queiroz e o seu tempo*, Lisboa, Livros Horizonte, imp. 1972, 365 pp., ilustr.
- 156 – “Eça de Queiroz e o anarquismo (1892-1894)”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. V, Paris, 1972, pp. 359-419. Com separata.

Colaboração na *Vértice. Revista de cultura e arte*

- 157 – “A geração de 70 diante de Jericó [a propósito de *Regards sur la génération portugaise de 1870*, e *La Génération de 70*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971]”, *Vértice. Revista de cultura e arte*, vol. XXXII, n.º 336-37, Coimbra, Janeiro-Fevereiro 1972, pp. 55-61.
- 158 – “Eça de Queiroz e a miséria portuguesa. Ensaio sobre o pessimismo n’*Os Maias*”, *ibidem*, vol. XXXII, n.º 341-42, Coimbra, Junho-Julho 1972, pp. 472-487.

Colaboração na *Seara Nova*

- 159 – “Ramalho Ortigão anti-semita (Reflexões sobre a inactualidade do pensamento de Ramalho)”, *Seara Nova*, n.º 1517, Lisboa, Março 1972, pp. 27-29.

Polémica: Fausto Lopo de Carvalho, “A actualidade do pensamento de Ramalho Ortigão (contestando o pretenso e imaginário anti-semitismo de que Ramalho é acusado)”, *Seara Nova*, n.º 1520, Lisboa, Junho 1972, pp. 21-27.

- 160 – “Resposta a um ramalhista caturra. Novas reflexões sobre o mesmo anti-semitismo de Ramalho Ortigão”, *ibidem*, n.º 1520, Lisboa, Junho 1972, pp. 29-32.
- 161 – “Jacinto em Ítaca. Ensaio sobre *A Cidade e as Serras*”, *ibidem*, n.º 1523, Lisboa, Setembro 1972, pp. 24-31, ilustr.
- 162 – “Jacinto em Ítaca. Ensaio sobre *A Cidade e as Serras* (conclusão do número anterior)”, *ibidem*, n.º 1524, Lisboa, Outubro 1972, pp. 17-27, ilustr.

Colaboração na revista *Colóquio/Letras*

- 163 – “Vitorino Nemésio, Eduardo Lourenço Faria, Jean Girodon, Albert Silbert, *Regards sur la génération portugaise de 1870 (Conférences)*, Série Histórica

& Literária – VII / Paris / 1971; *La Génération de 70. Époque-Chefs de file-Relations avec la France. Exposition bibliographique*, Paris / 1971 [Recensão crítica], *Colóquio/Letras*, n.º 5, Lisboa, Janeiro de 1972, pp. 102-103.

164 – “Eça de Queiroz, *Les Maia*. Tradução, prefácio e notas de Paul Teyssier, col. «Poètes et prosateurs du Portugal» / Fondation Calouste Gulbenkian (Centre Culturel Portugais)-P.U.F., Paris / 2 vols., 1971 [Recensão crítica]”, *ibidem*, n.º 7, Lisboa, Maio de 1972, pp. 86-88.

165 – “À margem dum ensaio de Eça de Queirós. Nótulas sobre «O Francesismo», sua cronologia e fontes”, *ibidem*, n.º 10, Lisboa, Novembro de 1972, pp. 34-45.

166 – “João Palma-Ferreira, *Diário (1962-1972)*, Ed. Arcádia, Lisboa / 1972 [Recensão crítica]”, *ibidem*, n.º 10, Lisboa, Novembro de 1972, pp. 79-80.

167 – “Vitor Ramos, *A Edição de Língua Portuguesa em França (1800-1850). Repertório Geral dos Títulos Publicados e Ensaio Crítico*, Série Memórias e Documentos para a História Luso-Francesa - X, Paris / 1972 [Recensão crítica]”, *ibidem*, n.º 10, Lisboa, Novembro de 1972, pp. 94-96.

## 1973

168 – “Eça e a Espanha. Reflexos da Questão Ibérica na obra de Eça de Queiroz (1867-1888)”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. VII, Paris, 1973, pp. 299-339. Com separata, 1974.

169 – “Eça de Queiroz e o iberismo (Reflexos da questão ibérica na obra de Eça de Queiroz, de 1867 a 1888)”, *Sillages. [Département d' Études Portugaises et Brésiliennes de l' Université de Poitiers]*, n.º 3, Poitiers, 1973, pp. 9-31. Com separata.

Colaboração na revista *Colóquio/Letras*

- 170 – “Gonçalo Mendes Ramires, personagem hamléptico”, *Colóquio/Letras*, n.º 14, Lisboa, Julho de 1973, pp. 27-39, ilustr.
- 171 – “*De fora para dentro*. Organização, notas e tradução de Aníbal Fernandes, Edições Afrodite, Lisboa/1973 [Recensão crítica]”, *ibidem*, n.º 16, Lisboa, Novembro de 1973, pp. 85-86.

Colaboração na *Seara Nova*

- 172 – “«O povo pede autorização para aprender a nadar». Lenda oriental (Adaptação de [...])”, *Seara Nova*, n.º 1528, Lisboa, Fevereiro 1973, p. 11.

**1974**

- 173 – *Eça político (Ensaio sobre aspectos político-ideológicos da obra de Eça de Queiroz)*, Lisboa, Seara Nova, 1974, 238, [4] pp., ilustr.
- 174 – *Novas aventuras de Gulliver*. Ilustradas por Lami [i.e. Lima de Freitas], [Lisboa], Seara Nova, 1974, 105, [6] pp., ilustr.

Colaboração no *Diário de Notícias*

- 175 – “A França tal qual se fala”, *Diário de Notícias*, Ano 110.º, n.º 38907, Lisboa, 11/7/1974, pp. 17 [colns. 5-7]-18 [colns. 2-4].
- 176 – “Hamlet morou defronte da tabacaria ou de como o Esteves sem metafísica era norueguês sem o saber”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 38925, Lisboa, 1/8/1974, pp. 15 [colns. 1-5]-16 [colns. 4-6], ilustr. por João Abel Manta.
- 177 – “Autocrítica dum exilado voluntário”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 38934, Lisboa, 12/8/1974, pp. 7 [colns. 1-5]-8 [colns. 1-2].

- 178 – “Sines ou os muros que falam”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 38942, Lisboa, 21/8/1974, p. 7 [colns. 1-5], ilustr.
- 179 – “O chinês cadente. Um conto por [...]”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 38960, Lisboa, 12/9/1974, pp. 17 [colns. 1-3]-18 [colns. 1-2].
- 180 – “Notas sobre a Geração de 70. O «*finis patriae*» de Oliveira Martins”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 38972, Lisboa, 26/9/1974, pp. 17 [colns. 1-5]-18 [colns. 3-6].
- 181 – “O «Alves & Cia», de Eça adaptado à Televisão”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 38978, Lisboa, 3/10/1974, p. 6 [colns. 3-5].
- 182 – “Notas sobre a Geração de 70. O nihilismo de Eça de Queiroz n’«Os Maias»”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 38978, Lisboa, 3/10/1974, pp. 17 [colns. 1-5]-18 [colns. 2-3], ilustr. por João Abel Manta.
- 183 – “Notas sobre a Geração de 70. O nihilismo de Eça de Queiroz n’«Os Maias» (conclusão)”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 38997, Lisboa, 24/10/1974, pp. 17 [colns. 1-5]-18 [colns. 5-6].
- 184 – “O elogio da franqueza política”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 39005, Lisboa, 2/11/1974, pp. 7 [colns. 5-8]-8 [colns. 1-2], ilustr.
- 185 – “O Bovarismo (da Emma Bovary de Flaubert a Luísa de Eça)”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 39009, Lisboa, 7/11/1974, pp. 17 [colns. 5-8]-18 [colns. 6-8], ilustr.
- 186 – “Notas sobre a Geração de 70. Rafael Bordalo Pinheiro repórter das Conferências do Casino”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 39021, Lisboa, 21/11/1974, pp. 17 [colns. 4-8]-18 [colns. 3-6], ilustr.
- 187 – “Maio de 68 em França-1 (Crónicas que a censura cortou)”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 39025, Lisboa, 26/11/1974, pp. 7 [colns. 1-5]-8 [colns. 1-3], ilustr.

- 188– “Maio de 68 em França-2 (Crónicas que a censura cortou)”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 39026, Lisboa, 27/11/1974, pp. 7 [colns. 4-8]-8 [colns. 1-2], ilustr.
- 189– “Maio de 68 em França-3 (Crónicas que a censura cortou)”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 39027, Lisboa, 28/11/1974, pp. 7 [colns. 4-8]-8 [colns. 1-3].
- 190– “Maio de 68 em França-4 (Crónicas que a censura cortou)”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 39028, Lisboa, 29/11/1974, pp. 7 [colns. 5-8]-8 [colns. 1-2].
- 191– “Maio de 68 em França-5 (Crónicas que a censura cortou)”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 39029, Lisboa, 30/11/1974, pp. 7 [colns. 5-8]-8 [coln. 1].
- 192– “Notas sobre a Geração de Setenta. O historiador Alberto Sampaio crítico da Expansão Portuguesa”, *ibidem*, Ano 110.º, n.º 39038, Lisboa, 12/12/1974, pp. 17 [colns. 5-8]-18 [colns. 2-4], ilustr.

Colaboração na *Seara Nova*

- 193– “Pinheiro Chagas, a Virgem Vermelha e a bengala anarquista (A agressão a Pinheiro Chagas na imprensa lisboeta da época)”, *Seara Nova*, n.º 1539, Lisboa, Janeiro 1974, pp. 17-21.
- 194– “Pinheiro Chagas, a Virgem Vermelha e a bengala anarquista-conclusão”, *ibidem*, n.º 1540, Lisboa, Fevereiro 1974, pp. 26-30.
- 195– “«A velha morreu!»”, *ibidem*, n.º 1545, Lisboa, Julho 1974, pp. 22-25.

Sobre a morte de Salazar. Texto redigido em Julho de 1970 e revisto em Maio de 1974.

Colaboração na revista *Colóquio/Letras*

- 196– “E agora louvemos um grande homem (A propósito do vol. XI do «Diário» de Miguel Torga)”, *Colóquio/Letras*, n.º 17, Lisboa, Janeiro de 1974, pp. 78-80.

197– “Uma peça contra a geração de 70: «Os Sabichões» de Ernesto Biester”, *ibidem*, n.º 21, Lisboa, Setembro de 1974, pp. 48-64.

## 1975

198– *Portugal Reencontrado*, Lisboa, Terra Livre, 1975, [23 pp.], ilustr.

Obra publicada sem menção do autor.

199– “Portugal reencontrado. Um país regressa a casa depois de uma viagem de 5 séculos”, *Portugal. Informação [Ministério da Comunicação Social; Direcção-Geral da Divulgação]*, n.º 5, Lisboa, Dezembro 1975, pp. 2-7, ilustr.

Publicado sem indicação do autor.

Colaboração no *Diário de Notícias*

200– “Ainda «Os Maias» de Eça. Ascensão e queda de Carlos da Maia”, *Diário de Notícias*, Ano 111.º, n.º 39054, Lisboa, 3/1/1975, pp. 17 [colns. 4-8]-18 [colns. 3-5], ilustr.

201– “Notas sobre a Geração de 70. Herculano julgado pelos homens de 70”, *ibidem*, Ano 111.º, n.º 39065, Lisboa, 16/1/1975, pp. 17 [colns. 4-8]-18 [colns. 5-8], ilustr. por João Abel Manta.

202– “Notas sobre a Geração de 70. Herculano contestado”, *ibidem*, Ano 111.º, n.º 39071, Lisboa, 23/1/1975, pp. 17 [colns. 1-5]-18 [colns. 1-5], ilustr. por João Abel Manta.

203– “O «busílis»”, *ibidem*, Ano 111.º, n.º 39079, Lisboa, 1/2/1975, p. 7 [colns. 4-8].

Polémica: José Vieira da Cruz, “Onde está o «busílis»”, *ibidem*, Ano 111.º, n.º 39083, Lisboa, 6/2/1975, p. 7 [colns. 5-8].

- 204– “Herculano vilipendiado por Teófilo Braga”, *ibidem*, Ano 111.º, n.º 39083, Lisboa, 6/2/1975, pp. 17 [colns. 4-8]-18 [colns. 3-6].
- 205– “Onde está o «busílis»?”, *ibidem*, Ano 111.º, n.º 39090, Lisboa, 15/2/1975, pp. 7 [colns. 1-5]-8 [colns. 1-2].
- 206– “Notas sobre a Geração de 70. Ramalho critica Herculano”, *ibidem*, Ano 111.º, n.º 39100, Lisboa, 27/2/1975, pp. 17 [colns. 4-8]-18 [colns. 1-4], ilustr.
- 207– “Para a História do anarquismo em Portugal”, *ibidem*, Ano 111.º, n.º 39117, Lisboa, 19/3/1975, pp. 7 [colns. 1-5]-8 [colns. 1-2], ilustr.
- 208– “O fontismo visto por Ramalho e Fialho de Almeida”, *ibidem*, Ano 111.º, n.º 39124, Lisboa, 27/3/1975, pp. 17 [colns. 4-8]-18 [colns. 5-8], ilustr.
- 209– “Notas sobre a Geração de 70. O Fontismo [visto por Fialho de Almeida]”, *ibidem*, Ano 111.º, n.º 39136, Lisboa, 10/4/1975, pp. 17 [colns. 4-8]-18 [colns. 5-8], ilustr.
- 210– “O 25 de Abril peninsular”, *ibidem*, Ano 111.º, n.º 39136, Lisboa, 10/4/1975, p. 7 [colns. 1-6].
- 211– “Dois falsos médicos sociais: Fontes e Salazar”, *ibidem*, Ano 111.º, n.º 39143, Lisboa, 18/4/1975, pp. 7 [colns. 1-5]-8 [coln. 1], ilustr.
- Colaboração no semanário *O Jornal*
- 212– “A segunda guerra fria”, *O Jornal*, Ano I, n.º 1, Lisboa, 2/5/1975, p. 25 [colns. 3-6].
- 213– “O automóvel morreu”, *ibidem*, Ano I, n.º 2, Lisboa, 9/5/1975, p. 27 [colns. 3-6].

- 214 – “Júlio Verne: tecnocrata ou anarquista?”, *ibidem*, Ano I, n.º 3, Lisboa, 16/5/1975, p. 26 [colns. 3-6].
- 215 – “O passado da futurologia”, *ibidem*, Ano I, n.º 4, Lisboa, 23 a 29/5/1975, p. 25 [colns. 2-6].
- 216 – “Hoje há freudismo”, *ibidem*, Ano I, n.º 5, Lisboa, 30/5 a 5/6/1975, p. 26 [colns. 2-6], ilustr.
- 217 – “Salazar visto por três franceses”, *ibidem*, Ano I, n.º 5, Lisboa, 30/5 a 5/6/1975, p. 17 [colns. 3-6].
- 218 – “Panorama das ditaduras europeias entre as duas guerras”, *ibidem*, Ano I, n.º 5, Lisboa, 30/5 a 5/6/1975, pp. 14 [colns.1-6]-16 [colns. 1-2].
- 219 – “A utopia é uma ilha”, *ibidem*, Ano I, n.º 6, Lisboa, 6 a 12/6/1975, p. 26 [colns. 3-6], ilustr.
- 220 – “O humor (negro) do Dr. Salazar”, *ibidem*, Ano I, n.º 7, Lisboa, 13 a 20/6/1975, p. 26 [colns. 3-6].
- 221 – “D. Quixote contra Gutenberg”, *ibidem*, Ano I, n.º 9, Lisboa, 27/6 a 3/7/1975, p. 28 [colns. 3-6], ilustr.
- 222 – “Thélème, uma utopia sibarita”, *ibidem*, Ano I, n.º 10, Lisboa, 4 a 10/7/1975, p. 28 [colns. 4-6], ilustr.
- 223 – “Um revolucionário equivocado (1). Rolão Preto e Salazar”, *ibidem*, Ano I, n.º 14, Lisboa, 1 a 7/8/1975, pp. 18 [colns. 1-6]-19 [colns. 1-6], ilustr.
- 224 – “Eu vi a revolução”, *ibidem*, Ano I, n.º 34, Lisboa, 19 a 25/12/1975, p. 32 [colns. 1-6], ilustr.

Colaboração na revista *Colóquio/Letras*

- 225– “António Osório, *A Mitologia Fadista*, Col. Horizonte, Livros Horizonte, Lisboa / 1974 [Recensão crítica]”, *Colóquio/Letras*, n.º 24, Lisboa, Março de 1975, pp. 82-84.
- 226– “*Estética do Romantismo em Portugal*, Centro de Estudos do Século XIX do Grémio Literário, Lisboa / 1974 [Recensão crítica]”, *ibidem*, n.º 26, Lisboa, Julho de 1975, pp. 92-95.
- 227– “A Geração de 70: uma síntese provisória”, *ibidem*, n.º 28, Lisboa, Novembro de 1975, pp. 25-33.

**1976**

- 228– *5 de Outubro de 1910. 5 de Outubro de 1976. Exposição Comemorativa do 66.º Aniversário da Implantação da República Portuguesa. Palácio Foz. 5 a 30 de Outubro de 1976. Catálogo*, [Lisboa], Secretaria de Estado da Comunicação Social; Direcção-Geral da Divulgação, imp. 1976, [45 pp.], ilustr.

Obra publicada sem menção do autor.

- 229– “Duas palavras [Prefácio]”, in A. Campos Matos, *Imagens do Portugal queirosiano*, Lisboa, Terra Livre, 1976, pp. 7-9.

Novas edições: 2.ª ed. revista e aumentada, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, imp. 1987, na qual o mesmo texto figura nas pp. 11-16; 3.ª ed. revista, Lisboa, Livros Horizonte, 2004, pp. 11-12.

- 230– “Hamlet morou defronte da tabacaria”, *Portugal. Informação* [Ministério da Comunicação Social; Direcção-Geral da Divulgação], 2.ª Série, n.º 1, Lisboa, Janeiro de 1976, pp. 25-30, ilustr.

231 – “A tradução francesa d’O *Mandarim* publicado na «Revue Universelle Internationale» em 1884”, *Portugal. Informação [Secretaria de Estado da Comunicação Social; Direcção-Geral da Divulgação]*, 2.ª Série, n.º 12, Lisboa, Dezembro de 1976, pp. 31-36, ilustr.

Colaboração no semanário *O Jornal*

232 – “A Acção Escolar *Vanguarda*, precursora da Mocidade Portuguesa”, *O Jornal*, Ano I, n.º 37, Lisboa, 9 a 15/1/1976, p. 19 [colns. 1-6], ilustr.

233 – “Os Intelectuais entre a ilusão e a desilusão (a propósito dos «Vencidos da Vida»)”, *ibidem*, Ano I, n.º 41, Lisboa, 6 a 12/2/1976, pp. 24 [colns. 1-6]-25 [colns. 1-6].

234 – “A polémica entre Salazar e Afonso Costa”, *ibidem*, Ano I, n.º 51, Lisboa, 14 a 22/4/1976, p. 30 [colns. 1-6], ilustr.

235 – “Que fazer das baionetas?”, *ibidem*, Ano II, n.º 56, Lisboa, 21 a 26/5/1976, p. 22 [colns. 1-6], ilustr.

236 – “Reflexões (salazaristas) sobre a violência”, *ibidem*, Ano II, n.º 57, Lisboa, 28/5 a 3/6/1976, pp. 16 [colns. 1-6]-17 [colns. 1-6], ilustr.

237 – “Salazar e Rolão Preto: a desilusão de um «camisa azul»”, *ibidem*, Ano II, n.º 62 [i.e. 63], Lisboa, 9 a 15/7/1976, pp. 22 [colns. 1-6]-23 [colns. 1-6], ilustr.

238 – “Shakespeare, futebol e Tin-Tin”, *ibidem*, Ano II, n.º 67, Lisboa, 6 a 12/8/1976, p. 12 [colns. 1-6].

239 – “Nietzsche, Nietzsche, Nietzsche”, *ibidem*, Ano II, n.º 69, Lisboa, 20 a 26/8/1976, p. 12 [colns. 1-3], ilustr.

Colaboração no *Diário de Notícias*

240– “Portugal, Portugalinho”, *Diário de Notícias*, Ano 112.º, n.º 39537, Lisboa, 22/9/1976, p. 3 [colns. 1-3].

Polémica: António Quadros, “Portugalinho?”, *Expresso*, n.º 209, Lisboa, 29/10/1976, p. 8 [colns. 1-8]; João Medina, “O Portugalão do Quadrinhos”, *Diário Popular*, Ano XXXV, n.º 12105, Lisboa, 9/12/1976, supl. *Letras e Artes*, pp. VI [colns. 1-3] e XI [colns. 1-3]; António Quadros, “Portugalão ou Portugal?”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12111, Lisboa, 16/12/1976, supl. *Letras e Artes*, pp. IV [colns. 1-3], V [colns. 1-3] e VII [colns. 1-3]; idem, “Cultura estrangeirada, cultura universal, cultura portuguesa”, *Diário de Notícias*, Ano 113.º, n.º 39635, Lisboa, 28/12/1976, p. 3 [colns. 1-4].

Colaboração no *Diário Popular*

241– “Isabel e o anti-Cristo”, *Diário Popular*, Ano XXXV, n.º 12054, Lisboa, 7/10/1976, supl. *Gazeta Literária*, p. I [colns. 1-2], ilustr.

242– “Dante, Lenine e as estrelas”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12066, Lisboa, 21/10/1976, supl. *Letras e Artes*, p. VII [colns. 1-2], ilustr. pelo autor.

243– “«Pinochet está a olhar-te!» (ou a banalidade do Mal)”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12072, Lisboa, 28/10/1976, supl. *Letras e Artes*, pp. IV [colns. 1-5]-V [colns. 1-2], ilustr.

244– “Pensar com a cabeça alheia”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12077, Lisboa, 4/11/1976, supl. *Letras e Artes*, p. V [colns. 1-4], ilustr. pelo autor.

245– “A decadência dos profetas”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12083, Lisboa, 11/11/1976, supl. *Letras e Artes*, p. III [colns. 1-4], ilustr. pelo autor.

246– “Hamlet, nosso príncipe”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12089, Lisboa, 18/11/1976, supl. *Letras e Artes*, pp. I [colns. 1-3] e XI [coln. 4], ilustr. pelo autor.

- 247– “Ítaca de Cavafy”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12100, Lisboa, 2/12/1976, supl. *Letras e Artes*, p. I [colns. 2-3], ilustr. pelo autor.
- 248– “O Portugalão do Quadrinhos”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12105, Lisboa, 9/12/1976, supl. *Letras e Artes*, pp. VI [colns. 1-3] e XI [colns. 1-3].
- 249– “Portugal é uma ilha (reflexões escritas no regresso de uma viagem a Sevilha)”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12111, Lisboa, 16/12/1976, supl. *Letras e Artes*, p. III [colns. 1-4], ilustr. pelo autor.
- 250– “D. Quixote no deserto dos Tártaros”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12121, Lisboa, 30/12/1976, supl. *Letras e Artes*, pp. IV [colns. 1-3] e VII [coln. 1].

Colaboração na revista *Colóquio/Letras*

- 251 – “A orelha de Van Gogh. Cena dramática”, *Colóquio/Letras*, n.º 32, Lisboa, Julho de 1976, pp. 40-47, ilustr.

## 1977

- 252– *Herculano e a geração de 70*, Lisboa, Edições Terra Livre, 1977, 196, [4] pp., ilustr.
- 253– *25 de Novembro. Breve panorama gráfico e noticioso duma crise*. [Organização de ...], Lisboa, Terra Livre, 1976, 177, [2] pp., ilustr.
- 254– *Salazar em França*, Lisboa, Ática, 1977, 147, [1] pp., ilustr.
- 255– *31 de Janeiro de 1891. Exposição Comemorativa do 86.º Aniversário da Revolução do Porto. Catálogo*, Porto, Secretaria de Estado da Comunicação Social; Direcção-Geral da Divulgação, 1977, [53 pp.].

Obra publicada sem menção do autor.

- 256– *Da Resistência à Libertação. Breve História Poética Ilustrada acerca da passagem do Salazarismo à Liberdade*. Edição da Direcção-Geral da Divulgação por ocasião da Exposição «25 de Abril de 1974 – Da Resistência à Libertação» promovida pela Secretaria de Estado da Comunicação Social e patente no Mercado do Povo (Belém). Abril. Maio de 1977, [Lisboa], Secretaria de Estado da Comunicação Social; Direcção-Geral da Divulgação, imp. 1977, 81 pp., ilustr.

Obra publicada sem menção do autor, o qual teve a seu cargo a respectiva escrita e organização, nomeadamente a escolha das ilustrações.

- 257– “Para uma leitura política d’Os *Maias*: o Conde de Gouvarinho, Ministro do Ultramar”, *O Instituto. Revista científica e literária*, vol. CXXXVIII, 1.<sup>a</sup> Parte, Coimbra, 1977, pp. 45-58
- 258– “Bovarismo”, *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*. Dirigido por João José Cochofel, vol. II, [s.l.], Iniciativas Editoriais, imp. 1977, pp. 31-33.
- 259– “José Relvas e a varanda imortal”, in José Relvas, *Memórias Políticas*. Prefácio de [...]. Apresentação e notas de Carlos Ferrão, vol. 1, Lisboa, Terra Livre, 1977, pp. 11-20.
- 260– “Alexandre Herculano visto por Oliveira Martins”, *Portugal. Informação [Secretaria de Estado da Comunicação Social; Direcção-Geral da Divulgação]*, 2.<sup>a</sup> Série, n.º 15, Lisboa, Março 1977, pp. 32-40, ilustr.
- 261– “«O povo pede autorização para aprender a nadar»”, *Portugal. Informação [Secretaria de Estado da Comunicação Social; Direcção-Geral da Divulgação]*, 2.<sup>a</sup> Série, n.º 13/14, Lisboa, Jan. e Fev. 1977, pp. 16-18, ilustr. com desenhos de Luís Duran.

Publicado inicialmente na *Seara Nova* (n.º 1528, Fev. 1973), na rubrica “Nosso tempo”, sob o disfarce de ser uma “lenda oriental”, para iludir a censura.

Colaboração no *Diário Popular*

262– “D. Quixote morreu louco?”, *Diário Popular*, Ano XXXV, n.º 12132, Lisboa, 13/1/1977, supl. *Letras e Artes*, p. I [colns. 1-3], ilustr. pelo autor.

263– “O lapso salazarista dum jornalista francês: Hubert Beuve-Méry elogia a M.P.”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12144, Lisboa, 27/1/1977, supl. *Letras e Artes*, pp. I [colns. 1-4]-II [colns. 1-2].

264– “Robinson e o couraçado «Potemkine»”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12167, Lisboa, 24/2/1977, supl. *Letras e Artes*, p. III [colns. 1-5], ilustr. pelo autor.

Obs.: “Extractos inéditos dum romance”.

265– “O pássaro sem penas: Homenagem a Brancusi”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12185, Lisboa, 17/3/1977, supl. *Letras e Artes*, p. III [colns. 1-3], ilustr. pelo autor.

266– “Páginas do diário íntimo de Robinson Crusoe”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12197, Lisboa, 31/3/1977, supl. *Letras e Artes*, pp. II [colns. 1-4]-III [coln. 1], ilustr. pelo autor.

267– “Herculano, Teófilo, Sérgio – e Vale de Lobos”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12208, Lisboa, 14/4/1977, supl. *Letras e Artes*, pp. II [colns. 1-2]-III [coln. 1]-IV [coln. 5], ilustr.

268– “José Relvas e a varanda imortal (prefácio às «Memórias Políticas» de José Relvas)”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12231, Lisboa, 12/5/1977, supl. *Letras e Artes*, pp. II [coln. 3]-III [colns. 1-2], ilustr.

- 269– “Um julgamento na ilha”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12264, Lisboa, 23/6/1977, supl. *Letras e Artes*, pp. I [colns. 1-6] e III [colns. 3-6], ilustr. pelo autor.
- 270– “Memórias de Robinson Crusoe (1). Uma carta do Gabão”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12288, Lisboa, 21/7/1977, supl. *Letras e Artes*, pp. I [colns. 2-3] e III [coln. 3].
- 271– “Memórias de Robinson Crusoe (2). Elogio do monólogo”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12294, Lisboa, 28/7/1977, supl. *Letras e Artes*, p. I [colns. 1-4], ilustr. pelo autor.
- 272– “Páginas francesas (1). Um campo de morte na Alsácia”, *ibidem*, Ano XXXV, n.º 12335, Lisboa, 15/9/1977, supl. *Letras e Artes*, p. IV [colns. 1-4], ilustr.
- Obs.: “Do livro «Monólogos Provençais»”.
- 273– “Páginas francesas (2). Sade, o provençal”, *ibidem*, Ano XXXVI, n.º 12352, Lisboa, 6/10/1977, supl. *Letras e Artes*, p. IV [colns. 1-4], ilustr. pelo autor.
- Obs.: “Do livro «Monólogos Provençais»”.
- 274– “Páginas francesas (3). A revolução ao natural”, *ibidem*, Ano XXXVI, n.º 12364, Lisboa, 20/10/1977, supl. *Letras e Artes*, pp. V [colns. 3-6] e VII [colns. 1-4], ilustr. pelo autor.
- Obs.: “Do livro «Monólogos Provençais»”.
- 275– “Páginas francesas (4). Maio de 68 revisitado”, *ibidem*, Ano XXXVI, n.º 12387, Lisboa, 17/11/1977, supl. *Letras e Artes*, p. V [colns. 1-6], ilustr.
- 276– “Um exemplo do terrorismo salazarista. A apreensão e destruição de um livro pela censura e pela Polícia política: O caso Hipólito Raposo

em 1940”, *ibidem*, Ano XXXVI, n.º 12404, Lisboa, 9/12/1977, supl. *Letras e Artes*, p. I [colns. 1-4], ilustr.

277– “Salazar e Rolão Preto”, *ibidem*, Ano XXXVI, n.º 12415, Lisboa, 22/12/1977, supl. *Letras e Artes*, pp. VI [colns. 2-4]-VII [coln. 1].

Colaboração no semanário *O Jornal*

278– “Jean Giraudoux em Portugal”, *O Jornal*, Ano III, n.º 111, Lisboa, 8 a 15/6/1977, p. 29 [colns. 1-3].

279– “Sobre o fascismo: a política do ódio”, *ibidem*, Ano III, n.º 137, Lisboa, 9 a 15/12/1977, p. 20 [colns. 1-6].

280– “A história de um «fascista» português. Rolão Preto: a morte de um revolucionário equivocado”, *ibidem*, Ano III, n.º 139, Lisboa, 23 a 29/12/1977, p. 6 [colns. 1-3].

Colaboração na *Vértice. Revista de Cultura e Arte*

281 – “Os primeiros fascistas portugueses. Subsídios para a história ideológica dos primeiros movimentos fascistas em Portugal anteriores ao nacional-sindicalismo. Estudo antológico”, *Vértice. Revista de Cultura e Arte*, vol. XXXVII, n.º 400-401, Coimbra, Setembro-Outubro 1977, pp. 591-659, ilustr. Com separata, 1978.

## 1978

282– *O Sebastianismo. Breve panorama dum mito português*. [Organização e prefácio], [Lisboa], Terra Livre, imp. 1978, 115 pp., ilustr.

Obra publicada sem menção do autor.

283– *O Pelicano e a Seara. Integralistas e Seareiros juntos na Revista «Homens Livres»*, Lisboa, António Ramos, imp. 1978, 131, [2] pp., ilustr.

284– *A ilha está cheia de vozes ou Robinson na ilha dos autómatos. Romance. Seguido de Sete histórias plausíveis. Contos*, [2.ª ed.], Lisboa, Arcádia, 1978, 163, [1] pp.

285– “Não há utopias portuguesas”, *Revista de História das Ideias*, vol. II, Coimbra, 1978-1979, pp. 163-170. Com separata.

286– “Para a história do fascismo português: os «Camisas Azuis» de Rolão Preto”, *História*, n.º 1, Lisboa, Novembro de 1978, pp. 45-52, ilustr.

287– “Unamuno y Salazar. El último viaje de Don Miguel a Portugal”, *Historia* 16, n.º 27, Madrid, Jul. 1978, pp. 128-131.

Colaboração no semanário *O Jornal*

288– “O Eng.º Álvaro de Campos contra o Dr. Afonso Costa”, *O Jornal*, Ano III, n.º 147, Lisboa, 17 a 23/2/1978, p. 24 [colns. 1-6], ilustr.

289– “Ter 18 anos em 1958... Humberto Delgado, vinte anos depois...”, *ibidem*, Ano IV, n.º 166, Lisboa, 30/6 a 6/7/1978, p. 11 [colns. 1-6], ilustr.

Colaboração no *Diário de Notícias*

290– “O estranho destino de Machado Santos”, *Diário de Notícias*, Ano 114.º, n.º 40167, Lisboa, 5/10/1978, pp. 7 [colns. 4-6]-8 [colns 4-8]-9 [colns. 1-5].

Colaboração no *Diário Popular*

291– “Um político d’«Os Maias»: o Conde de Gouvarinho”, *Diário Popular*, Ano XXXVI, n.º 12554, Lisboa, 8/6/1978, supl. *Letras e Artes*, pp. I [colns. 1-6] e III [colns. 1-6], ilustr.

292– “Afonso Lopes Vieira anarquista”, *ibidem*, Ano XXXVI, n.º 12570, Lisboa, 29/6/1978, supl. *Letras e Artes*, pp. I [colns. 1-3] e XII [colns. 2-3], ilustr.

- 293– “7 de Setembro de 1968: faz dez anos que Salazar «morreu». A cadeira de Salazar e o nariz de Cleópatra”, *ibidem*, Ano XXXVI, n.º 12629, Lisboa, 7/9/1978, supl. *Letras e Artes*, pp. I [colns. 1-6]-IV [colns. 1-6]-V [colns. 1-2], ilustr.
- 294– “Sidónio Pais foi assassinado há 60 anos: 14 de Dezembro de 1918. Sérgio sidonista”, *ibidem*, Ano XXXVII, n.º 12709, Lisboa, 14/12/1978, supl. *Letras e Artes*, p. I [colns. 1-3], ilustr.
- 295– “A Liga de Acção Nacional e o Sidonismo”, *ibidem*, Ano XXXVII, n.º 12715, Lisboa, 21/12/1978, supl. *Letras e Artes*, pp. III [colns. 1-6] e XV [colns. 1-6].
- 296– “Sérgio sidonista. O ideário da Liga de Acção Nacional expresso na Revista «Pela Grei»”, *ibidem*, Ano XXXVII, n.º 12720, Lisboa, 28/12/1978, supl. *Letras e Artes*, pp. VI [colns. 2-3]-VII [coln. 1] e X [colns. 1-3], ilustr.

Colaboração na revista *Colóquio/Letras*

- 297– “Até que a morte o levou. Conto”, *Colóquio/Letras*, n.º 42, Lisboa, Março de 1978, pp. 60-64, ilustr. pelo autor.
- 298– “No centenário de «O Primo Basílio»: Luísa ou a triste condição (feminina) portuguesa”, *ibidem*, n.º 46, Lisboa, Novembro de 1978, pp. 5-10.

## 1979

- 299– *Salazar e os fascistas. Salazarismo e Nacional-Sindicalismo. A história dum conflito. 1932-1935*, Lisboa, Livraria Bertrand, imp. 1979, 249, [3] pp., ilustr.
- 300– *História da República Portuguesa (Antologia). 1.ª Parte: Da fundação do Partido Republicano ao 5 de Outubro de 1910*. Textos de apoio para a cadeira de História Contemporânea de Portugal, regida pelo Prof. [...],

da Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, Cooperativa Editora História Crítica, 1979, 164, [1] pp.

301– “Da «República Nova» ao «Estado Novo»: Sidonismo e Salazarismo”, *História*, n.º 3, Lisboa, Janeiro 1979, pp. 2-13, ilustr.

302– “O homem que matou Sidónio Pais”, *História*, n.º 10, Lisboa, Agosto 1979, pp. 41-56, ilustr.

Colaboração no *Diário de Notícias*

303– “Integralismo republicano”, *Diário de Notícias*, Ano 115.º, n.º 40325, Lisboa, 17/4/1979, pp. 15 [colns. 5-8]-16 [colns. 1-3].

304– “A imagem da República”, *ibidem*, Ano 115.º, n.º 40474, Lisboa, 16/10/1979, pp. 15 [colns. 1-4]-16 [colns. 1-2].

305– “O Nuno Gonçalves da democracia”, *ibidem*, Ano 115.º, n.º 40486, Lisboa, 30/10/1979, pp. 15 [colns. 1-4]-16 [colns. 1-2], ilustr.

306– “Imagem da República mãe”, *ibidem*, Ano 115.º, n.º 40509, Lisboa, 27/11/1979, pp. 17 [colns. 1-4]-18 [colns. 6-7].

307– “Uma revolução falhada [5 de Outubro de 1910]”, *ibidem*, Ano 115.º, n.º 40533, Lisboa, 25/12/1979, pp. 15 [colns. 1-6]-16 [colns. 1-3].

Colaboração no semanário *O Jornal*

308– “«Os Maias» empalhados”, *O Jornal*, Ano V, n.º 213, Lisboa, 25 a 31/5/1979, p. 36 [colns. 5-6].

Colaboração na revista *Colóquio/Letras*

309– “Ángel Marcos de Dios, *Epistolario português de Unamuno*. Introdução, leitura e notas (Apresentação de José V. de Pina Martins). Série Cultura Medieval e Moderna, Centro Cultural Português, Fundação Calouste

Gulbenkian, Paris / 1978 [Recensão crítica]”, *Colóquio/Letras*, n.º 49, Lisboa, Maio de 1979, pp. 82-84.

310 – “Ernesto Guerra Da Cal, *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*. Apêndice: Bibliografia queirociana sistemática y anotada e iconografia artística del hombre y la obra, tomo I: Bibliografia Activa; t. II (vol. A e vol. B): Bibliografia Pasiva, Por ordem da Imprensa da Universidade, Coimbra / 1975-76 [publ. em 1977-78] [Recensão crítica]”, *Colóquio/Letras*, n.º 51, Lisboa, Setembro de 1979, pp. 92-94.

## 1980

311 – *Eça de Queiroz e a geração de setenta*, Lisboa, Moraes Editores, 1980, 219, [7] pp.

312 – “D. Tomás de Melo, um português das Arábias”, in Tomás de Melo, *Boémia antiga*. Antologia, prefácio e notas de [...], Lisboa, Arcádia, 1980, 180, [3] pp.

Esta “Introdução” ocupa as pp. 7-18.

313 – “Prefácio”, in Eça de Queiroz, *A tragédia da rua das Flores*. Fixação do texto e notas de João Medina e A. Campos Matos, Lisboa, Moraes Editores, 1980, pp. 7-38.

314 – “Machado Santos, o revolucionário recalcitrante”, *Machado Santos, a Carbonária e a Revolução de Outubro*. [Antologia de] Textos de Joaquim Madureira, Augusto Vivero e António de La Villa. Precedido de um estudo por [...], Lisboa, Cooperativa Editora História Crítica, 1980, pp. 7-21.

315 – “Manuel Teixeira Gomes e Sidónio Pais”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, vol. 2, Lisboa, 1980, pp. 117-129. Com separata.

316 – “Afonso Lopes Vieira anarquista”, *Afonso Lopes Vieira, anarquista*. Introdução e notas de [...], Lisboa, Edições António Ramos, 1980, pp. 13-40.

*Colaboração no Diário de Lisboa*. Série de folhetins intitulada *O gato que ri*

317 – “Aparece o bichano e diz das suas”, *Diário de Lisboa*, Ano 58.º [i.e. 59.º], n.º 20154, Lisboa, 14/1/1980, p. 2 [colns. 1-3], ilustr.

318 – “Onde se conta uma história dum gato que vive empoleirado num jacarandá do jardim da Estrela e garante ter aprendido o catecismo por ordem da prima Palmira”, *ibidem*, Ano 58.º [i.e. 59.º], n.º 20166, Lisboa, 28/1/1980, p. 2 [colns. 3-4], ilustr.

319 – “Onde se fala de ruas que ninguém conhece”, *ibidem*, Ano 58.º [i.e. 59.º], n.º 20178, Lisboa, 11/2/1980, p. 2 [colns. 1-2], ilustr.

320 – “Onde se descobre que Napoleão III se chama afinal sr. Belarmino”, *ibidem*, Ano 58.º [i.e. 59.º], n.º 20189, Lisboa, 25/2/1980, p. 2 [colns. 2-3], ilustr.

321 – “A prima Palmira, depois de humilhar a Marinha de Guerra, manda baptizar um tareco”, *ibidem*, Ano 58.º [i.e. 59.º], n.º 20201, Lisboa, 10/3/1980, p. 2 [colns. 1-2], ilustr.

322 – “A prima Palmira promete mas não cumpre”, *ibidem*, Ano 58.º [i.e. 59.º], n.º 20213, Lisboa, 24/3/1980, p. 2 [colns. 3-4], ilustr.

323 – “Onde se conta a inacreditável mas verídica história do mapa que voa”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20224, Lisboa, 7/4/1980, p. 2 [colns. 1-2], ilustr.

324 – “Ratos e homens (uma fábula portuguesa)”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20236, Lisboa, 21/4/1980, p. 2 [colns. 1-2], ilustr.

325 – “Onde se prova que a «Via Láctea» é um castelo encantado”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20253, Lisboa, 12/5/1980, p. 2 [colns. 1-2], ilustr.

- 326– “A longa noite alsaciana”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20265, Lisboa, 26/5/1980, p. 2 [colns. 1-4], ilustr.
- 327– “Náufragos na Alsácia”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20276, Lisboa, 9/6/1980, p. 2 [colns. 1-2], ilustr.
- 328– “D. Sebastião telefona para a Provença”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20286, Lisboa, 23/6/1980, p. 2 [colns. 1-2], ilustr.
- 329– “Porque não gosto da França”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20298, Lisboa, 7/7/1980, p. 2 [colns. 1-2], ilustr.
- 330– “Poesia, Poesia, Poesia”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20310, Lisboa, 21/7/1980, p. 2 [colns. 2-3], ilustr.
- 331– “Onde se fala dos carmonas e se lê um postal da Síria”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20322, Lisboa, 4/8/1980, p. 2 [colns. 2-3], ilustr.
- 332– “O Zé Maria vai para Pasárgada”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20345, Lisboa, 1/9/1980, p. 2 [colns. 3-4], ilustr.
- 333– “O «gute alte zeit» do largo do Leão”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20351, Lisboa, 8/9/1980, p. 2 [colns. 2-3].
- 334– “A tia Clementina escreve a Salazar”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20357, Lisboa, 15/9/1980, p. 2 [colns. 3-4].
- 335– “O padre Reis ajuda um prisioneiro a fugir”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20363, Lisboa, 22/9/1980, p. 2 [colns. 3-4].
- 336– “A «vie de château» no meio das acácias”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20369, Lisboa, 29/9/1980, p. 2 [colns. 3-4], ilustr.
- 337– “A política do Nitrato de Prata”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20383, Lisboa, 13/10/1980, p. 2 [colns. 3-4], ilustr.

338– “O Zé Maria desaparece sem deixar rasto”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20393, Lisboa, 27/10/1980, p. 2 [colns. 3-4], ilustr.

Colaboração no *Diário de Lisboa* sem indicação de série

339– “Cartas inéditas de José Relvas a António Macieira. Apresentação e notas de [...]”, *Diário de Lisboa*, Ano 60.º, n.º 20374, Lisboa, 4/10/1980, pp. 3 [colns. 1-6] e 20 [colns. 3-6], ilustr.

340– “Cartas inéditas de José Relvas a António Macieira. Apresentação e notas de [...]”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20380, Lisboa, 11/10/1980, p. 3 [colns. 1-3], ilustr.

341– “Cartas inéditas de José Relvas a António Macieira. Apresentação e notas de [...]”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20386, Lisboa, 18/10/1980, p. 3 [colns. 1-3].

342– “Cartas inéditas de José Relvas a António Macieira. Apresentação e notas de [...]”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20392, Lisboa, 25/10/1980, p. 3 [colns. 1-3], ilustr.

343– “Cartas inéditas de José Relvas a António Macieira. Apresentação e notas de [...]”, *Diário de Lisboa*, Ano 60.º, n.º 20409, Lisboa, 15/11/1980, pp. 3 [colns. 1-6]-4 [colns. 1-3], ilustr.

344– “Cartas inéditas de José Relvas a António Macieira. Apresentação e notas de [...]”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20415, Lisboa, 22/11/1980, p. 3 [colns. 1-6], ilustr.

Colaboração no *Diário de Notícias*

345– “Setúbal e o drama da I República”, *Diário de Notícias*, Ano 116.º, n.º 40716, Lisboa, 8/7/1980, pp. 13 [colns. 1-4]-14 [colns. 1-4].

**1981**

346– *Cartas de José Relvas a António Macieira*. Apresentação e notas de [...], [Alpiarça, Câmara Municipal de Alpiarça, 1981], 78 pp.

347– “O Zé Povinho durante a República”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, vol. 3, Lisboa, 1981, pp. 103-116, ilustr. Com separata.

348– “La conspiración de Madrigal. Un episodio romántico de la historia luso-española”, *Historia* 16, n.º 67, Madrid, Noviembre 1981, pp. 47-54, ilustr.

349– “Setúbal e o drama da 1.ª República” e “Nótula Introdutória”, in Maria da Conceição Quintas, Soledade Brites Chagas e Élia Almada Contreiras, *Greves – Sindicalismo – Setúbal 1910/13*, [Setúbal], Edição da Assembleia Distrital de Setúbal, imp. 1981, pp. 9-17 e 19.

Origem da obra: trabalho prático apresentado na disciplina de *História Contemporânea de Portugal*, leccionada pelo autor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (ano lectivo de 1978/1979).

350– “À laia de prefácio: louvor e simplificação da anedota política”, in Vasco de Barros Queiroz, *Anedotário político do Salazarismo e não apenas...* Com introdução do Prof. Doutor João Medina, [s.l.], Editorial Eva, [D.L. 1981], pp. 5-16.

351 – “Um semanário anarquista durante o primeiro Governo Afonso Costa: «Terra Livre»”, *Análise Social. Revista do Gabinete de Investigações Sociais*, Segunda Série, vol. XVII, n.ºs 67-69, Lisboa, 1981, pp. 735-765, ilustr. Com separata.

Colaboração no *Diário de Lisboa* sem indicação de série

352– “O ingresso de Sidónio Pais na Maçonaria”, *Diário de Lisboa*, Ano 60.º, n.º 20463, Lisboa, 28/1/1981, pp. 3 [colns. 2-5]-4 [colns. 1-6], ilustr.

- 353– “João Chagas entre dois ditadores”, *ibidem*, Ano 60.º, n.º 20498, Lisboa, 10/3/1981, pp. 3 [colns. 3-6]-4 [colns. 4-5], ilustr.

Colaboração na revista *Colóquio/Letras*

- 354– “Eça de Queirós, *Dicionário de Milagres*. Posfácio de Luiz Pacheco, Livraria Ler Editora, Lisboa / 1979; *Dicionário de Milagres* (Coordenação por concluir) e outros escritos dispersos conforme a edição de 1900, Lello & Irmão Edit., Porto / 1980 [Recensão crítica]”, *Colóquio/Letras*, n.º 59, Lisboa, Janeiro de 1981, pp. 76-77.

## 1982

- 355– “O Alentejo e os «Sovietes» [Prefácio]”, in Francisco Canais Rocha e Maria Rosalina Labaredas, *Os Trabalhadores Rurais do Alentejo e o Sidonismo – Ocupação de Terras no Vale de Santiago*, Lisboa, Edições 1 de Outubro, imp. 1982, pp. 9-11.

A obra prefaciada resulta de um trabalho realizado no âmbito do Seminário *Sidonismo*, ministrado pelo autor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no ano lectivo de 1980/1981.

- 356– “Entrevista com Aurélio Quintanilha”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, vol. 4, Lisboa, 1982, pp. 121-132. Com separata.

- 357– “O congresso fascista em Montreux (1934)”, *O Fascismo em Portugal. Actas do Colóquio realizado na Faculdade de Letras de Lisboa em Março de 1980*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1982, pp. 187-193. Com separata.

Colaboração no *Diário de Notícias*

- 358– “A resistência dos democráticos durante o sidonismo”, *Diário de Notícias*, Ano 118.º, n.º 41465, Lisboa, 31/8/1982, p. 13 [coln. 1-4], ilustr.

## 1983

- 359– “A Madeira, microcosmo insular dum regime autoritário [Prefácio]”, in Fátima Freitas Gomes e Nelson Veríssimo, *A Madeira e o Sidonismo*, Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1983, pp. 7-14.

Origem da obra: trabalho prático apresentado na disciplina de *História de Portugal. Séculos XVIII a XX*, leccionada pelo autor no Centro de Apoio do Funchal (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) no ano lectivo de 1979/1980.

- 360– “Marc Ferro, *Falsificações da História* (trad. de Cascais Franco), Mem Martins, Publicações Europa-América, 1983, 280 p. (Título original: *Comment on raconte l’Histoire aux enfants*, Paris, Payot, 1981) [Recensão crítica]”, *Revista da Faculdade de Letras*, n.º especial (extra-série) comemorativo do 50.º Aniversário, Lisboa, Dezembro de 1983, pp. 201-202

Colaboração no *Diário de Lisboa* sem indicação de série

- 361– “Desaparece um lusófilo francês: Pierre Hourcade”, *Diário de Lisboa*, Ano 62.º, n.º 21085, Lisboa, 22/2/1983, p. 3 [colns. 1-4], ilustr.

- 362– “Wajda entre Danton e Robespierre”, *ibidem*, Ano 63.º, n.º 21169, Lisboa, 1/6/1983, pp. 3 [colns. 1-4] e 6 [colns. 1-6].

Sobre o filme *Danton* de Andrej Wajda.

## 1984

- 363– *As conferências do Casino e o Socialismo em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1984, 478 pp.

- 364– “Sidónio Pais, chefe carismático”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5.ª Série, n.º 2, Lisboa, Dezembro de 1984, pp. 78-89.

- 365– “Dix ans après”, *Europe. Revue littéraire mensuelle*, 62<sup>e</sup> Année, n.º 660, Paris, Avril 1984, pp. 6-7.
- 366– “Chronologie portugaise”, *Europe. Revue littéraire mensuelle*, 62<sup>e</sup> Année, n.º 660, Paris, Avril 1984, pp. 159-164.

## 1985

- 367– “Um varão de Plutarco no meio da balbúrdia republicana: Tomé de Barros Queiroz”, in Vasco de Barros Queiroz, *A República de 5 de Outubro de 1910 a Maio de 1926 e a acção política de Thomé José de Barros Queiroz*. Posfácio de [...], Lisboa, Editorial Eva, [1985], pp. 563-571.
- 368– “Romance e História. *Vida e Destino* de Vassili Grossman”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5.<sup>a</sup> Série, n.º 4, Lisboa, Dezembro de 1985, pp. 37-58. Com separata.
- 369– “Luiz Francisco Rebello, *História do Teatro de Revista em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2 vols., 1984-1985, 251+333 pp. [Recensão crítica]”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5.<sup>a</sup> Série, n.º 4, Lisboa, Dezembro 1985, pp. 162-164.

Colaboração no *JL Jornal de letras artes e ideias*

- 370– “Vitor Hugo e a hugolatria portuguesa”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano V, n.º 152, Lisboa, 4 a 10/6/1985, pp. 3 [colns. 1-4]-5 [colns. 1-2].
- 371– “A República – mulher: a propósito do imaginário republicano”, *ibidem*, Ano V, n.º 170, Lisboa, 8 a 14/10/1985, pp. 15 [colns. 2-4]-16 [colns. 1-4], ilustr.

1986

372– *História contemporânea de Portugal*. Direcção de [...], 7 vols., ilustr., [Lisboa], Amigos do Livro; Multilar, [D.L. 1986-1990].

Para além da orientação geral da obra, o autor foi responsável pela selecção antológica e notas (exceptuando o volume *Portugal de Abril. Do 25 de Abril aos nossos dias*), bem como autor dos seguintes textos:

– “Prefácio”, *Monarquia Constitucional. Das origens do Liberalismo à queda da Realeza*, tomo I, [pp. 7-10].

– “A Carbonária Portuguesa e o derrube da Monarquia”, *Primeira República. Da conspiração republicana ao fim do regime parlamentar*, tomo I, pp. 9-19.

– “A bandeira republicana – de pendão insurrecto a bandeira nacional”, *ibidem*, pp. 53-73.

– “A Revolução falhada ou a República frustrada ao nascer: o fenómeno da «adesivagem» às novas instituições”, *ibidem*, pp. 85-124.

– “O Zé Povinho durante a República”, *ibidem*, pp. 131-144.

– “Salazar, ideólogo do «Estado Novo». Introdução à ideologia salazarista: O «Estado Novo», um «fascismo de cátedra»”, *Ditadura: o «Estado Novo». Do 28 de Maio ao Movimento dos Capitães*, tomo I, pp. 9-19.

– “O Nacional-Sindicalismo e a «Revolução Nacional». Hitler em Portugal: os nacionais-sindicalistas de Rolão Preto”, *ibidem*, pp. 75-79.

– “Humberto Delgado, vinte anos depois”, *ibidem*, tomo II, pp. 95-97.

373– “Apresentação”, *Portugal na Grande Guerra. «Guerristas» e «antiguerristas. Estudos e Documentos*. Apresentação de [...], Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 1986, pp. 7-8.

374– “Claudio Sánchez-Albornoz e Salazar: sobre a missão do último embaixador da República Espanhola em Lisboa”, *Revista da Faculdade*

*de Letras*, 5.<sup>a</sup> Série, n.º 6, Lisboa, Dezembro de 1986, pp. 65-84. Com separata.

Colaboração na revista *Colóquio/Letras*

- 375– “Ángel Marcos de Dios, *Escritos de Unamuno sobre Portugal*. Estúdio, recopilación y notas, Série Humanismo Clássico e Humanismo Moderno, Paris / 1985 [Recensão crítica]”, *Colóquio/Letras*, n.º 91, Lisboa, Maio de 1986, pp. 124-125.
- 376– “Zé Povinho e Camões. Dois pólos da prototipia nacional”, *ibidem*, n.º 92, Lisboa, Julho de 1986, pp. 11-21, ilustr.
- 377– “Antero de Quental, *Cartas Inéditas a Alberto Sampaio*. Organização, transcrição, prefácio e notas de Ana Maria Almeida Martins, Edições «O Jornal», Lisboa / 1985 [Recensão crítica]”, *ibidem*, n.º 93, Lisboa, Setembro de 1986, pp. 142-144.
- 378– “No cinquentenário da morte de Unamuno. Um texto esquecido sobre Portugal (1909)”, *ibidem*, n.º 94, Lisboa, Novembro de 1986, pp. 77-82.

## 1987

- 379– “O projecto de colonização judaica em Angola. O debate em Portugal da proposta da I.T.O. (Organização Territorial Judaica) – 1912-1913”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, n.º 6, Lisboa, 1987-88, pp. 79-139, ilustr. Com separata.

Em colaboração com Joel Barromi.

- 380– “Aspectos da hugolatria portuguesa: a projecção política de Victor Hugo em Portugal”, *Victor Hugo e Portugal. Actas do Colóquio (No Centenário da sua morte)*. Porto, 7-10 de Maio de 1985. Organização do Prof. Ferreira de Brito [...], [Porto, s.n.], imp. 1987, pp. 51-76. Com separata.

- 381 – “O Zé Madeirense. A propósito dos incidentes eleitorais de 1882”, *Isleña. Temas Culturais das Sociedades Insulares Atlânticas*, n.º 1, Funchal, Jul.-Dez. 1987, pp. 38-44, ilustr.
- 382 – “«Ethos» e «pathos» do Zé Povinho”, *Atlântico. Revista de temas culturais*, n.º 10, Funchal, Verão 1987, pp. 85-103, ilustr.
- Colaboração na revista *Colóquio/Letras*
- 383 – “Teófilo está de volta [sobre a reedição da *História do Romantismo em Portugal*, de Teófilo Braga]”, *Colóquio/Letras*, n.º 95, Lisboa, Jan.-Fev. de 1987, p. 117.
- 384 – “Ana Maria Almeida Martins, *O Essencial sobre Antero de Quental*, col. Essencial, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / 1985; *Antero de Quental. Fotobiografia*, col. Presenças da Imagem, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / 1986 [Recensão crítica]”, *ibidem*, n.º 96, Lisboa, Março-Abril de 1987, pp. 124-126.
- 385 – “Ainda Unamuno em Portugal”, *ibidem*, n.º 97, Lisboa, Maio-Junho de 1987, p. 77.
- 386 – “Antero de Quental, *Poesías y prosas selectas*. Traducción y Notas: Juan Eduardo Zúñiga. *Sonetos* (Edición Bilingüe): José António Llardent. Introducción: Óscar Lopes, Madrid, Ediciones Alfaguara, 1986 [Recensão crítica]”, *ibidem*, n.º 97, Lisboa, Maio-Junho de 1987, pp. 112-113.
- 387 – “Moacyr Scliar, *O Centauro no Jardim*. Edição portuguesa, col. Uma Terra sem Amos, Lisboa, Ed. Caminho / 1986 [Recensão crítica]”, *ibidem*, n.º 98, Lisboa, Julho-Agosto de 1987, pp. 131-132.
- 388 – “Pessoa na barbearia do desassossego [sobre a edição do texto de Fernando Pessoa, *Barbearias*, Lisboa, Edições Rolim, 1986, ilustr., fotografias de Alexandre Delgado O’Neil]”, *ibidem*, n.º 100, Lisboa, Novembro-Dezembro de 1987, pp. 136-138.

## 1988

- 389– “António Sardinha, anti-semita”, *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*, Nova Série, n.º 2 – Especial, Portalegre, Julho/Dezembro 1988, pp. 45-122. Com separata, 1989.
- 390– “«A Relíquia» romance de peregrinação e descoberta”, *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*, Nova Série, n.º 1, Portalegre, Janeiro a Junho de 1988, pp. 7-13, ilustr. Com separata.
- 391– “Sérgio e Sidónio. Estudo do ideário sergiano na revista *Pela Grei* (1918-1919)”, *Estudos sobre António Sérgio*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de História da Universidade de Lisboa, 1988, pp. 7-30. Com separata.
- 392– “Un double centenaire: Os *Maias* (1888) d’Eça de Queirós et *Fortunata y Jacinta* de Pérez Galdós”, *Eça de Queirós et la Culture de son Temps. Actes du Colloque. Paris, 22-23 Avril 1988*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian; Centre Culturel Portugais, 1988, pp. 103-108. Com separata.
- 393– *Dicionário de Eça de Queiroz*. Organização e coordenação de A. Campos Matos, Lisboa, Editorial Caminho, 1988. Entradas:
- “Anarquismo”, pp. 74-76.
  - “Eça e os Republicanos”, pp. 214-217.
  - “(AS) FARPAS, Crónica Mensal da Política, das Letras e dos Costumes”, pp. 261-266.
  - “Iberismo”, pp. 331-333.
  - “(A) RELÍQUIA, Romance de peregrinação e descoberta”, pp. 555-559.
- Colaboração na revista *Colóquio/Letras*
- 394– “Manuel Laranjeira Revisto e Aumentado”, *Colóquio/Letras*, n.º 101, Lisboa, Jan.-Fev. de 1988, pp. 94-97.

**1989**

- 395– “Um duplo centenário: «Os Maias» (1888) de Eça de Queiroz e «Fortunata y Jacinta» (1887)”, *Encuentros e Encontros. Revista Hispano-Portuguesa de Investigadores en Ciencias Humanas y Sociales*, n.º 1, Olivenza, 1989, pp. 113-124. Com separata.
- 396– “As campanhas militares na Guiné, em Angola e em Moçambique na fase finissecular”, *Portugal no Mundo*. Direcção de Luís de Albuquerque, vol. VI, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, pp. 270-281.
- 397– “O projecto de colonização judaica em Angola”, *Portugal no Mundo*. Direcção de Luís de Albuquerque, vol. VI, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, pp. 295-307.

Em colaboração com Joel Barromi.

**1990**

- 398– «Oh! a República!...». *Estudos sobre o Republicanismo e a Primeira República Portuguesa*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa, 1990, 315 pp.
- 399– “D’As Farpas a’ Os Maias: da crítica sociológica d’As Farpas ao *opus magnum* romanescos de 1888”, *Eça e Os Maias. Cem anos depois. Actas do 1.º Encontro Internacional de Queirosianos. Porto – 22 a 25 de Novembro de 1988. Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, Edições Asa, 1990, pp. 151-158.
- 400– “Fernando Pessoa e o Messias: sobre a visão messiânica de Pessoa e o seu ideário político. A propósito de Sidónio Pais”, *Um Século de Pessoa. Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 5-7 de Dezembro de 1988. [Actas], [Lisboa], Secretaria de Estado da Cultura*, 1990, pp. 229-239.

401– *Mystique: la Relique d’Eça de Queiroz*, [Paris, s.n., 1990], Sep. de *Miroirs de l’Altérité et Voyages au Proche Orient*, Paris, 1990, pp. 261-267.

Colaboração no *Diário de Notícias*

402– “Cartas de Baltimore. O Corvo de Poe”, *Diário de Notícias*, Ano 126.º, n.º 44301, Lisboa, 8/7/1990, Caderno 2. *Domingo*, p. 11 [colns. 1-6], ilustr.

403– “Cartas de Baltimore. O escândalo Mencken”, *ibidem*, Ano 126.º, n.º 44308, Lisboa, 15/7/1990, Caderno 2. *Domingo*, p. 10 [colns. 1-6], ilustr.

404– “Cartas de Baltimore. O Miúdo e o Tigre [Calvin & Hobbes de Bill Waterson]”, *ibidem*, Ano 126.º, n.º 44315, Lisboa, 22/7/1990, Caderno 2. *Domingo*, p. 11 [colns. 1-6], ilustr.

405– “Cartas de Baltimore. Washington cidade quase utópica”, *ibidem*, Ano 126.º, n.º 44322, Lisboa, 29/7/1990, Caderno 2. *Domingo*, p. 15 [colns. 1-6], ilustr.

406– “Cartas de Baltimore. “«Capitão ó meu capitão!»”, *ibidem*, Ano 126.º, n.º 44329, Lisboa, 5/8/1990, Caderno 2. *Domingo*, p. 10 [colns. 1-6], ilustr.

407– “Cartas de Baltimore. Disse o professor: «Carpe diem!»”, *ibidem*, Ano 126.º, n.º 44336, Lisboa, 12/8/1990, Caderno 2. *Domingo*, p. 10 [colns. 1-6], ilustr.

Sobre o filme *Dead Poets Society* = *Clube dos Poetas Mortos* de Peter Weir.

408– “Cartas de Baltimore. A ferida de pedra: a memória do Vietname”, *ibidem*, Ano 126.º, n.º 44343, Lisboa, 19/8/1990, Caderno 2. *Domingo*, p. 12 [colns. 1-4], ilustr.

- 409– “Cartas de Baltimore. Aventuras fascinantes de Krazy Kat e Ignatz”, *ibidem*, Ano 126.º, n.º 44350, Lisboa, 26/8/1990, Caderno 2. Domingo, p. 14 [colns. 1-6], ilustr.
- 410– Cartas de Baltimore. Espinosa no Maryland: os Marranos e Exílio”, *ibidem*, Ano 126.º, n.º 44357, Lisboa, 2/9/1990, Caderno 2. Domingo, p. 10 [colns. 1-6], ilustr.
- 411 – “Cartas de Baltimore. Uma galeria de horrores em Nova Orleães”, *ibidem*, Ano 126.º, n.º 44364, Lisboa, 9/9/1990, Caderno 2. Domingo, p. 11 [colns. 1-6].

## 1991

- 412– “The Jewish Colonization Project in Angola”, *Studies in Zionism. A Journal of Israel Studies*, vol. 12, n.º 1, London, Spring 1991, pp. 1-16. Com separata.

Em colaboração com Joel Barromi.

- 413– “O gesto do Zé Povinho: da figa ao manguito”, *Arquivo de Cascais. Boletim Cultural do Município*, n.º 10, Cascais, 1991, pp. 121-134, ilustr. Com separata.

Colaboração na revista *Colóquio/Letras*

- 414– “Mentiras verdadeiras”, *Colóquio/Letras*, n.º 121/122, Lisboa, Julho-Dezembro 1991, pp. 86-90.

## 1992

- 415– “A crise colonial dos anos noventa em Portugal e Espanha e as suas consequências para os dois países ibéricos (1890-1898). Estudo de

história comparada”, *Portugal, España y Africa en los últimos cien años (IV Jornadas de Estudios Luso-Espanoles. Mérida)*. Coord. de Hipólito de la Torre Gómez, Mérida, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1992, pp. 17-27. Com separata.

Lição inaugural das jornadas.

416 – “O gesto do Zé Povinho: da figa ao manguito”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 6, Lisboa, 1992-1993, pp. 219-230. Com separata.

417 – “John Bull and Zé Povinho. The clash between two national stereotypes. A centennial remembrance of the 1890 British Ultimatum to Portugal”, *Isleña. Temas Culturais das Sociedades Insulares Atlânticas*, n.º 10, Funchal, Jan.-Jun. 1992, pp. 19-34, ilustr. Com separata.

“Lecture given at the Library of Congress, Washington, on May 14, 1990”.

418 – “O Século XX [incluído na «Síntese da História de Portugal»]”, *Atlas da História Mundial*. Edição Portuguesa, Lisboa, Editorial Enciclopédia, [1992], pp. 364-375, ilustr.

419 – “Ecos em Portugal da Terceira Guerra Carlista (1872-1876)”, *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. 62.º, Lisboa, 1992, pp. 9-34, ilustr. Com separata.

420 – “O Zé Povinho, caricatura do «homo lusitanus». Estudo de História das Mentalidades”, *Estudos em Homenagem a Jorge Borges de Macedo*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa, 1992, pp. 445-473. Com separata.

421 – “Zé Povinho e Sancho Pança: de Doré a Rafael Bordalo Pinheiro, passando por Cervantes”, *Intercâmbio [Instituto de Estudos Franceses da Universidade do Porto]*, n.º 3, Porto, 1992, pp. 92-107.

- 422– “João Abel Manta”, *João Abel Manta. Obra Gráfica [Catálogo da Exposição]*, Lisboa, Museus Municipais de Lisboa, 1992, pp. 35-44.

## 1993

- 423– *História de Portugal. Dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. Dirigida por [...], 15 vols., ilustr., Amadora, Ediclube, [1993].  
Reedições: 1995, 1997 (Amadora, Clube Internacional do Livro) e 2004 (20 vols. de pequeno formato, Amadora, Ediclube).  
Para além da coordenação geral da obra, o autor escreveu os seguintes textos:

- “Prefácio”, vol. I, pp. 9-11.
- “Não há utopias portuguesas”, vol. IV, pp. 227-232.
- “O terceiro império português. O império africano. O sonho dum «novo Brasil em África»”, vol. V, pp. 207-256.
- “O mal-estar dos Marranos”, vol. VI, pp. 87-90.
- “O Sebastianismo – exame crítico dum mito português”, vol. VI, pp. 251-386.
- “Cândido em Portugal ou Voltaire e o terramoto de Lisboa de 1755”, vol. VII, pp. 371-393.
- “D. Pedro, o herói dos dois mundos”, vol. VIII, pp. 127-134.
- “O Poder e a Glória: o Panteão português desde o Liberalismo aos nossos dias”, vol. VIII, pp. 285-311.
- “Antero de Quental, o Ícaro da Geração de Setenta”, vol. IX, pp. 87-107.
- “A crise colonial dos anos noventa em Portugal e Espanha e as suas consequências para os dois países ibéricos (1890-1898)”, vol. IX, pp. 219-230.
- “As campanhas militares em África nos finais do século”, vol. IX, pp. 231-250.
- “O republicanismo português da propaganda à revolução ou o ódio santo”, vol. IX, pp. 295-340.
- “A Carbonária portuguesa e o derrube da monarquia”, vol. X, pp. 11-27.

- “A Revolução republicana: o «Dies Irae» que não passou dum «idílio», vol. X, pp. 29-53.
  - “Machado Santos, o Republicano Recalcitrante”, vol. X, pp. 54-63.
  - “A adesivagem ou a República frustrada ao nascer”, vol. X, pp. 79-142.
  - “A bandeira republicana: de pendão insurrecto a bandeira nacional”, vol. X, pp.143-178.
  - “João Chagas entre dois ditadores”, vol. X, pp. 233-241.
  - “Fernando Pessoa: política e messianismo”, vol. XI, pp. 11-30.
  - “O Sidonismo ou a República fracturada”, vol. XI, pp. 33-76.
  - “A I República – o que foi?”, vol. XI, pp. 345-352.
  - “Deus, Pátria, Família: ideologia e mentalidade do Salazarismo”, vol. XII, pp. 11-142.
  - “O integralismo republicano”, vol. XII, pp. 143-148.
  - “Salazar e a ruptura de relações diplomáticas com a República Espanhola”, vol. XII, pp. 321-342.
  - “Um «barão» do salazarismo: o major Jorge Botelho Moniz”, vol. XIII, pp. 137-142.
  - “Humberto Delgado – Vinte anos depois”, vol. XIII, pp. 230-234.
  - “António Sérgio, afinador de pianos”, vol. XIII, pp. 257-260.
  - “Peter Weiss e o papão lusitano”, vol. XIII, pp. 357-362.
  - “João Abel Manta, o cartonista de Abril”, vol. XIV, pp. 120-127.
  - “Portugal reencontrado. Reflexões sobre Portugal após o 25 de Abril”, vol. XIV, pp. 151-174.
  - “O Zé Povinho, estereótipo nacional: a autocaricatura do «homo lusitanus»”, vol. XV, pp. 49-176.
- 424– “A imagem da República: ensaio de iconologia histórica sobre a origem e metamorfose da imagem feminina republicana”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5.ª Série, n.º 15, Lisboa, 1993, pp. 81-90, ilustr. Com separata.
- 425– “A toponímia – local de memória”, *Primeiras Jornadas de História Local e Regional (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)*. Coordenação de: Álvaro de Matos [e] Raul Rasga, Lisboa, Edições Colibri, 1993, pp. 35-43. Com separata.

- 426– “Bohumil Hrabal, *Comboios rigorosamente vigiados*. Trad. de António Sabler, capa de Luís Silva, Lisboa, Editorial Caminho, 1990, 89 p. [Recensão crítica]”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5.<sup>a</sup> Série, n.º 15, Lisboa, 1993, pp. 216-219.
- 427– *Dicionário de Eça de Queiroz*. Organização e coordenação de A. Campos Matos, 2.<sup>a</sup> ed. revista e aumentada, Lisboa, Editorial Caminho, imp. 1993. Entradas:
- “Anarquismo”, pp. 83-86.
  - “Eça e os Republicanos”, pp. 351-353.
  - “(AS) FARPAS, Crónica Mensal da Política, das Letras e dos Costumes”, pp. 415-419.
  - “Iberismo”, pp. 505-507.
  - “(A) RELÍQUIA, Romance de peregrinação e descoberta”, pp. 832-836.
  - “Paula dos Móveis”, pp. 700-702.

Colaboração na revista *Colóquio/Letras*

- 428– “Oliveira Martins, D. Afonso VI. *Drama Português em 4 Actos*. Prefácio, fixação do texto e notas de Guilherme d’Oliveira Martins, Lisboa, Guimarães Editores / 1989 [Recensão crítica]”, *Colóquio/Letras*, n.º 129/130, Lisboa, Julho-Dezembro 1993, pp. 272-274.

## 1994

- 429– *História de Portugal Contemporâneo (Político e Institucional)*, Lisboa, Universidade Aberta, 1994, 468 pp.
- 430– *Morte e transfiguração de Sidónio Pais*, Lisboa, Cosmos, 1994, 254 pp., ilustr.
- 431 – “A crise colonial dos anos noventa em Portugal e Espanha e as suas consequências para os dois países ibéricos, 1890-1898. Estudo de História Comparada”, *Iberische Welten. Festschrift zum 65. Geburtstag*

von Günter Kahle. Herausgegeben von Felix Becker, Holger M. Meding, Barbara Potthast-Jutkeit, Karin Schüller, Köln [etc.], Böhlau Verlag, 1994, pp. 207-218. Com separata.

432– “A grande mentira do Império ou um ilhéu na guerra da Guiné [«A propósito do romance de Álamo de Oliveira, *Até hoje (Memórias de cão)*, Angra do Heroísmo, Signo, 1988, 175 p.»]”, *Atlântida*, vol. XXXVIII, Angra do Heroísmo, 1.º Semestre 1994, pp. 25-43.

433– “O Caso Dreyfus em Portugal. Antologia, apresentação e notas por [...]”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5.ª Série, n.º 16/17, Lisboa, 1994, pp. 115-231.

434– “Dias calmos em Rhode Island (Crónicas de Nova Inglaterra)”, *Atlântida*, vol. XXXIX, Angra do Heroísmo, 2.º Semestre 1994, pp. 127-157, ilustr. Com separata.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Sem indicação de série.

435– “Uma concepção universalista e convivente de Portugal”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XIII, n.º 602, Lisboa, 18/1/1994, p. 17 [colns. 1-3].

436– “Seria Saint-Exupéry um ET?”, *ibidem*, Ano XIV, n.º 623, Lisboa, 31/8 a 13/9/1994, pp. 18 [colns. 1-4]-19 [colns. 1-2], ilustr.

437– “Garry Larson, o maior”, *ibidem*, Ano XIV, n.º 627, Lisboa, 26/10 a 8/11/1994, pp. 44 [colns. 2-4]-45 [colns. 1-3], ilustr.

438– “O cronista-mor da L(USA)lândia”, *ibidem*, Ano XIV, n.º 629, Lisboa, 23/11 a 6/12/1994, pp. 24 [colns. 3-5]-25 [colns. 1-2], ilustr.

## 1995

- 439– “A Transição Democrática em Portugal e Espanha (1974-1994): Uma Visão Histórica Comparativa”, 1.<sup>os</sup> *Cursos Internacionais de Verão de Cascais. Portugal e o Mundo – Do Passado ao Presente. Museu Condes de Castro Guimarães. 18 a 30 de Julho. 1994. Actas, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1995, pp. 225-253. Com separata.*
- 440– “A ideia de Europa: reflexões a partir da história contemporânea”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5.<sup>a</sup> série, n.º 18, Lisboa, 1995, pp. 11-19, ilustr. Com separata.
- 441– “O «Riso que Peleja»: As Farpas de Eça de Queiroz (1871-1872)”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5.<sup>a</sup> Série, n.º 19/20, Lisboa, 1995-1996, pp. 9-73, ilustr. Com separata.
- 442– “Torga e Salazar: a ditadura e o ditador nos *Diários* de Miguel Torga”, *Vária Escrita*, n.º 2, Sintra, 1995, pp. 3-18, ilustr.
- 443– “Democratic transition in Portugal and Spain: a comparative view”, *Revista de História das Ideias*, vol. 17, Coimbra, 1995, pp. 575-585. Com separata.
- 444– “As imagens de Salazar. Estudo de iconologia histórica sobre a representação do ditador português na caricatura, na escultura e na pintura”, *Isleña. Temas Culturais das Sociedades Insulares Atlânticas*, n.º 16, Funchal, Jan.-Jun. 1995, pp. 5-21, ilustr.
- 445– “Tricentenário do nascimento de Voltaire (1694-1994) [Nótula bibliográfica, antologia e notas]” *Revista da Faculdade de Letras*, 5.<sup>a</sup> Série, n.º 18, Lisboa, 1995, pp. 49-84, ilustr.
- 446– “Apresentação”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5.<sup>a</sup> Série, n.º 19/20, Lisboa, 1995-1996, pp. 5-6.

- 447– “História da unidade europeia desde o final da II Guerra Mundial aos nossos dias. Os Estados Unidos da Europa”, *II Guerra Mundial. 50 anos depois [Catálogo da Exposição]*. Direcção científica [de] João Medina [e] João Mário Mascarenhas, Lisboa, Biblioteca-Museu República e Resistência, [1995], pp. 6-29.
- 448– “Ecos de la tercera guerra carlista en Portugal (1872-1876)”, *La contrarrevolución legitimista (1688-1876)*. Dirigido por Joaquim Veríssimo Serrão [e] Alfonso Bullón de Mendoza, Madrid, Editorial Complutense, 1995, pp. 189-218.
- 449– “Salazar e Franco: dois ditadores, duas ditaduras”, *Espanha e Portugal. O fim das ditaduras*. Org.: Osvaldo Coggiola, São Paulo, Xamã, 1995, pp. 11-34.
- 450– *História de Portugal Contemporâneo (Político e Institucional)*. [Vídeo realizado por José Mexia], Lisboa, Universidade Aberta, 1995.
- Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Série de crónicas intitulada *Na Torre de Babel*
- 451– “Joana d’Arc é alemã?”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XIV, n.º 635, Lisboa, 15 a 28/2/1995, pp. 44 [colns. 2-4]-45 [colns. 1-3], ilustr.
- 452– “«Portugal existirá?» (perguntam os espanhóis)”, *ibidem*, Ano XV, n.º 637, Lisboa, 15 a 28/3/1995, pp. 44 [colns. 2-4]-45 [colns. 1-3], ilustr.
- 453– “É possível transformar uma pirâmide? McLenin’s”, *ibidem*, Ano XV, n.º 640, Lisboa, 26/4 a 9/5/1995, p. 45 [colns. 1-4], ilustr.
- 454– “O sr. Goethe e eu em Estrasburgo”, *ibidem*, Ano XV, n.º 646, Lisboa, 19/7 a 1/8/1995, pp. 40 [colns. 2-4]-41 [colns. 1-3], ilustr.
- 455– “Cidade pacífica, cidade turbulenta”, *ibidem*, Ano XV, n.º 652, Lisboa, 11 a 24/10/1995, p. 43 [colns. 1-3], ilustr.

456 – “Três dias em Pasárgada”, *ibidem*, Ano XV, n.º 654, Lisboa, 8 a 21/11/1995, pp. 40 [colns. 2-4]-41 [colns. 1-3], ilustr.

457 – “A condessa de Edla e o sr. Voltaire”, *ibidem*, Ano XV, n.º 657, Lisboa, 20/12/1995 a 2/1/1996, pp. 40 [colns. 2-4]-41 [colns. 1-3], ilustr.

## 1996

458 – “Salazar e Franco: Dois Ditadores, Duas Ditaduras”, *Actas dos 2.ºs Cursos Internacionais de Verão de Cascais. Museu Condes de Castro Guimarães. 24 a 29 de Julho de 1995*, vol. 2 – *Movimentos Sociais e Poder*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1996, pp. 169-192. Com separata.

459 – “[Discurso de abertura na Sessão Solene]”, *O fim da Segunda Guerra Mundial e os novos rumos da Europa. [Colóquio]. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 4 a 6 de Maio de 1995*. Coordenação de António José Telo, Lisboa, Edições Cosmos, 1996, pp. 11-13.

460 – “Sebastianismo”, *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Organização e direcção [de] Álvaro Manuel Machado, Lisboa, Editorial Presença, 1996, pp. 557-560.

461 – “Paulo Francis, *Waaal: o Dicionário da Corte de Paulo Francis*, organização de Daniel Piza, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, 291 p. [Recensão crítica]”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5.ª Série, n.º 21/22, Lisboa, 1996-1997, pp. 335-337.

462 – “European fascism: a conceptual synthesis”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 1, Lisboa, 1996, pp. 149-159. Com separata.

“Lecture given at the Watson Institute, Brown University, on March 25, 1994”.

463– “Os Estados Unidos da Europa: história da unidade europeia desde o final da Segunda Guerra Mundial aos nossos dias”, *O fim da Segunda Guerra Mundial e os novos rumos da Europa*. [Colóquio]. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 4 a 6 de Maio de 1995. Coordenação de António José Telo, Lisboa, Edições Cosmos, 1996, pp. 177-201. Com separata.

464– “Salazar e Franco: dois ditadores, duas ditaduras”, *História*, Ano XVIII, Nova Série, n.º 20, Lisboa, Maio 1996, pp. 4-15.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Série de crónicas intitulada *Na Torre de Babel*

465– “«Le Monde»: razões de um vício”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XV, n.º 660, Lisboa, 31/1 a 13/2/1996, pp. 40 [colns. 2-4]-41 [colns. 1-3], ilustr.

466– “Com Ezra Pound em Pisa”, *ibidem*, Ano XVI, n.º 663, Lisboa, 13 a 26/3/1996, pp. 40 [colns. 2-4]-41 [colns. 1-3], ilustr.

467– “Thurber, o Esopo ianque”, *ibidem*, Ano XVI, n.º 666, Lisboa, 24/4 a 7/5/1996, p. 41 [colns. 1-3], ilustr.

468– “Gatos, poetas e músicos”, *ibidem*, Ano XVI, n.º 669, Lisboa, 5 a 18/6/1996, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.

469– “Ver Veneza e morrer”, *ibidem*, Ano XVI, n.º 671, Lisboa, 3 a 16/7/1996, pp. 40 [colns. 2-4]-41 [colns. 1-3], ilustr.

470– “Uma aguarela da Sereníssima”, *ibidem*, Ano XVI, n.º 674, Lisboa, 14 a 27/8/1996, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.

471 – “«Shazan!», disse ele”, *ibidem* Ano XVI, n.º 676, Lisboa, 11 a 24/9/1996, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.

472 – “Francis, o terrível”, *ibidem*, Ano XVI, n.º 681, Lisboa, 20/11 a 3/12/1996, p. 42 [colns. 1-2], ilustr.

473 – “O Vert Galant”, *ibidem*, Ano XVI, n.º 682, Lisboa, 4 a 17/12/1996, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Sem indicação de série

474 – “Na estreia do filme de Roberto Faenza. O que afirma Tabuchi?”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XVI, n.º 664, Lisboa, 27/3 a 9/4/1996, p. 28 [colns. 1-4], ilustr.

Colaboração no *Diário de Notícias – Madeira*

475 – “Guerra colonial é filão literário [Extractos da palestra inaugural do I Ciclo de Conferências promovido pelo Mestrado de História da Universidade da Madeira]”, *Diário de Notícias-Madeira*, Ano 120.º, n.º 49616, Funchal, 7/5/1996, p. 14 [colns. 1-6], ilustr.

476 – “África cativa. A escravidão vista e julgada pelos Europeus, nomeadamente pelos Portugueses (sécs. XV a XX)”, *A rota dos escravos. Angola e a rede do comércio negro*, Lisboa: CEGIA [Centro para a Educação, Gestão e Investimento em Angola], 1996, pp. 17-79.

Esta obra foi escrita em co-autoria com Isabel Castro Henriques.

## 1997

477 – “Sobre as direitas em Portugal. Do Liberalismo ao «Estado Novo» (Ensaio de tipologia política)”, in José Emanuel Ferraz Janes, *Nacionalismo e nacionalistas na Madeira dos anos trinta (1928-1936)*. Com um prefácio

- de [...], Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura; Centro de História do Atlântico, 1997, pp. 11-24.
- 478– “O mito sebastianista hoje. Dois exemplos da Literatura Portuguesa Contemporânea: Manuel Alegre e António Lobo Antunes”, *Actas dos 3.ºs Cursos Internacionais de Verão de Cascais. Museu Condes de Castro Guimarães. 8 a 13 de Julho de 1996*, vol. 4 – *Literatura, Artes e Identidade Nacional*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1997, pp. 199-212. Com separata.
- 479– “Torga e Salazar: a ditadura e o ditador nos *Diários* de Miguel Torga”, «*Sou um Homem de Granito*»: *Miguel Torga e seu compromisso. Selecção das comunicações apresentadas no Colóquio Internacional sobre Miguel Torga, realizado na Universidade de Massachusetts, em Amherst, em Outubro de 1992*. Selecção, organização e apresentação de Francisco Cota Fagundes, Lisboa, Edições Salamandra, [1997], pp. 393-411.
- 480– “Varões republicanos. Quatro retratos de vultos políticos da I República: Machado Santos, Afonso Costa, João Chagas e Sidónio Pais”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 2, Lisboa, 1997, pp. 153-174, ilustr. Com separata.
- Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Série de crónicas intitulada *Na Torre de Babel*
- 481– “Luísa e Juliana ou a «Piorrinha» e a «Isca-Seca»: o par mórbido feminino d’ *O Primo Basílio* de Eça de Queiroz”, *Boca do Inferno. Revista de Cultura e Pensamento*, n.º 2, Cascais, 1997, pp. 197-225, ilustr.
- 482– “L. M. Mencken «en su tinta»”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XVI, n.º 686, Lisboa, 29/1 a 11/2/1997, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.
- 483– “Lusitana melancolia”, *ibidem*, Ano XVII, n.º 689, Lisboa, 12 a 25/3/1997, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.

- 484– “O museu do Holocausto”, *ibidem*, Ano XVII, n.º 692, Lisboa, 23/4 a 6/5/1997, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.
- 485– “Quando havia aldeias em Lisboa”, *ibidem*, Ano XVII, n.º 694, Lisboa, 21/5 a /6/1997, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.
- 486– “O príncipezinho de Lagos”, *ibidem*, Ano XVII, n.º 696, Lisboa, 18/6 a 1/7/1997, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.
- 487– “Jeová desconhecido”, *ibidem*, Ano XVII, n.º 702, Lisboa, 10 a 23/9/1997, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.
- 488– “A Provença revisitada”, *ibidem*, Ano XVII, n.º 706, Lisboa, 5 a 18/11/1997, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.
- 489– “A cidade do muro”, *ibidem*, Ano XVII, n.º 709, Lisboa, 17 a 30/12/1997, p. 41 [colns. 1-3], ilustr.
- Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Sem indicação de série
- 490– “O pai do Zé-Povinho”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XVI, n.º 684, Lisboa, 2 a 14/12/1997, pp. 9 [colns. 3-4] e 11 [colns. 1-4], ilustr.
- 491– “Onésimo no meio do mar”, *ibidem*, Ano XVII, n.º 700, Lisboa, 13 a 26/8/1997, p. 16 [colns. 2-4], ilustr.

## 1998

- 492– “Iberizar e desiberizar: pulsões de africanização e de europeização desde a crise peninsular dos anos noventa do século XIX”, *Los 98 Ibéricos y el Mar. Torre do Tombo (Lisboa) 27, 28 y 29 de Abril de 1998. Actas*, tomo III – *El Estado y la política*, [s.l.], Fundación Tabacalera; Sociedad Estatal Lisboa’ 98, imp. 1998, pp. 139-152. Com separata.

- 493– “As guerras coloniais em África e a literatura portuguesa actual (1961-1974)”, *Vária Escrita*, n.º 5, Sintra, 1998, pp. 19-46, ilustr.
- 494– “«O velho do Restelo, o Anti-Ulisses português»”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova série, vol. 3, Lisboa, 1998, pp. 25-37, ilustr. Com separata.
- 495– “Salazar na Alemanha: acerca da edição de uma antologia salazarista na Alemanha hitleriana”, *Análise Social. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, Quarta Série, vol. XXXIII, n.º 145, Lisboa, 1998, pp. 147-163. Com separata.
- Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Série de crónicas intitulada *Na Torre de Babel*
- 496– “Um sabor a Índia”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XVII, n.º 712, Lisboa, 28/1 a 10/2/1998, p. 44 [colns. 2-4], ilustr.
- 497– “«Senti-me só, fui para casa»”, *ibidem*, Ano XVII, n.º 715, Lisboa, 11 a 23/3/1998, p. 41 [colns. 1-3], ilustr.
- 498– “Auschwitz”, *ibidem*, Ano XVIII, n.º 717, Lisboa, 8 a 21/4/1998, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.
- 499– “A verdade sobre Humpty Dumpty”, *ibidem*, Ano XVIII, n.º 720, Lisboa, 20/5 a 2/6/1998, pp. 40 [colns. 2-4]-41 [colns. 1-3], ilustr.
- 500– “Ulisses, o europeu”, *ibidem*, Ano XVIII, n.º 723, Lisboa, 1 a 14/7/1998, pp. 40 [colns. 2-4]-41 [coln. 1], ilustr.
- 501– “A Provença de Van Gogh”, *ibidem*, Ano XVIII, n.º 727, Lisboa, 26/8 a 8/9/1998, p. 41 [colns. 1-4], ilustr.
- 502– “Yuste ou a solidão”, *ibidem*, Ano XVIII, n.º 733, Lisboa, 4 a 17/11/1998, pp. 42 [colns. 2-4]-43 [colns. 1-3], ilustr.

- 503– “Relendo Pasternak”, *ibidem*, Ano XVIII, n.º 735, Lisboa, 2 a 15/12/1998, p. 41 [colns. 1-3], ilustr.

**1999**

- 504– *A Geração de 70, uma geração revolucionária e europeísta*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1999, 106, [4] pp., ilustr.

Texto da Oração de Sapiência proferida na sessão inaugural do Mestrado em *Cultura e Formação Autárquica*, em 23 de Outubro de 1998. Inclui em anexo o Programa e Bibliografia do Seminário de *Cultura Portuguesa Contemporânea* leccionado pelo autor no ano lectivo de 1998-1999.

- 505– “The Old Lie: Some Portuguese Contemporary Novels on the Colonial Wars in Africa (1961-74)”, *Portuguese Studies*, vol. 15, London, 1999, pp. 149-161. Com separata.

- 506– “Símbolos europeus. Breve inventário da simbologia da União Europeia”, *A construção da Europa*. Coordenação de Sérgio Campos Matos, Lisboa, Edições Colibri, 1999, pp. 11-28, ilustr. Com separata.

- 507– “Que fazer do chamado «Hino nacional»? Estudo crítico sobre a letra de Henrique Lopes de Mendonça para o Hino Nacional Português”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 4, Lisboa, 1999, pp. 117-141. Com separata.

- 508– “Gilberto Freyre e Cabo Verde. Opiniões do criador do luso-tropicalismo durante uma visita promovida pelo Estado Novo”, *Isleña. Temas Culturais das Sociedades Insulares Atlânticas*, n.º 25, Funchal, Jul.-Dez. 1999, pp. 5-12, ilustr.

- 509– “Un cierto arte de perder o Memórias póstumas de Humpty Dumpty [Trad. de A. Crespo Massieu]”, *Viento Sur*, n.º 46, Madrid, Octubre de 1999, pp. 109-114.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Série de crónicas intitulada *Na Torre de Babel*

510 – “*Gaudeamus Igitur*”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XIX, n.º 742, Lisboa, 10 a 23/3/1999, pp. 40 [colns. 2-4]-41 [colns. 1-3].

511 – “*Relendo Pasternak*”, *ibidem*, Ano XIX, n.º 743, Lisboa, 24/3 a 6/4/1999, p. 43 [coln. 1].

Resposta à carta de uma leitora sobre o artigo com o mesmo título.

512 – “*O meu jesuíta*”, *ibidem*, Ano XIX, n.º 743, Lisboa, 24/3 a 6/4/1999, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.

Sobre o Padre Manuel Antunes.

513 – “*Cioran, o nihilista*”, *ibidem*, Ano XIX, n.º 746, Lisboa, 5 a 18/5/1999, p. 41 [colns. 1-3], ilustr.

514 – “*Nemo, Acab e a baleia branca*”, *ibidem*, Ano XIX, n.º 749, Lisboa, 16 a 29/6/1999, p. 41 [colns. 1-3], ilustr.

515 – “*Um Estaline de sacristia*”, *ibidem*, Ano XIX, n.º 753, Lisboa, 11 a 24/8/1999, p. 33 [colns. 1-4], ilustr.

516 – “*Sol, Sara, Sal*”, *ibidem*, Ano XIX, n.º 755, Lisboa, 8 a 21/9/1999, p. 36 [colns. 2-4], ilustr.

517 – “*Dom Hélder, o profeta*”, *ibidem*, Ano XIX, n.º 756, Lisboa, 22/9 a 5/10/1999, p. 43 [coln. 1], ilustr.

518 – “*Estátuas*”, *ibidem*, Ano XIX, n.º 760, Lisboa, 17 a 29/11/1999, p. 44 [colns. 2-4], ilustr.

519 – “*No Tarrafal*”, *ibidem*, Ano XIX, n.º 761, Lisboa, 1 a 14/12/1999, p. 45 [colns. 1-3], ilustr.

**2000**

- 520– *Ulisses, o Europeu*, Lisboa, Livros Horizonte, 2000, 142 pp., ilustr.
- 521– *Reler Eça de Queiroz. Das Farpas aos Maias*, Lisboa, Livros Horizonte, 2000, 143 pp.
- 522– *Eça de Queirós antibrasileiro?*, Bauru, São Paulo, Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2000, 203, [5] pp., ilustr.
- 523– *Salazar, Hitler e Franco. Estudos sobre Salazar e a Ditadura*, Lisboa, Livros Horizonte, 2000, 308 pp. ilustr.
- 524– “O papagaio de Flaubert ou de como nenhuma palavra cai no vazio”, *Professor Basilio Losada. Ensinar a pensar com liberdade e risco*. Editores: Isabel de Riquer, Elena Losada, Helena Gonzaléz, Barcelona, Publicacions de la Universitat de Barcelona, 2000, pp. 531-542.
- 525– “A ditadura Sidonista. A «Ideia Nova» de Sidónio: presidencialismo carismático ou regime profascista?”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 5, Lisboa, 2000, pp. 93-111, ilustr. Com separata.
- 526– “António Patrício e a sua máscara [Prefácio]”, in Jorge Carvalho Martins, *António Patrício. Um Diplomata Republicano Liberal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, imp. 2000, pp. 7-11.
- 527– “Sinel, a cinzenta raposa talassa [Prefácio]”, in Aniceto Afonso, *História de uma conspiração. Sinel de Cordes e o 28 de Maio*, Lisboa, Editorial Notícias, 2000, pp. I-VII.
- 528– “Gilberto Freyre contestado: o lusotropicalismo criticado nas colónias portuguesas como alibi colonial do salazarismo”, *Revista USP [Universidade de São Paulo]*, n.º 45, São Paulo, Março/Maio 2000, pp. 48-61.

529– “Fernando Pessoa e o «Tiraninho». O poeta da *Mensagem* e o ditador António de Oliveira Salazar (1928-1935). (Estudo e Antologia)”, *Boca do Inferno. Revista de Cultura e Pensamento*, n.º 5, Cascais, Maio 2000, pp. 31-76. Com separata.

530– *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz*. Organização e coordenação de A. Campos Matos, Lisboa, Editorial Caminho, 2000. Entradas:  
 – “Eça e o Brasil: temática brasileira na obra de E. Q.”, pp. 194-198.  
 – “Luísa e Juliana”, pp. 360-367.  
 – “Melício, João Crisóstomo”, pp. 413-414.  
 – “A *Relíquia* e Petrucelli della Gatina”, p. 573.

531 – “Eros contra Cristo. Estudo sobre *A Relíquia* de Eça de Queiroz”, *Isleña. Temas Culturais das Sociedades Insulares Atlânticas*, n.º 27, Funchal, Jul.-Dez. 2000, pp. 5-15, ilustr.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Série de crónicas intitulada *Na Torre de Babel*

532– “Hemingway cubano”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XX, n.º 769, Lisboa, 22/3 a 4/4/2000, p. 45 [colns. 1-3], ilustr.

533– “Che for ever”, *ibidem*, Ano XX, n.º 777, Lisboa, 12 a 25/7/2000, p. 37 [colns. 1-3], ilustr.

534– “Regresso a Pasárgada”, *ibidem*, Ano XX, n.º 783, Lisboa, 4 a 17/10/2000, pp. 42 [coln. 3]-43 [coln. 1], ilustr.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias* sem indicação de série

535– “Eros contra Cristo”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XX, n.º 779, Lisboa, 9 a 22/8/2000, pp. 13 [colns. 1-3]-14 [colns. 1-3], ilustr.

Sobre *A Relíquia*, de Eça de Queiroz.

**2001**

- 536– *O silêncio de Deus em Auschwitz e outras nótulas sobre a inacessibilidade de Deus. Seguido de O Museu do Holocausto*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2001, 31 pp., ilustr.
- 537– *Eça, Antero e Victor Hugo. Estudos sobre a cultura portuguesa do século XIX*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2001, 114, [2] pp.
- 538– “Eros contra Cristo: de Lisboa a Jerusalém e volta. Estudo sobre *A Relíquia de Eça de Queiroz*”, VII *Cursos Internacionais de Verão de Cascais. Serões Queirozianos. Museu Condes de Castro Guimarães. 3 a 8 de Julho de 2000*. Coordenação: João Medina e A. Campos de Matos, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2001, pp. 13-47, ilustr. Com separata.
- 539– “Le long chemin européen du Portugal: de la dictature au régime démocratique”, *Histoire de la construction européenne. Cinquante ans après la Déclaration Schuman. Colloque International de Nantes. 11, 12 et 13 mai 2000*, Nantes, Ouest Éditions, 2001, pp. 321-326. Com separata.
- 540– “O euro, moeda federal e dessacralizada”, *O Federalismo Europeu. História, Política e Utopia*. Coordenação [de] Ernesto Castro Leal, Lisboa, Edições Colibri, 2001, pp. 11-19, ilustr. Com separata.
- 541– “Uma parábola russa sobre a queda: o «Pkhentz» de Andrei Siniavsky”, *Poiética do Mundo. Homenagem a Joaquim Cerqueira Gonçalves*, Lisboa, Edições Colibri, 2001, pp. 633-646, ilustr. Com separata.
- 542– “Eça em Cascais (À maneira de prefácio aos *Serões Queirozianos*)”, VII *Cursos Internacionais de Verão de Cascais. Serões Queirozianos. Museu Condes de Castro Guimarães. 3 a 8 de Julho de 2000*. Coordenação: João Medina e A. Campos de Matos, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2001, pp. 7-10.

- 543– “António Patrício e os hieróglifos da morte. A pintura de Valdês Leal no *Dom João e a Máscara*”, *Vária Escrita*, n.º 8, Sintra, 2001, pp. 7-18, ilustr. Com separata.
- 544– “Manuel Laranjeira ou Um Português em Elsenor [Prefácio]”, in Eugénio Montoito, *Manuel Laranjeira e o Sentimento Decadentista na Passagem do Século XIX*, Póvoa de Santo Adrião, Europress, 2001, pp. 13-19.
- 545– “O Meu 25 de Abril”, in António Ventura, *Memórias da Resistência. Literatura Autobiográfica da Resistência ao Estado Novo*, Lisboa, Biblioteca-Museu República e Resistência, 2001, pp. 162-165.
- Contém nota biográfica do autor (*ibidem*, pp. 160-161).
- Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Série de crónicas intitulada *Na Torre de Babel*
- 546– “O papagaio de Flaubert”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XXI, n.º 796, Lisboa, 4 a 17/4/2001, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.
- 547– “O Zé sem utopia”, *ibidem*, Ano XXI, n.º 802, Lisboa, 27/6 a 10/7/2001, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.
- 548– “O Studenbaker roubado”, *ibidem*, Ano XXI, n.º 805, Lisboa, 8 a 21/8/2001, p. 41 [colns. 1-2], ilustr.
- 549– “Hotel Paraíso”, *ibidem*, Ano XXI, n.º 809, Lisboa, 3 a 16/10/2001, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.

## 2002

- 550– *Memórias do gato que ri. Seguidas de Uma certa arte de perder ou Memórias póstumas de Humpty Dumpty*, Lisboa, Livros Horizonte, 2002, 94 pp.

- 551 – “A «revolução quase copernicana» de Gilberto Freyre: o auto-retrato luso-brasileiro do Brasil em *Casa Grande & Sanzala*”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 6, Lisboa, 2002, pp. 103-118. Com separata.
- 552 – “O Papa entre Antígona e Creonte: Pio XI e a condenação do nazismo. A encíclica «Mit brennender Sorge» (14-3-1937)”, *Humanística e Teologia*, Ano 23, Fasc. 1, Porto, Janeiro/Abril de 2002, pp. 3-29. Com separata.
- 553 – “José Rodrigues Miguéis, cronista da crise e queda da primeira República: o seu romance *O Milagre segundo Salomé*”, *Crises em Portugal nos séculos XIX e XX. Actas do Seminário organizado pelo Centro de História da Universidade de Lisboa. 6 e 7 de Dezembro de 2001*. Coordenação de Sérgio Campos Matos, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2002, pp. 201-217, ilustr. Com separata.
- 554 – “O exílio americano de Thomas Mann”, *História*, Ano XXIV, III Série, n.º 47, Lisboa, Julho/Agosto 2002, pp. 46-54, ilustr.
- 555 – “O Papa entre Antígona e Creonte: Pio XI e a condenação do nazismo. A encíclica «Mit brennender Sorge» (14-III-1937)”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 7, Lisboa, 2002, pp. 9-46. Com separata.
- 556 – “O Mistério Sangrento”, in Jorge Martins, *O Senhor Roubado. A Inquisição e a Questão Judaica*. Prefácio de [...], Póvoa de Santo Adrião, Europress, 2002, pp. 11-22.
- 557 – “Thomas Mann Patriarca dos Exilados Alemães na América”, *O Século XX em Revista. Actas do Ciclo de Conferências realizado no Espaço – Memória dos Exílios, Estoril, em 2000/2001*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2002, pp. 105-167, ilustr.
- 558 – “O «Novo Robinson Político». Os 300 dias de Napoleão na ilha de Elba (4 de Maio de 1814 – 26 de Fevereiro de 1815)”, *Islenha. Temas Culturais das*

*Sociedades Insulares Atlânticas*, n.º 31, Funchal, Jul.-Dez. 2002, pp. 5-29, ilustr.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias* sem indicação de série

559– “Amélie de Montmartre ou um filme fabuloso”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XXI, n.º 816, Lisboa, 9 a 22/1/2002, pp. 28 [colns. 2-4]-29 [colns. 1-2], ilustr.

Este texto sobre o filme *Le fabuleux Destin d'Amélie Poulain*, realizado por Jean-Pierre Jeunet, foi incluído no dossiê de imprensa da edição portuguesa, em DVD, *O Fabuloso Destino de Amélie*, Lisboa, Atalanta, 2002.

## 2003

560– *Dois exilados alemães. Klaus Mann e Thomas Mann no exílio antinazi*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003, 134 pp., ilustr.

561– “O anticlímax como processo de humor queiroziano”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5.ª Série, n.º 27, Lisboa, 2003, pp. 157-165. Com separata.

562– “Da Europa e do espírito europeu. Figuras, emblemas e mitos: Uma breve antologia da ideia e da cultura europeias. Organização [...], recolha iconográfica, comentários, notas e traduções de [...]”, *Mestrado em História e Cultura Europeia Contemporâneas. 2003/2005*, Lisboa, Universidade de Lisboa; Faculdade de Letras; Departamento de História, 2003, pp. 19-91, ilustr.

563– “Estética e Terror: o romance *Os Deuses têm sede*, de Anatole France”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 8, Lisboa, 1.º Semestre de 2003, pp. 9-43, ilustr. Com separata.

564– “Neptuno, rei de Portugal e dos Algarves”, *Gávea-Brown* [Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown University], vol. XXIV-XXV, Providence (Rhode Island, E.U.A.), 2003-2004, pp. 171-176.

Fragmentos do romance *Náufragos do Mar da Palha*. Número de homenagem ao Professor George Monteiro, publicado na altura da sua jubilação.

565– “Adeus Escudo, bom dia Europa ou como se des-sacralizam as moedas nacionais [Prefácio]”, *História do Dinheiro em Portugal*, vol. I – *As moedas*, Alfragide, CIL [Clube Internacional do Livro]; Divisão de Coleccionáveis, [D.L. 2003], [pp. 3-6].

566 – “Cinema. Amélie de Montmartre, um Zorro de saias. Estudo sobre o filme *Le fabuleux destin d’Amélie Poulain* (2001) de Jean-Pierre Jeunet”, *Presença de Victor Jabouille*. Organização [de] António Ventura, [Lisboa], Faculdade de Letras; Universidade de Lisboa, 2003, pp. 261-278, ilustr. Com separata.

567– “Estética e Terror: o romance *Os Deuses têm sede*, de Anatole France”, *Literatura e História. Para uma prática interdisciplinar. Actas do Colóquio organizado pelo Departamento de Língua e Cultura Portuguesas e Departamento de Ciências Humanas e Sociais*, Lisboa, Universidade Aberta, SPMST-UMTE, 2003, CD-ROM.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Série de crónicas intitulada *Na Torre de Babel*

568– “Com Graham Greene, de Mafra ao Alvor”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XXII, n.º 847, Lisboa, 19/3 a 1/4/2003, p. 40 [colns. 2-3], ilustr.

569– “Há um diabo português?”, *ibidem*, Ano XXIII, n.º 853, Lisboa, 11 a 24/6/2003, p. 40 [colns. 2-3], ilustr.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Sem indicação de Série

570– “Brecht nos EUA”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XXIII, n.º 859, Lisboa, 3 a 16/9/2003, pp. 22 [colns. 1-4]-23 [colns. 1-2], ilustr.

## 2004

571– *Zé Povinho sem Utopia (Ensaio sobre o estereótipo nacional português)*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais; Instituto de Cultura e Estudos Sociais, 2004, 200 pp., ilustr.

Esta obra inclui a Oração de Sapiência proferida na abertura do ano lectivo de 2002/2003 do Mestrado em *Cultura e Formação Autárquica*, bem como o Programa e Bibliografia do Seminário de *História da Cultura Portuguesa*, leccionado pelo autor.

572– *Ortega y Gasset no exílio português (1942-1955). O filósofo espanhol no “reino cadaveroso” de Salazar (com um excuroso sobre a lusofilia de Miguel de Unamuno)*, Lisboa, Centro de História da Universidade, 2004, 118, [2] pp., ilustr.

573– “De Homero a Kafka, passando por Cervantes e Nietzsche: grandes mitos do imaginário cultural europeu”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 11, Lisboa, 2.º Semestre de 2004, pp. 13-92, ilustr. Com separata.

574 – “Degredo e colonização portuguesa: Um círculo vicioso do colonialismo português em África”, *Direito e Justiça. Revista da Faculdade de Direito da Universidade Católica Portuguesa*, vol. especial, Lisboa, 2004, pp. 15-34. Com separata.

575– “Sobre o Zé Povinho”, *Rui Pimentel. O Zé Povinho e outras caricaturas [Catálogo de Exposição]*, [Lisboa], Câmara Municipal de Lisboa; Biblioteca-Museu República e Resistência, [2004], p. 4.

- 576– “Dom Quixote, cavaleiro do ideal ou a ética da convicção”, *Vária Escrita*, n.º 11, Sintra, 2004, pp. 7-26, ilustr. Com separata.
- 577– “Manuel de Arriaga, O «Rei Lear da República»”, *O Tempo de Manuel de Arriaga. Actas do Colóquio organizado pelo Centro de História da Universidade de Lisboa e pela Associação dos Antigos Alunos do Liceu da Horta. 24 a 26 de Setembro de 2003*. Coordenação de Sérgio Campos Matos, Lisboa, Centro de História da Universidade e Associação dos Antigos Alunos do Liceu da Horta, 2004, pp. 65-74. Com separata.
- 578– “El Viejo do Restelo, Zé Povinho y el fin del viaje lusitano. Reflexiones sobre la identidad nacional portuguesa”, *Revista de Occidente*, n.ºs 278-279, Madrid, Julio-Agosto 2004, pp. 89-113, ilustr.
- 579– “O Grande Ditador (1940) de Charlie Chaplin”, *Cinema & História. 6 a 10 de Outubro de 2003*. Organização e apresentação de Miguel Monteiro, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 13-33, ilustr.
- 580– “O assassinato de Sidónio Pais”, *Factos Desconhecidos da História de Portugal*. Coordenação de António Simões do Paço, Lisboa, Selecções do Reader’s Digest, 2004, pp. 200-213.
- 581– “Portugal e os Portugueses na visão dos escritores espanhóis (séculos XIX/XX)”, *Actas dos X Cursos Internacionais de Verão de Cascais. Museu Condes de Castro Guimarães. 7 a 12 de Julho de 2003*, vol. 3 – *Portugal e Espanha: Entre o Vazio, o Receio e a Convergência*. Coordenação: José Tengarrinha e Celso Almuiña Fernández, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2004, pp. 61-126. Com separata.
- 582– “Europa 25 [Antologia gráfica e documental]”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 11, Lisboa, 2.º Semestre de 2004, pp. 229-247, ilustr. Com separata.

Com a colaboração de António Cordeiro Lopes.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Série de crónicas intitulada *Os meus vícios*

- 583– “Elogio do vício”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XXIV, n.º 883, Lisboa, 4 a 17/8/2004, p. 37 [colns. 1-3], ilustr.
- 584– “Brel forever”, *ibidem*, Ano XXIV, n.º 886, Lisboa, 15 a 28/9/2004, p. 36 [colns. 2-4], ilustr.
- 585– “50 anos de férias”, *ibidem*, Ano XXIV, n.º 889, Lisboa, 27/10 a 9/11/2004, p. 41 [colns. 1-3], ilustr.
- 586– “Duduche, o anarca francês”, *ibidem*, Ano XXIV, n.º 893, Lisboa, 22/12/2004 a 4/1/2005, p. 41 [colns. 1-3], ilustr.

## 2005

- 587– “No 130.º aniversário do Zé Povinho: Rafael Bordalo Pinheiro e o Zé Povinho, auto-caricatura do Português”, *Artis. Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*, n.º 4, Lisboa, 2005, pp. 355-365, ilustr. Com separata.
- 588– “América & Europa. Sonho americano, sonho europeu [Antologia]”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 12, Lisboa, 1.º Semestre de 2005, pp. 151-284, ilustr. Com separata.
- 589– “O velho sonho americano, o novo sonho europeu”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 12, Lisboa, 1.º Semestre de 2005, pp. 153-178, ilustr.

Com a colaboração de António Cordeiro Lopes e Ivo Inácio.

- 590– “Função e natureza do PCP na história portuguesa: Salazar e Álvaro Cunhal, ou a metáfora dos «dois cães de faiança»”, *Clio. Revista do Centro*

de *História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 12, Lisboa, 1.º Semestre de 2005, pp. 9-24, ilustr. Com separata.

591 – “À maneira de preâmbulo à nossa antologia de gravuras quixotescas e textos sobre o «D. Quixote»: Gustave Doré, (re)inventor do «Quixote» ou De como conheci o cavaleiro manchego e o seu fiel escudeiro”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 13, Lisboa, 2.º Semestre de 2005, pp. 11-34, ilustr.

592 – “D.Q. Antologia de textos sobre *D. Quixote*. Org. e notas de [...]”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 13, Lisboa, 2.º Semestre de 2005, pp. 45-92, ilustr.

Com a colaboração de Ivo Inácio.

593 – “D.Q. Ilustrações. Organização e legendas de [...]”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 13, Lisboa, 2.º Semestre de 2005, pp. 93-128, ilustr.

594 – “Portugal e os Portugueses na visão dos escritores espanhóis (Séculos XIX/XX)”, *Portugal und Spanien: Probleme (k)einer Beziehung = Portugal e Espanha: Encontros e Desencontros*. Herausgegeben von = Editado por Tobias Brandenberger [e] Henry Thorau, Frankfurt Main, Peter Lang, 2005, pp. 227-261. Com separata.

595 – “José Carlos Vasconcelos, Jornalista Cultural”, *Mealibra. Revista de Cultura*, III Série, n.º 17/18, Viana do Castelo, Inverno 2005/2006, pp. 156-161.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Série de crónicas intitulada *Os meus vícios*

596 – “Os meus mares”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XXV, n.º 900, Lisboa, 30/3 a 12/4/2005, p. 40 [colns. 2-4], ilustr.

597 – “Cigarras da Provença”, *Ibidem*, Ano XXV, n.º 913, Lisboa, 28/9 a 11/10/2005, p. 44 [colns. 2-4], ilustr.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias* sem indicação de série

598– “O Zé Povinho, auto-caricatura do português”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XXIV, n.º 898, Lisboa, 2 a 15/3/2005, pp. 7 [colns. 1-3]-8 [colns. 1-3] e 10 [coln. 1], ilustr.

## 2006

599– *Portuguesismo(s). (Acerca da Identidade Nacional). Ensaio sobre as imagens de marca identitárias, os emblemas, os mitos e outros símbolos nacionais. Seguido de O Zé Povinho, estereótipo nacional e autocaricatura do português desde 1875 e de outros estudos bem como de uma Addenda (panorama documental e gráfico comentado)*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2006, 543 pp., ilustr.

600– *Aushwitz e Moscovo. O silêncio de Deus em Auschwitz. Seguido de É possível explicar Auschwitz? e Dois escritores russos: Grossman e Siniavsky*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2006, 162 pp., ilustr.

601– “A América em pessoa: representação mental e icónica do Novo Mundo no imaginário europeu desde o séc. XVI”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 14/15, Lisboa, 2006, pp. 289-348, ilustr. Com separata.

602– “Salazar, o ditador anti-português. Retrato humano e político do «Tiraninho» António de Oliveira Salazar (1889-1970) como ditador autista”, *Mealibra. Revista de cultura*, III Série, n.º 20, Viana do Castelo, Inverno 2006/2007, pp. 109-123, ilustr.

603– “João Chagas (Rio de Janeiro, 1-IX-1863 – Estoril, 28-V-1925): de conspirador a diplomata”, in Vasco Pereira, *A Vida de João Chagas: de degredado de 1.ª classe a Primeiro Ministro* [1.ª ed. 1915]. Edição fac-similada, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2006, [pp. 5-7].

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Série de crónicas intitulada *Os meus vícios*

604– “Um sonho errante de casco amarelo”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XXV, n.º 922, Lisboa, 1 a 14/2/2006, p. 41 [colns. 1-3], ilustr.

605– “O meu amigo *Don Camillo*”, *ibidem*, Ano XXVI, n.º 927, Lisboa, 12 a 25/4/2006, p. 42 [colns. 2-4], ilustr.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Sem indicação de série

606– “Três «se» no século XX”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XXVI, n.º 936, Lisboa, 16 a 29/8/2006, p. 35 [colns. 2-3], ilustr.

607– “O labirinto do exílio”, *ibidem*, Ano XXVI, n.º 941, Lisboa, 25/10 a 7/11/2006, p. 44 [colns. 1-4], ilustr.

## 2007

608– O “Presidente-Rei” Sidónio Pais. *Estudos sobre Sidónio Pais e o seu consulado*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007, 110 pp., ilustr.

609– *Os Naufragos do Mar da Palha. Romance*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007, 317 pp.

610– “Salazar, o ditador anti-português. Retrato político e humano do «Tiranhinho» António de Oliveira Salazar (1889-1970) como ditador autista”, *Rumos e Escrita da História. Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida*. Coordenação de Maria de Fátima Reis, Lisboa, Edições Colibri, 2007, pp. 329-348. Com separata.

611 – “«Ser judeu, ser alemão»: o diálogo epistolar entre Hannah Arendt e Karl Jaspers (1926-1969)”, *Hannah Arendt: luz e sombra. Seminário Internacional*. Coordenação: Maria Luísa Ribeiro Ferreira, Cristina Beckert

- [e] Margarida Amaral, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007, pp. 193-209.
- 612– “A Caricatura Política em Portugal. Brevíssima sinopse histórica”, *Caricaturas de Bernardino Machado. Exposição 25 Abril/2 Junho 2006. Catálogo*, Vila Nova de Famalicão, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão; Museu Bernardino Machado, 2007, pp. 8-10.
- 613– “Eça e Rafael. Rafael Bordalo Pinheiro, modelo do pintor Camilo Serrão, personagem de Eça d’A *Tragédia da Rua das Flores*?””, *Artis. Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*, n.º 6, Lisboa, 2007, pp. 309-324, ilustr. Com separata.
- 614– “A Sinagoga de Recife: a primeira sinagoga do Novo Mundo”, *História*, Ano XXIX, III Série, n.º 96, Lisboa, Abril 2007, pp. 33-37, ilustr.
- 615– “Brevíssima História dos massacres, desde a tomada de Tróia aos nossos dias, passando por Guernica (1937) e pela Shoah”, *Problematizar a História. Estudos de História Moderna em Homenagem a Maria do Rosário Themudo Barata*. Coordenação [de] Ana Leal de Faria [e] Isabel Drumond Braga, Lisboa [etc.], Centro de História da Universidade de Lisboa; Caleidoscópio, 2007, pp. 443-476.
- 616– “A cultura durante a Guerra Fria (roteiro temático e bibliográfico)”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 16/17, Lisboa, 2007, pp. 437-505, ilustr. Com separata.
- Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Série de crónicas intitulada *Os meus vícios*
- 617– “Carson McCullers”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XXVI, n.º 948, Lisboa, 31/1 a 13/2/2007, p. 42 [colns. 2-4].

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias* sem indicação de série

618 – “Aos Republicanos”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XXVII, n.º 955, Lisboa, 9 a 22/5/2007, p. 2 [coln. 1].

## 2008

619 – *Caricatura em Portugal. Rafael Bordalo Pinheiro pai do Zé Povinho*, Lisboa, Edições Colibri, 2008, 171 pp., ilustr.

620 – “A América em pessoa: representação mental e icónica do Novo Mundo no imaginário europeu desde o séc. XVI”, *A Imagética do Renascimento. Para uma reflexão sobre a Identidade Nacional. Actas do Colóquio Internacional organizado pela Universidade Aberta e pelo Centro de História da Universidade de Lisboa*. Coordenação de Ana Paula Avelar e Maria Leonor García da Cruz, Lisboa, Universidade Aberta, SPMST, 2008, CD-ROM.

621 – “Fabrice del Dongo na Batalha de Waterloo”, *Napoleão. Mito & História*. Coordenação de António Ventura, Lisboa, Caleidoscópio; Centro de História da Universidade de Lisboa, 2008, pp. 55-63.

622 – “Brevíssima História dos massacres, desde a tomada de Tróia aos nossos dias, passando por Magdeburgo (1631), Guernica (1937) e pela Shoah (1941-1945)”, *A Guerra na Antiguidade II*. Coordenação [de] António Ramos dos Santos e José Varandas, Lisboa [etc.], Centro de História da Universidade de Lisboa; Caleidoscópio, 2008, pp. 13-35.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Série de crónicas intitulada *Os meus vícios*

623 – “A revolução impossível”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XXVIII, n.º 981, Lisboa, 7 a 20/5/2008, pp. 9 [colns. 1-3]-10 [colns. 1-3], ilustr.

624– “O Terceiro homem, 60 anos depois”, *ibidem*, Ano XXVIII, n.º 991, Lisboa, 24/9 a 7/10/2008, p. 43 [colns. 1-3], ilustr.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Série de crónicas intitulada *Emblemas e Mitos Americanos*

625– “Emblemas & mitos americanos. Os Simpsons”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XXVIII, n.º 995, Lisboa, 19/11 a 2/12/2008, p. 40 [colns. 3-4], ilustr.

626– “O Feiticeiro de Oz”, *ibidem*, Ano XXVIII, n.º 998, Lisboa, 31/12/2008 a 13/1/2009, p. 35 [colns. 1-3], ilustr.

## 2009

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias* sem indicação de série

627– “As leituras do novo presidente”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XXVIII, n.º 999, Lisboa, 14 a 27/1/2009, p. 38 [colns. 1-4], ilustr.

Colaboração no *JL. Jornal de letras, artes e ideias*. Série de crónicas intitulada *Emblemas e Mitos Americanos*

628– “O Gótico Americano”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XXVIII, n.º 1002, Lisboa, 25/2 a 10/3/2009, p. 43 [colns. 1-3], ilustr.

629– “Abraão Lincoln, um herói para todos”, *ibidem*, Ano XXVIII, n.º 1005, Lisboa, 8 a 21/4/2009, p. 43 [colns. 1-2], ilustr.





## B) - ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

630– “Homenagem a Delfim Santos [Depoimento sem título]”, *O Tempo e o Modo. Revista de pensamento e acção*, n.º 43/44, Lisboa, Novembro/Dezembro 1966, pp. 1087-1088.

631– “O trauma fundamental da História pátria [Depoimento no Inquérito «Quatrocentos anos depois. Alcácer Quibir: Que foi? Sebastianismo: que é?»]”, *Diário Popular*, Ano XXXVI, n.º 12601, Lisboa, 4/8/1978, pp. 3 [colns. 1-4] e 8 [colns. 1-4].

São incluídos igualmente os depoimentos de A. H. de Oliveira Marques e Joel Serrão.

632– “As Faculdades de Letras na Universidade Moderna (Mesa Redonda)”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5.<sup>a</sup> Série, n.º 1, Lisboa, Abril de 1984, pp. 95-109.

Debate promovido pela *Revista da Faculdade de Letras*. Participantes: Eduardo Marçal Grilo, Joaquim Cerqueira Gonçalves (moderador), João Medina (p. 104), Jorge Gaspar, Maria Helena Mira Mateus e Maria Helena Paiva Correia.

633– “Sermos hispanicamente europeus. Frente a frente [entre João Medina e Pilar Vasquez Cuesta, conduzido por Carlos Oliveira Santos, no dossier «Esta Península»]”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano V, n.º 176, Lisboa, 19 a 25/11/1985, pp. 18 [colns. 1-4]-19 [colns. 1-4].

634– “Criação e comunicação do conhecimento histórico na Faculdade de Letras”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5.ª Série, n.º 4, Lisboa, Dezembro 1985, pp. 7-9. Com separata.

Participantes no debate: Eduardo Borges Nunes, João Medina e Luís Filipe Barreto (redactor do texto).

635– “O Estatuto das Ciências Humanas (Mesa Redonda)”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5.ª Série, n.º 4, Lisboa, Dezembro 1985, pp. 119-141.

Debate promovido pela *Revista da Faculdade de Letras*. Participantes: João Medina (moderador, pp. 119-120, 133, 137-138 e 141), Fernando Gil, António Franco Alexandre e Luís Filipe Barreto.

636– “Portugal heterodoxo [Entrevista conduzida por Carlos Câmara Leme]”, *Público*, Ano 4, n.º 1412, Lisboa, 17/1/1994, pp. 2 [colns. 1-3]-4 [coln. 1].

637– “João Medina. O historiador vivido [Entrevista conduzida por Maria João Martins]”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Ano XIII, n.º 602, Lisboa, 18 a 24/1/1994, pp. 14 [colns. 1-4]-16 [colns. 1-4], ilustr.

638– “«Sou um europeísta convicto» [Entrevista conduzida por Paulo Freitas Rodrigues]”, *Diário de Notícias-Madeira*, Ano 118.º, n.º 48960, Funchal, 17/7/1994, Suplemento *Revista. Diário*, pp. 14 [colns. 1-4]-15 [colns. 1-4], ilustr.

639– “Salazar, o Ditador [Entrevista conduzida por Cristina Faria]”, *História*, Ano XVIII, Nova Série, n.º 27, Lisboa, Dezembro 1996, pp. 2-3.

640– “A Comuna foi a primeira experiência mítica de governo operário [Entrevista conduzida por António Simões do Paço e Luís Farinha]”, *História*, Ano XXIV, III Série, n.º 40, Lisboa, Novembro/Dezembro 2001, pp. 18-23.

- 641 – “Continuamos a ser aquilo que o Zé Povinho era [Entrevista conduzida por Clara Viana]”, *Pública*, Suplemento do jornal *Público*, n.º 456, Lisboa, 20/2/2005, pp. 5-8, ilustr.
- 642 – “«O Zé Povinho é um homem que tem horror à utopia» [Entrevista conduzida por Carla Maia de Almeida]”, *Notícias Magazine*, n.º 681, Suplemento do *Diário de Notícias*, n.º 49748, Lisboa, 12/6/2005, pp. 20-26, ilustr.
- 643 – “«Salazar era mau português» [Entrevista conduzida por Dulce Garcia]”, *Sábado*, n.º 142, Lisboa, 18 a 24/1/2007, pp. 30-32, ilustr.
- 644 – “João Medina. Como quem viu tudo [Entrevista conduzida por Clara Pinto Correia]”, *24 horas*, n.º 3228, Lisboa, 24/3/2007, Suplemento, [pp. 18-21], ilustr.





### C) - TRADUÇÕES

- 645– “Jornalismo e Literatura” [Tradução de T.S. Elliot], *Diário de Lisboa*, Ano 38.º, n.º 12701, Lisboa, 17/4/1958, p. 17 [coln. 2].

Obra publicada sem menção do autor.

- 646– “O perigo da leitura. Por Voltaire” [Tradução], *Diário de Lisboa*, Ano 38.º, n.º 12853, Lisboa, 18/9/1958, p. 16 [colns. 1-2].

Obra publicada sem menção do autor.

- 647– Jacques Duquesne, *Os católicos franceses e a resistência*. Tradução de António Jorge, Lisboa, Moraes Editores, 1968, 452, [2] pp.

Colaboração na tradução da obra.

- 648– Archibald MacLeish, “Os mortos espanhóis (1942) [Tradução]”, *Correio do Povo* [Ministério da Comunicação Social], Ano 1, n.º 9, Lisboa, 30/9/1975, p. 23.

Poema traduzido a propósito da execução de cinco anarquistas espanhóis (Otaegi, Baena, Sanz, Sanchez-Bravo e Paredes «Txiki»), ordenada pelo General Franco.

- 649– *Tratado de Sociologia*. Publicado sob a direcção de Georges Gurvitch, 3.ª ed. corrigida, vol. 2, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1977.

Tradução da “Décima Secção – Problemas da relação entre sociedades ditas arcaicas e sociedades históricas”, pp. 583-642.

- 650– “Poemas de Milosz e Raymond Queneau [Tradução e notas]”, *Revista da Faculdade de Letras*, 5.ª Série, n.º 21/22, Lisboa, 1996-1997, pp. 313-326, ilustr. Com separata.





Desenho de João Medina (2001)

Se, no espaço das Humanidades, em que João Medina se movimenta, realçar a acção deste, como professor, redundaria numa empobrecedora simplificação, a perspectiva adequada e justa, para não perder o seu veio mais significativo, não se nos oferece, todavia, espontânea e imediatamente. João Medina é, por um lado, um escritor, cuja complexidade a obra não esgota, mas, por um outro, ele é o autor-escritor produzido pela própria obra, sendo este, o autor que a obra plasmou, o que menos nos pode trair, na tentativa de desenhar o perfil do autor dessa mesma obra, cuja acção não fica restrita a esta. Estamos perante uma complexidade que não pode ser orientada apenas pelo consabido trocadilho o autor é a obra ou a obra é o autor.

J. Cerqueira Gonçalves



CENTRO DE  
HISTÓRIA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Cascais  
Câmara Municipal



ISBN 978-989-8068-04-0



9 789898 068040

## João Medina PENSAR E SENTIR A HISTÓRIA

João Medina manifesta, por obra escrita e ânimo evidente, uma sensibilidade essencialista, na (des) medida do que pretende. Nada menos do que a humanidade realmente vivida e geralmente sofrida de pessoas ou povos inteiros. Nada menos do que a dimensão trágica – ou dramática e por vezes “melodramática” – da humanidade que compartilhamos em devir. [...] Indo a um tema descomunal, como o Holocausto. Dedicá-lhe uma atenção reiterada, longe do mutismo de uns e da grandiloquência de outros. Os questionamentos podem rondar a própria teologia negativa. Mas a essencialidade que o objecto necessariamente transporta prefere verificá-la no sujeito concreto, na humanidade com nome e figura.

*Manuel Clemente*

Impetuoso? Sem dúvida. Combativo? Também. Cáusico? Por vezes. Mas quem não se deixa fascinar pelo seu verbo, que ora crepita, como o murmúrio de um regato, ora se incendeia, como a girândola de um vulcão? O João sempre me pareceu uma admirável força da natureza, diante da qual nada receia, devido à sua indómita vontade e talento. A sua vontade de “mudar o mundo” é, simultaneamente, acompanhada por um cepticismo devastador, que ora se refugia, magoadamente, numa escatologia laica ora numa escatologia religiosa. Surpreende-me – e sempre me surpreendeu – as suas convicções. [...] Por isso a sua historiografia é uma historiografia apaixonada e crítica, de dissensos mais do que de consensos, controversa e não unanimista.

*Norberto F. Cunha*

O título *Os Náufragos do Mar da Palha* (Livros Horizonte, 2006) oferece eximamente a chave da sua versão da história lusa. Estamos na verdade em presença de um “tour de force”, uma reflexão patética (no sentido original de *pathos*) de um natural de Moçambique [...] que depois de deambulações diversas pelo mundo (África do Sul, Moçambique, ex-União Soviética, Espanha, Israel, França, Estados Unidos) enriqueceu (e toldou?) a sua paleta cultural e estilística com catadupas de vivências e leituras. Portugal, a sua história e os seus mitos são a obsessão recorrente desta incursão pelos labirintos da alma e história nacionais [...] Estamos perante um livro-síntese de tudo o que escreveu o historiador e ensaísta, de quanto pensou e disse [...], mas nunca antes condensara numa só obra, sobre a história de Portugal e sobre a sua visão do mundo na idade madura que atingiu.

*Onésimo T. de Almeida*

